

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Mestrado Profissional Educação e Docência

Daniela Helena Cristina da Silva

**“EU TENHO UMA FÉ AMPLA QUE ABRANGE TODAS AS RELIGIÕES E
CRENÇAS...”: NARRATIVAS JUVENIS E VIVÊNCIAS DA DIVERSIDADE RELIGIOSA
NO COTIDIANO ESCOLAR**

Belo Horizonte

2023

Daniela Helena Cristina da Silva

**“EU TENHO UMA FÉ AMPLA QUE ABRANGE TODAS AS RELIGIÕES E
CRENÇAS...”: NARRATIVAS JUVENIS E VIVÊNCIAS DA DIVERSIDADE RELIGIOSA
NO COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e Docência da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Lycinia Maria Correa

Belo Horizonte

2023

S586e
T

Silva, Daniela Helena Cristina da, 1981-
"Eu tenho uma fé ampla que abrange todas as religiões e
crenças..." [manuscrito] : narrativas juvenis e vivências da diversidade
religiosa no cotidiano escolar / Daniela Helena Cristina da Silva. -- Belo
Horizonte, 2023.

98 f. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientadora: Lícinea Maria Correa.

Bibliografia: f. 89-92.

Anexos: f. 93-98.

1. Educação -- Teses. 2. Religião nas escolas públicas -- Teses.
3. Igreja e educação -- Teses. 4. Família e escola -- Teses.
5. Comunidade e escola -- Teses. 6. Pluralismo cultural -- Teses.
I. Título. II. Correa, Lícinea Maria, 1969-. III. Universidade Federal
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 377

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA DANIELA HELENA CRISTINA DA SILVA

Realizou-se, no dia 30 de janeiro de 2023, às 14:00 horas, 4107, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 384ª defesa de dissertação, intitulada "Eu tenho uma fé ampla que abrange todas as crenças e religiões...": narrativas juvenis e vivências da diversidade religiosa no cotidiano escolar, apresentada por DANIELA HELENA CRISTINA DA SILVA, número de registro 2020665926, graduada no curso de PEDAGOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Licínia Maria Correa - Orientador (Faculdade de Educação da UFMG), Prof(a). Cirlene Cristina de Sousa (Universidade do Estado de Minas Gerais), Prof(a). Marcos Antonio Silva (Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais), Prof(a). Conceição Clarete Xavier Travalha (Faculdade de Educação da UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Prof(a). Licínia Maria Correa (Doutora)
Prof(a). Cirlene Cristina de Sousa (Doutora)
Prof(a). Marcos Antonio Silva (Mestre)
Prof(a). Conceição Clarete Xavier Travalha (Doutora)

Belo Horizonte, 30 de janeiro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Licinia Maria Correa, Professora do Magistério Superior**, em 12/11/2024, às 10:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Conceição Clarete Xavier Travalha, Professora do Magistério Superior**, em 12/11/2024, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Starling Bosco, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 12/11/2024, às 19:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3725975** e o código CRC **09F3F597**.

Referência: Processo nº 23072.266469/2024-47

SEI nº 3725975

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Alexandrina e Antônio Vicente, que nunca mediram esforços para me incentivar a estudar. Gratidão à minha avó Orides, chamada carinhosamente de vovó Zezé, mãe de minha mãe; e à vovó Conceição, mãe de meu pai, minhas ancestrais guerreiras, que muito lutaram para o sustento de suas famílias, sempre com fé, ensinando-nos sobre as coisas da vida.

Gratidão à minha filha Luará, amada e querida força motriz que me impulsiona para o melhor a cada dia. Agradeço aos amigos que sempre me incentivaram, e com quem compartilhei bons e importantes momentos da vida. Não posso me atrever a escrever o nome de todos(os), pois não quero correr o risco de faltar nenhuma dessas pessoas especiais, elas compreendem a importância dessa partilha boa da vida.

Obrigada, meu querido marido Moacir, que me acompanhou nesta importante jornada, com quem compartilhei as minhas descobertas e que sempre me incentivou a executar esse desejo ser mestre em Educação.

Gratidão à Lycinia, pelo encontro nesse percurso de formação, de muita aprendizagem e acolhimento ao longo do processo de investigação, pelas desconstruções de paradigmas, que muitas vezes reproduzimos no ambiente escolar, e por ouvir as juventudes, que são protagonistas do Ensino Médio.

Agradeço a toda a equipe do Promestre/FaE da UFMG e aos(as) colegas que encontrei ao longo do caminho, com quem compartilhei e aprendi muito durante esse período de formação.

Obrigada à “Escola Orides da Silva”, que disponibilizou o espaço escolar para esta investigação junto aos(às) estudantes que foram meus/minhas interlocutores(as) e possibilitaram a pesquisa.

RESUMO

Nesta dissertação, investigamos como as/os jovens estudantes do Ensino Médio vivenciam as diversas manifestações religiosas na escola, como interagem com colegas que participam de comunidades com costumes diferentes, permeados pela religião ou sem religião, e como essas vivências afetam as relações entre as pessoas da comunidade escolar. A pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio no município de Lagoa Santa-MG, no ano de 2022. A investigação, de caráter quantitativo e qualitativo, utilizou como estratégia o questionário, para conhecer o perfil das/os jovens, suas manifestações religiosas ou não religiosas que povoam o ambiente escolar. Entrevistas narrativas buscaram compreender como as/os estudantes vivenciam, na escola, as suas crenças. Valente e Setton (2014, 2016), Novaes (2018), Bortone e Groppo (2022), Röhr (2013), Rufino (2019), Dayrell, Abramo (1997), Bicudo (2005), Costa (2014) e Silva (2021), conjunto de autoras/es que pavimentaram teórica e metodologicamente o caminho percorrido para a realização da pesquisa. Em diálogo com as narrativas juvenis, uma realidade com diversas formas de pertencimento religioso, bem como de não pertencimento ou ainda de vivenciar a espiritualidade sem estar conectado a uma determinada comunidade religiosa. Para as/os jovens, a família e a escola são importantes quando o assunto é expressar a sua religiosidade, ou ainda, afirmar-se como não religiosa/o. Os espaços de sociabilidade são aqueles em que mais frequentemente se manifestam a troca de informações sobre os modos de se afirmar religiosamente e as curiosidades que permeiam as vivências escolares, proporcionando trocas de saberes e também o exercício do respeito e da abertura ao diálogo entre estudantes, que estão sempre atentas/os, pois as tensões religiosas que se fazem presentes em nossa sociedade atravessam os muros da escola. As/Os estudantes narram vivências de preconceito, discriminação, silenciamentos e racismo religioso quando falam de seus pertencimentos e evidenciam a importância da construção de conhecimentos e práticas que eduquem para a convivência com a diversidade religiosa. As novas pedagogias propõem a reconstrução do conhecimento, aprendizagens que busquem compreender as/os estudantes e o mundo em que vivem.

Palavras-Chave: juventude; escola; diversidade religiosa; ensino médio.

ABSTRACT

In this dissertation, we investigate how young high school students experience their different religious manifestations within school, how they interact with colleagues who participate in communities with different customs, permeated by religion or without religion, and how these experiences affect the relationships between people in the school community. The research was carried out in 2022, during the morning shift at a public school that offers high school in the city of Lagoa Santa-MG. The quantitative and qualitative investigation used the questionnaire as strategies to understand the profile of the students and learn about the various religious or non-religious manifestations that populate the school environment. We carried out narrative interviews with the aim of understanding how students experience their beliefs at school. Valente and Setton (2014; 2016), Novaes (2018), Bortone and Groppo (2022), Röhr (2013), Rufino (2019), Dayrell, Carrano and Maia (2014), Abramo (1997), Bicudo (2005), Costa (2014), Paiva (2022) and Silva (2021) represent the group of authors who theoretically and methodologically pave the path taken to carry out the research. In dialogue with youth narratives, we notice a reality made up of different forms of religious belonging, as well as different ways of not belonging or even experiencing spirituality without being connected to a specific religious community. For young people, family and school are important references when it comes to expressing their religiosity, or even affirming themselves as non-religious. Spaces for sociability are the most frequent spaces where information is exchanged about ways of asserting oneself religiously, the curiosities that permeate school experiences, providing an exchange of knowledge and also the exercise of respect, openness to dialogue between students, who are always attentive, as the religious tensions that are present in our society cross the school walls. Students narrate experiences of prejudice, discrimination, silencing and religious racism when they talk about their belongings and highlight the importance of building knowledge and practices that educate for coexistence with religious diversity. New pedagogies propose the reconstruction of knowledge, learning that seeks to understand students, their families, faith communities and their knowledge about the world in which they live.

Keywords: youth; school; religious diversity; high school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Minha avó materna.....	12
Figura 2 – Intolerância religiosa	22
Figura 3 – Mãe perde guarda de filha	23
Figura 4 – Fachada da escola.....	25
Figura 5 – Resultados SAEB	27
Figura 6 – Lagoa Santa.....	28
Figura 7 - Mural escolar	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População residente por religião	20
Gráfico 2 - Sexo	55
Gráfico 3 – Cor/raça.....	56
Gráfico 4 – Tem irmãos.....	57
Gráfico 5 – Quantidade de irmãos	57
Gráfico 6 – Residentes no domicílio	57
Gráfico 7 – Renda familiar	59
Gráfico 8 - Escolaridade	60
Gráfico 9 – Possuem tradição religiosa familiar.....	61
Gráfico 10 – Frequência a templo religioso	62
Gráfico 11 – A qual religião pertence.....	62
Gráfico 12 – Qual grupo religioso frequenta.....	63
Gráfico 13 – Presenciou manifestação religiosa na escola.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Pesquisas científicas em educação e religiosidade: um debate que vem se construindo no Brasil	18
1.2 A relação escola e mídia no trato da diversidade religiosa	22
2 PERCURSO METODOLÓGICO	25
2.1 A escola Orides da Silva: quais as características desse espaço?	25
2.2 Quem são as/os jovens entrevistadas/os?	29
2.3 Interpretando pistas, movimentando olhares, produzindo dados junto aos interlocutores da pesquisa	33
2.4 Estratégias para conhecer as/os estudantes e a diversidade religiosa presente na escola	35
2.5 O exercício analítico	40
3 JUVENTUDES E CONDIÇÃO JUVENIL	42
3.1 Jovens e a escola	46
3.2 A diversidade religiosa e o ensino religioso nas escolas	47
4 INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA	55
4.1 Identificando a diversidade presente na escola	55
4.2 A diversidade religiosa na escola de Lagoa Santa e os múltiplos pertencimentos das/os estudantes do ensino médio	61
4.3 Como os/as estudantes experimentam as manifestações religiosas vivenciadas na escola	64
4.4 Juventudes, dinâmicas familiares e pertencimento religioso	77
5 CONCLUSÕES	84
REFERÊNCIAS	89
ANEXO 1 – Questionário	93
ANEXO 2 – Carta de anuência	97

1 INTRODUÇÃO

A instituição escola sempre esteve presente em minha vida. Minha avó materna era zeladora e também moradora de uma escola pública estadual que ofertava o ensino fundamental na cobiçada zona sul da cidade de Belo Horizonte. Desde muito pequena, frequentei e estudei naquela escola, que era enorme aos meus olhos. Durante a semana, muitas crianças traziam alegria para aquele ambiente e o som do recreio se tornou familiar na minha vida.

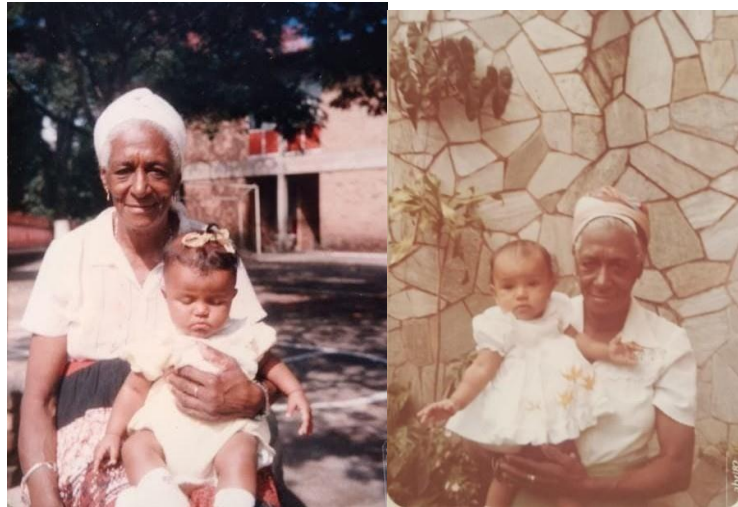
Nos finais de semana, a escola era toda nossa e, entre as várias diversões que o espaço propunha, a minha brincadeira preferida acontecia dentro da sala de aula. O meu maior desafio era convencer a minha mãe a levar até a casa de minha avó o máximo de amigos para serem “minhas alunas e meus alunos”¹. Afinal, como ser professora sem alunas e alunos?

Retomar as lembranças de minha avó, importante referência afetiva que faleceu quando eu tinha apenas nove anos, é trazer à memória uma senhora negra, umbandista, que usava turbantes e circulava nos corredores da escola com uma bandeja de café, passando de sala em sala, cumprimentando todos com alegria e oferecendo cafezinho para as professoras. Em seu lar, uma pequena lâmpada elétrica estava sempre acesa para Santa Efigênia, e as benzeções faziam parte da acolhida de muitos que por ali passavam.

O pesquisador Anderson Oliveira (2007) conta a história de Santa Efigênia. No início do século XVIII, a colônia portuguesa estava preocupada com a catequização dos negros escravizados no Brasil, de forma que houve o desdobramento da promoção da santa preta. Entre 1735 e 1738, o carmelita Frei José Pereira de Santana registrou, em sua obra *Os dois Atlantes de Etiópia*, a vida de Santo Elesbão e de Santa Efigênia, ambos exemplos de virtudes cristãs que viveram em terras africanas. Assim, veiculou-se a ideia de que aqueles que seguirem os santos, apesar do “acidente de cor”, como colocado pelos colonos, também seriam reconhecidos pela graça divina. Santa Efigênia, princesa da Núbia, filha do rei Egyppto, convertida ao catolicismo e batizada pelo apóstolo Mateus, ganhou grande número de devotas/os no extenso território brasileiro, simbolizando o cuidado e o acolhimento da mulher. Em suas mãos, Efigênia carrega uma pequena casa, uma simbologia que remete ao maior desejo de minha avó, ter a sua casa própria.

¹ A utilização da linguagem neutra de gênero é utilizada nesta investigação, motivada pela presença predominantemente feminina de interlocutoras/es.

Figura 1 - Minha avó materna



Fonte: acervo de família.

A Figura 1 mostra minha avó materna Orides carregando, em seus carinhosos braços e abraços, minha irmã e eu. Do lado esquerdo, estou eu; do lado direito vovó segura minha irmã. Ao fundo da imagem, o quintal de sua casa e também parte da quadra da escola em que ela trabalhava e eu estudava.

Cresci brincando de ser professora e esse desejo cresceu junto comigo. Parte da minha vida escolar também foi realizada na escola em que minha avó morava, sendo ela uma funcionária muito querida e respeitada. Mas, durante meu percurso no ensino fundamental, minha avó fez a passagem. Hoje, ela nomeia o refeitório da escola: Cantina Orides da Silva.

Narrar, num texto acadêmico, minhas vivências ancestrais é o que Luiz Rufino (2019) denomina de sabedoria de fresta, um conhecimento ancestral que resistiu ao longo da história de dominação das nossas terras e de nosso povo, e foi invisibilizado pela imposição do conhecimento canônico, legitimado pela colônia. Nesse sentido, retomar os conhecimentos produzidos na relação com meus familiares é, para mim, uma chance de me reposicionar. Assim como na encruzilhada, a morada de Exu, novas possibilidades, novos caminhos, pois “combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo” (Rufino, 2019, p. 16).

Ao longo da minha formação escolar, a instituição de ensino sempre foi um espaço de vivências significativas, favorecendo a construção de amizades e relações afetivas que carrego em minha vida. Com o passar do tempo, tornou-se um ambiente de questionamentos sobre a construção do saber.

Desde então, meu percurso pela educação passou por diversos setores e espaços da escola. Iniciei meu ofício em 2002, como auxiliar de biblioteca escolar em uma escola filantrópica. Em 2007, busquei o meu sonho de lecionar, fui professora do ensino fundamental em várias instituições públicas de ensino e, em meio à instabilidade profissional, percorri como professora designada algumas escolas públicas localizadas em diversos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Em 2011, ainda como designada, tive a oportunidade de exercer a função de supervisora pedagógica em uma escola municipal de Lagoa Santa e, ainda, no contraturno, realizei atendimento técnico-pedagógico em uma instituição socioeducativa de semiliberdade, exercendo a orientação educacional e profissional de adolescentes em conflito com a lei. Esses ofícios me ensinaram novas estratégias para lidar com os singulares e variados processos de aprendizagem de cada pessoa.

No decorrer de 2016, fui nomeada como especialista da educação básica, mais especificamente supervisora pedagógica da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais, função que exerço atualmente em uma escola de ensino médio, localizada na cidade de Lagoa Santa.

Em 2019, retornei à universidade trazendo na bagagem 15 anos de experiência profissional docente e as vivências de uma educadora em potencial. A decisão de retomar os estudos acadêmicos vinha certamente sendo construída dentro de mim desde o momento em que iniciei o caminho da docência. As diversas e singulares experiências pedagógicas que vivenciei trouxeram reflexões e inquietações sobre os processos educativos escolares. O maior impulso foi a realidade social: os desafios políticos e educacionais que afetaram fortemente os processos educativos escolares nos últimos anos, sobretudo após a eleição de 2018. O governo federal eleito em 2018 e implementado entre 2019-2022 revelou suas intenções ao ser representado por um ministro da educação com discurso fascista, desvalorizar os conhecimentos científicos e promover o sucateamento da educação pública em todas as modalidades de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior.

Em razão dessa realidade, movida pelo desejo de compreender mais profundamente a realidade na qual estava imersa, matriculei-me na disciplina Juventudes e escola, do Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG², tendo vivenciado encontros de acolhimento e muito aprendizado, por meio de leituras e diálogos com colegas

² Daqui em diante utilizarei a sigla FaE/UFMG.

educadoras e educadores, compartilhando questionamentos que emergiam de nossas inquietações. Vivenciar esses encontros me fez pensar em outras estratégias pedagógicas.

Considerando o extenso cronograma da disciplina cursada, um tema que ainda não havia debatido e que me chamou a atenção foi a importância da religiosidade na vida dos jovens. Ao realizar as leituras, à minha memória, vieram os diversos episódios de manifestações religiosas que vivenciei nas escolas públicas em que fui aluna e nas diferentes instituições em que trabalhei como professora do ensino fundamental.

Entusiasmada com as reflexões sobre as relações entre religiosidade e espiritualidade vivenciada pelas juventudes, em uma conversa de corredor, fiquei sabendo que o professor Ferdinand Rhör³ compareceria à Faculdade de Educação (FaE) para debater o tema educação e espiritualidade, num evento coordenado pela professora Teca e do qual participei. O autor aborda a diferença entre religiosidade e espiritualidade, sendo a religiosidade um grupo de pessoas que se organizam para compartilhar e celebrar a mesma fé, enquanto a espiritualidade é vista como um comprometimento incondicional com determinados valores éticos, uma dimensão humana que todos podemos alcançar, independentemente ou não uma doutrina religiosa.

Rhör (2013) nos ensinou sobre as cinco dimensões humanas em busca de alcançar a espiritualidade. Elas seguem uma escala que se inicia pela dimensão material, o corpo biológico, a nossa matéria densa, de modo que o autor salienta a importância do cuidado com o corpo e a saúde; a dimensão sensorial, por sua vez, está nas nossas sensações físicas, como audição, tato, visão e paladar, enfatizando a atenção que devemos ter aos nossos sentidos; já a matéria menos densa, na dimensão emocional identificamos nossos sentimentos como: medo, alegria, tristeza, empatia etc.; a dimensão mental, que se refere ao raciocínio lógico, à reflexão, à intuição e à fantasia, aproximando-nos da dimensão espiritual: nossa matéria mais sutil, quando nos comprometemos incondicionalmente com os nossos valores éticos (Röhr, 2013).

Esses conhecimentos contribuíram para as reflexões sobre os processos educativos vivenciados na escola, uma perspectiva que até então eu desconhecia, uma pedagogia fundamentada no agir tendo em vista princípios éticos, uma postura que favorece o acolhimento das diversas religiões das/os estudantes, proporcionando novos saberes e uma autocrítica ao trabalhar com cada dimensão apresentada pelo autor.

³ Ferdinand Rhör formou-se em pedagogia e matemática (licenciatura plena) e é doutor pela Rheinisch-Westfälisch Technische Hochschule Aachen, Alemanha; é professor titular do Departamento de Fundamentos Socio-Filosóficos da Universidade Federal de Pernambuco.

No segundo semestre de 2019, matriculei-me na disciplina *Educação e Espiritualidade*, ministrada pela professora Teca. As aulas ocorreram no Jardim Mandala: projeto idealizado por um estudante da UFMG, que organizou um espaço estruturado a partir dos princípios da geobiologia e da geometria sagrada, na busca da sintonia com os ciclos da vida e os modos mais naturais de lidar com o conhecimento e com o mundo. O jardim é composto por mais de 80 tipos de ervas medicinais, e o passeio por esse espaço é uma experiência.

Em um momento de acolhimento semanal, entre as diversas aprendizagens, a professora nos ensinou sobre a abordagem da relação horizontal, compreendida como uma proposta de convivência em que todos se encontram no mesmo nível de importância social, sem se ater a relações hierárquicas e ao poder, estabelecendo uma perspectiva de vínculos saudáveis cuja reflexão é de suma importância para o campo educacional. Nesse sentido, Röhr (2013) contribui ao citar a ética pedagógica, a importante atitude de autocontemplação do educador, momento em que a pessoa se permite ser autêntica consigo mesma, como ser humano, uma habilidade na prática educativa que proporciona aos estudantes um estímulo correspondente, experiência contagiante que vivi nas aulas da professora Teca.

Disposta a participar do processo seletivo do Promestre e sentindo-me despreparada e distante dos diversos padrões acadêmicos, conheci o curso *Afirmção na Pós*, uma ação desenvolvida pelo Programa Ações Afirmativas da FaE/UFMG (UFMG, 2021).

Os encontros semanais realizados na FaE/UFMG proporcionaram o aprendizado de técnicas de escrita acadêmica, bem como a apreensão dos conhecimentos prévios necessários ao ingresso na pós-graduação. O curso é voltado para pessoas que, como eu, não tiveram a oportunidade de construir um percurso acadêmico formal e, mobilizadas pela experiência profissional e pela atuação como educadoras e educadores, retornam à universidade para dar continuidade à sua formação e sistematizar reflexões, experiências e inquietações que emergem nas instituições educativas onde atuam.

Nesse período, a equipe de formadoras/es do Afirmção na Pós era composta por educadoras/es e ex-alunas/os desse curso, pessoas com conhecimentos técnicos que nos auxiliaram em todo o processo de escrita do projeto, compartilharam como foram seus processos de ingresso na pós-graduação, seus desafios e conquistas. Esses conhecimentos foram essenciais para a escrita do meu projeto.

Com as oportunidades para o ingresso no mestrado profissional, candidatei-me tendo em vista as cotas das ações afirmativas, fui aprovada como segunda excedente, mas, para a minha alegria, fui chamada para realizar a matrícula. Ênfase a importância dessa política pública, pois, graças à Lei de Cotas, tive a oportunidade de cursar a pós-graduação.

A professora Nilma Lino Gomes destaca a importância do Movimento Negro, cujos questionamentos, na década de 1980, no âmbito educacional promoveram o discurso de que a educação não estava cumprindo o papel universal, conforme colocado pela legislação brasileira (Gomes, 2017). O Movimento Negro questionava que as políticas educacionais não atendiam a grande massa, a população negra brasileira. O discurso e as reivindicações começaram a mudar essa realidade, com a implementação de políticas de ações afirmativas.

O ingresso no Promestre se deu em meio à pandemia da covid-19, que alterou completamente nossas vidas cotidianas devido à medida de isolamento social.

Na retomada das atividades acadêmicas, tive a oportunidade de participar dos encontros de formação e pesquisa do Programa Ações Afirmativas da FaE/UFMG de Ensino, Extensão e Pesquisa Observatório da Juventude da UFMG. Apesar das limitações das reuniões on-line, os encontros permitiram conhecer diversas pesquisas desenvolvidas por colegas mestradas/os e doutoradas/os, projetos educacionais focados na valorização das juventudes e metodologias desenvolvidas em projetos de extensão e pesquisa que fazem da escuta e do diálogo as principais ferramentas de interação com as/os jovens em suas singularidades, imersos no presente e conectados com as perspectivas que constroem o futuro. Ao participar das intensas discussões teóricas, metodológicas e conceituais, fui redimensionando meu projeto de pesquisa para chegar até aqui.

Outra vivência significativa foi a minha participação no 33º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), junto ao grupo de trabalho *Juventudes e Religiosidades: cenário e perspectivas*. Esse encontro proporcionou diálogos com pesquisadores que apresentaram temas similares ao meu. Foi um momento de muita troca e aprendizagem, trazendo a possibilidade de conhecer propostas de pesquisas voltadas para diversas dimensões da religiosidade e investigações com o engajamento das juventudes. A participação no congresso possibilitou a publicação de um artigo, o que representou uma experiência de exercitar a escrita e compartilhar o estudo em andamento, impulsionando novas estratégias para o caminhar da pesquisa.

Minha inserção no mestrado se relaciona às vivências como educadora e supervisora pedagógica em instituições públicas educativas, de onde emerge a meu interesse pela pesquisa. Nas experiências em instituições educativas, presenciei práticas e manifestações religiosas de educadoras/es, algumas vezes de forma impositiva, como em reuniões pedagógicas ou na tradicional festa da família, com a apresentação de músicas e coreografias interpretadas pelos estudantes, sendo a maioria das apresentações com referência a igrejas cristãs: católicas, evangélicas e pentecostais. Vivencio ainda situações em que estudantes, majoritariamente

pertencentes a religiões cristãs, afirmam que um colega é pecador ao saberem do seu pertencimento religioso não cristão.

Entre as várias inquietações vivenciadas em instituições de ensino, chamou a atenção uma discussão que surgiu no ano de 2019, no grupo de WhatsApp de docentes da escola em que atuo. O embate teve início quando foi criado por estudantes um grupo de prática religiosa evangélica com a visão do G12⁴, também conhecido como célula. Alguns docentes – ao tomarem conhecimento do fato por intermédio de postagens de estudantes que, uniformizadas/os, divulgaram no Facebook a célula associada ao nome da escola – discordaram da abertura da escola para as/os estudantes se reunirem. Esse episódio gerou uma discussão na sala das/os professoras/es e, por um lado, alguns afirmavam que era melhor rezar, pois tinham medo de que a falta de fé pudesse levar algum estudante a chegar atirando dentro da escola. Por outro lado, alguns docentes questionavam se a escola estava aberta para receber as diversas religiões das/os estudantes ou somente a então presente célula.

Após o acontecimento, as imagens foram retiradas da rede social e, a pedido da direção da escola, os encontros continuaram acontecendo ao longo do ano letivo, durante o horário do recreio. Já no grupo de professores, o assunto, que causou desconforto entre os profissionais, não foi mais comentado.

Com o ocorrido, vieram à tona questões como: sendo laica, como a escola pode acolher a diversidade religiosa manifestada por sujeitos da comunidade em que está inserida? Em que medida a religiosidade e a fé são importantes na vida das/os estudantes na escola? Essas indagações, que emergem das minhas vivências e do aprofundamento nas leituras sobre culturas juvenis, religiosidades e educação, são provocações que trago para o campo de pesquisa.

A pesquisa apresenta como objetivo central compreender como as relações sociais se constituem no ambiente escolar quando permeadas pelas manifestações religiosas das/os jovens, estudantes do ensino médio de uma escola pública. Para responder a esse questionamento, foi realizado um levantamento por amostragem da diversidade religiosa de estudantes do turno matutino da escola investigada, utilizando como instrumentos o questionário e a entrevista narrativa, ferramentas descritas no capítulo que trata da metodologia. Os dados coletados por meio dos questionários e de gravação de áudio foram cuidadosamente analisados, em respeito

⁴ Eliane Andrade (2010), em sua pesquisa de mestrado *A Visão Celular no Governo dos 12: estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008*, explica que G12 pode significar “grupos de doze” ou “governo dos doze”, referindo-se a grupos organizados em células e mediados pelas lideranças da comunidade religiosa, estratégia desenvolvida por Castellano e agregada ao sistema atual. Segundo o pastor, trata-se de um método de crescimento que possui maior eficácia, com encontros realizados fora do ambiente da igreja. Os preceitos religiosos são ensinados em diversos espaços e os grupos devem ser acompanhados pela administração do pastor da comunidade.

aos estudantes do ensino médio que colaboraram para esse estudo, dizendo das suas vivências nas relações interreligiosas na escola e em outros lugares de convívio social.

A dissertação se encontra organizada em capítulos que, ao longo da leitura, revelam o caminho da investigação proposta, a começar por esta introdução. O segundo capítulo apresenta as pesquisas que dialogam com a proposta dessa investigação. O terceiro capítulo é dedicado à descrição do percurso metodológico, evidenciando o caminho seguido, o campo de pesquisa, as/os estudantes que participaram da pesquisa e as estratégias que nos permitiram a escuta e o diálogo com esses sujeitos. Começamos por situar a escola pesquisada, o território que ocupa e como as/os estudantes que habitam os diversos territórios ocupam, do ponto de vista religioso, a escola.

O quarto capítulo apresenta um debate com autoras e autores que, do ponto de vista sociológico, tematizam as juventudes e as questões que envolvem essa fase da vida, refletindo sobre o olhar da sociedade na atualidade, dimensionando as relações das/os jovens com a escola, permeadas pelo pertencimento religioso. No quinto capítulo, entremeado pelas minhas interpretações produzidas por pesquisadoras/es que se dedicam a pensar os modos como as juventudes manifestam seu pertencimento religioso no interior da escola. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as interpretações que inspiraram a produção do recurso pedagógico.

1.1 Pesquisas científicas em educação e religiosidade: um debate que vem se construindo no Brasil

Neste capítulo, recorreremos a autoras/es que dialogam com os temas: juventudes, religião e escola, termos que também foram utilizados como palavras-chave para a busca de pesquisas em plataformas de trabalhos científicos. A busca inicial foi realizada no portal da Capes, onde foram identificados 15 artigos disponibilizados. A seleção dos textos foi realizada após a leitura dos resumos, e 6 títulos foram selecionados, pois apresentavam temas que dialogam com a presente pesquisa. Essa realidade redirecionou a procura de outras pesquisas, uma vez que o olhar foi destinado às referências bibliográficas utilizadas pelos autores até então encontrados.

As pesquisadoras Maria da Graça Setton e Gabriela Valente (2016) escreveram um artigo contendo análise dos textos científicos que estabelecem interface entre religião e educação nas áreas de história, antropologia, educação e sociologia entre os anos de 2003 e 2013 no contexto brasileiro. O vasto material analisado pelas pesquisadoras abordam questões complexas e contemporâneas sobre política e religião e está composto por 20 artigos:

Esse grupo pode ser subdividido entre: a) aqueles que tratam de aspectos históricos do processo de laicidade no Brasil, na Europa e na América Latina, fatos reveladores de uma época marcada pela modernidade e pelas democracias nacionais; b) um segundo subgrupo de pesquisas que salientam a contínua interface religião e política no Brasil; e, em terceiro lugar, c) estudos de caráter histórico e filosófico de natureza ampla e teórica. Para os interesses da reflexão, a atenção será especificamente aos tópicos a e b, pois eles marcam o matiz das discussões das demais categorias de análise deste estudo (Setton; Valente, 2016, p. 421).

As pesquisadoras chamam a atenção para o contexto social e histórico das localidades em que as pesquisas acontecem. No Brasil, a história da educação tem início com a chegada dos colonizadores e da Igreja Católica, um processo que explica a existência de elementos religiosos nas instituições públicas do país até os dias atuais. Durante a República, o contexto político nacional foi influenciado por um novo pensamento, pois, naquele momento na Europa, a religião cristã começa a ser questionada e não é vista como detentora do saber sobre o mundo.

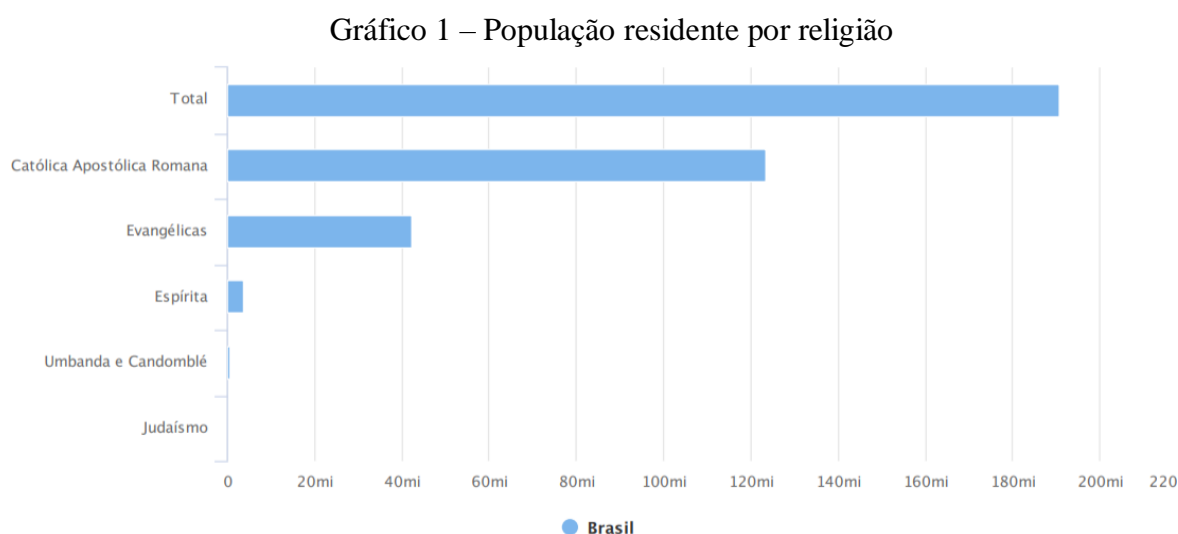
Nesse momento, a educação escolar passa por rupturas com o conhecimento da Igreja Católica, o pensamento agora apresenta a base científica. Novas diretrizes são implementadas pelos órgãos públicos do Governo, entre elas o reconhecimento de outras religiões na nação brasileira. Conseqüentemente, nas esferas públicas, surge um movimento de tentar afastar a Igreja Católica das decisões do Estado.

Para compreender a presença da religiosidade no ambiente escolar, Douglas Bortone (2022), em sua dissertação intitulada *Religiosidades e Movimento Estudantil: relatos das ocupações secundaristas no Brasil em 2015-2016*, discute as relações entre juventudes, religião e escola. O estudo proporcionou uma reflexão sobre o protagonismo político juvenil dos secundaristas entrevistados, o trânsito religioso entre os jovens e as relações inter-religiosas no contexto do ensino médio no Brasil. Na investigação, o autor apresenta um rico levantamento bibliográfico, que agrega para o debate sobre a diversidade religiosa.

É importante enfatizar que o diálogo sobre juventudes e religião é necessário para garantir a implementação e a execução de políticas públicas de ensino com foco na equidade de direitos e na preservação qualitativa da legislação em todo o território brasileiro. Nesse sentido, ressalta-se o reconhecimento da singularidade do sujeito que, atravessada pela religião, assume e revela características expressivas no comportamento individual e grupal de uma comunidade, modelando formas de pensar, agir e ser da população. Cabe ressaltar que o Brasil é um país vigorosamente religioso.

Para conhecer a religiosidade da população brasileira, recorreremos ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As declarações religiosas da população brasileira coletadas no censo de 2010 registram que 15.335.510 pessoas afirmaram ser sem religião; 243.966

declararam ser budistas; 167.363 afirmaram ser do candomblé; 560.781 relataram ser católicas apostólicas brasileiras; 123.280.172 pessoas responderam ser católicas apostólicas romanas; 131.571 afirmaram ser católicas ortodoxas; 3.848.876 são espíritas; 61.739 registraram ser espiritualistas; 42.275.440 disseram ser pertencentes a religião evangélica; 5.675 pessoas declaram ser hinduístas, 26.509 afirmaram pertencer à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; 35.167 pessoas declararam o islamismo como sua religiosidade, 107.329 citaram o judaísmo; 643.598 relataram não haver uma determinada religiosidade e afirmaram ter múltiplo pertencimento; 155.951 se identificaram com novas religiões orientais; 1.393.208 afirmaram ser testemunhas de Jeová; 74.013 pertencem a tradições esotéricas; 63.082 são de tradições indígenas; 407.331 pertencem à umbanda; 588.797 afirmaram frequentar a umbanda e o candomblé; 14.103 pessoas registraram outras declarações de religiosidades afro-brasileiras; 9.675 são pertencentes a outras religiões orientais; 11.306 afirmaram outras religiosidades; 1.461.495 disseram ser de outras religiosidades cristãs e 196.099 não souberam responder.



Fonte: IBGE, 2020.

Os dados registram a diversidade religiosa existente mesmo nas diferentes matrizes religiosas. Nas matrizes religiosas cristãs e judaicas, foram identificadas as linhas apostólica romana, apostólica brasileira, testemunhas de Jeová, judaísmo, evangélica, espírita, espiritualista, católica ortodoxa, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, entre outras religiosidades cristãs. Nas religiões de matriz africana, foram citados o candomblé, a umbanda e outras religiosidades afro-brasileiras. A diversidade ainda contempla o hinduísmo, o budismo e as novas religiões orientais. Tradições esotéricas, tradições indígenas, outras formas de

religiosidade e o fato de não ter religião são também citados pelas pessoas indagadas. Os resultados da pesquisa denotam, ainda, que os múltiplos pertencimentos religiosos são uma realidade presente na cultura brasileira.

As respostas registradas sobre a pluralidade religiosa do Brasil suscitam a indagação sobre os modos como as relações estão sendo construídas nos espaços em que essa diversidade se encontra. É preciso considerar a movimentação religiosa vivida ao longo da história do país, uma vez que os dados apresentados foram registrados há 12 anos, o que nos leva a considerar que a realidade vivida pela população mudou ao longo do tempo.

No contexto das juventudes do território brasileiro, para conhecer sobre as diversas religiões, a pesquisadora Graciela Oliveira e o pesquisador Nélio Bizzo (2017) organizaram uma pesquisa por amostragem de âmbito nacional com 2.573 jovens brasileiros de 78 escolas públicas, matriculados no 1º ano do ensino médio. A investigação teve o intuito de identificar a pluralidade religiosa entre os jovens das cinco regiões brasileiras. Realizada em 2017, pelo grupo de trabalho *Juventude: Resiliência e Vulnerabilidade*, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação, a pesquisa por amostragem foi realizada com 2.573 jovens entre 12 e 18 anos de idade. A Tabela 1, material disponibilizado pelo grupo de pesquisa, apresenta a análise descritiva referente ao percentual de participantes por filiação religiosa.

Tabela 1 – Percentuais de participantes por afiliação religiosa e região do país

Opções religiosas	Sul	Norte	Centro-Oeste	Sudeste	Nordeste	Total
Católico	39,0	49,3	36,0	32,2	48,9	43,3
Evangélico	13,6	44,0	20,0	44,6	30,5	28,5
Sem religião	28,7	18,6	42,0	17,6	18,4	22,3
Espírita	7,5	2,3	2,0	1,0	0,8	3,3
Umbandista	7,3	0,6	0,0	0,0	0,4	2,7
Protestante	1,7	4,0	0,0	5,2	2,3	2,6
Ateu	3,6	1,7	0,0	1,3	1,0	2,0
Outro	5,6	3,5	0,0	3,9	3,0	4,1
Total	32,6	17,8	1,9	12,0	35,7	100

Nota: questão de múltipla escolha.

Fonte: Bizzo e Oliveira, 2017.

Os dados demonstram as diversas manifestações religiosas de jovens matriculados em escolas públicas situadas nas cinco regiões brasileiras. Com o olhar direcionado para a região Sudeste, território onde se localiza o estado de Minas Gerais e o município de Lagoa Santa, localizamos elementos importantes que dialogam com as variadas formas de crer.

Para iniciar uma reflexão sobre o encontro da diversidade religiosa no ambiente escolar, no próximo item, dois noticiários sobre vivências da religião na escola relatam situações de

tensão nas relações, apresentando realidades que contribuem para o debate sobre o respeito e a importância do conhecimento sobre as diversas crenças presentes em nossa sociedade.

1.2 A relação escola e mídia no trato da diversidade religiosa

Recorremos à mídia nacional para localizar fatos ocorridos sobre a questão da convivência social, atravessada pela diversidade das religiosidades brasileiras nas escolas públicas. A notícia 1 demonstra o atual momento político/educacional do país. No dia 20/12/2021, a mídia denunciou o preconceito religioso e a transfobia por parte de alguns vereadores da cidade de Niterói/RJ. A escola publicou, em sua rede social, um passeio em que as crianças conheceram o quilombo urbano Xica Manicongo; junto estava presente uma parlamentar municipal, que, por ser negra e transexual, também foi alvo de agressões feitas em publicações nas redes sociais. Cabe ressaltar que os insultos partiram de um parlamentar que trabalha para a população do município citado.

Figura 2 – Intolerância religiosa



Fonte: Borges, 2021.

A situação demonstra o posicionamento político de um parlamentar que constrói seu discurso agressivo utilizando argumentos baseados em apenas um preceito religioso, uma postura que desrespeita grande parcela da população brasileira, que é composta por variadas crenças.

A pesquisadora Regina Novaes (2012) enfatiza que as demandas atuais da sociedade não comportam hoje uma única base de representação; é questionável um poder centralizado

nas instituições estatais que garante interesses comuns de classe e/ou corporativos. Soma-se a isso o desencadeamento de mudanças nas políticas públicas de forma arbitrária, apresentando medidas que buscam ser implementadas rompendo o diálogo com reais demandas da população, fomentando o desemprego, as privatizações e o sucateamento do serviço público.

Em outro episódio mais recente, em um município vizinho a Lagoa Santa – local em que realizamos a presente pesquisa –, uma mãe passa pelo constrangimento de perder a guarda de sua filha, uma jovem de 14 anos, após frequentar um ritual de umbanda. A adolescente contou na escola sobre o evento religioso, para o qual foi acompanhada da genitora, a equipe pedagógica considerou o ritual inapropriado para a estudante e acionou o Conselho Tutelar, que tomou tal atitude.

Figura 3 – Mãe perde guarda de filha

Portal O Tempo > Cidades > Artigo

ABSURDO

Mãe perde guarda de filha após levá-la à Umbanda na Grande BH

Caso é acompanhado por entidade de defesa da liberdade de crença e é tratado como racismo religioso

Por Anderson Rocha
Publicado em 13 de junho de 2022 | 17h38 - Atualizado em 13 de junho de 2022 | 17h49

Fonte: Rocha, 2022.

Diante do ocorrido, percebemos, de um lado, a realidade de uma escola pública composta por uma equipe de educadoras/es não qualificadas/os para acolher as complexidades familiares, a diversidade cultural e religiosa, bem como as especificidades da comunidade do entorno da instituição de ensino. De outro lado, o Conselho Tutelar, um órgão de autoridade pública, nesse caso composto por profissionais que também não se encontram qualificadas/os para lidar com a diversidade cultural/religiosa da comunidade em que prestam o atendimento, conhecimento dos dispositivos legais de proteção à infância, à adolescência e à juventude.

Os fatos ocorridos repercutiram fortemente entre especialistas da área da sociologia e representantes do Movimento Negro, que, ao analisarem os episódios, localizaram e denunciaram o crime de racismo. Nesse contexto, Nilma Lino Gomes (2017) nos presenteia com o debate do Movimento Negro Educador, vivências históricas atacadas por verdades

impostas pelo saber ocidental e das lutas pelo reconhecimento da sabedoria ancestral presente em todo território brasileiro. Gomes (2017) ressalta que o Movimento Negro levanta debates sobre questões relevantes dos direitos humanos junto aos movimentos sociais, configurando-se como um movimento afirmativo que, ao pautar as demandas sociais e raciais da sociedade, indaga as estruturas em que vivemos, proporcionando ressignificados e, conseqüentemente, aprendizagem. O Movimento Negro Educador se faz presente em diversas formas de articular e organizar pessoas negras politicamente posicionadas na luta contra o racismo e seus desmembramentos, esse perverso fenômeno social que persiste em nosso país, um extenso território que possui 53% de sua população negra.

Como já explicitado, esses episódios são contextualizados. Vivemos no Brasil uma política nacional implementada pelo governo eleito no ano de 2018. No campo educacional, os novos representantes das instituições governamentais tentaram referenciar a educação nacional tendo em vista o criacionismo, estabelecendo uma perspectiva baseada em princípios religiosos cristãs que busca explicar a vida em nosso planeta por meio da Bíblia, deslegitimando os conhecimentos científicos. Diante do novo discurso, os representantes da educação pública brasileira se manifestaram, o que levou a Associação Brasileira do Ensino de Biologia (SBEnBio), em janeiro de 2020, ao lado de outras associações científicas, a realizar uma nota de repúdio⁵ ao discurso criacionista e em defesa da laicidade na educação pública brasileira.

Nesse sentido, os fatos noticiados, ocorridos em diferentes escolas públicas brasileiras, acrescidos da nota de repúdio escrita pela SBEnBio e assinada por diversas associações científicas, denotam que o respeito à diversidade religiosa presente nas instituições de ensino do país encontra-se fragilizado. Nesse sentido, é preciso estabelecer o debate, proporcionando a garantia do direito de os estudantes expressarem a sua fé nos diversos espaços públicos que frequentam, independentemente das diferentes crenças escolhidas pelas/os jovens, garantindo, assim, que todas/os sejam acolhidas/os e respeitadas/os.

Para continuar a reflexão sobre as escolhas religiosas dos jovens da escola investigada, o próximo capítulo busca explicitar como a pesquisa foi construída e apresentar o território que a instituição de ensino ocupa, com o intuito de conhecer parte da comunidade escolar e compreender como as relações são construídas quando atravessadas pelas diversas religiões das/os estudantes. Conheceremos as/os jovens que se dispuseram a participar da pesquisa e apresentaremos os instrumentos que permitiram a escuta e o diálogo com essas/es sujeitas/os.

⁵ Nota de repúdio SBEnBio, disponível em: <https://www.anped.org.br/news/nota-sbenbio-sobre-criacionismo-e-em-defesa-da-laicidade-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 13 out. 2022.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo tem como proposta conhecer a escola que é o nosso campo de pesquisa, seu território e a população do município de Lagoa Santa/MG que, em parte, é acolhida por essa instituição pública de ensino. O percurso metodológico apresenta também as ferramentas utilizadas para conhecer o perfil das/os estudantes do ensino médio, as diversidades religiosas presentes entre esses jovens e as convivências na escola quando se trata de pertencimento religioso.

2.1 A escola Orides da Silva: quais as características desse espaço?

Figura 4 – Fachada da escola



Fonte: acervo pessoal.

A escola está localizada em Lagoa Santa e recebeu o nome fictício de Orides da Silva, nome escolhido em homenagem à minha avó. A instituição de ensino atende a comunidade desde dezembro de 1965, ano em que foi fundada.

Atualmente, a estrutura física da escola é composta pelo setor da secretaria, 13 salas de aula, sala da direção, um laboratório de informática, uma sala de departamento de pessoal, uma biblioteca, uma cantina, uma sala recurso, sala da supervisão pedagógica, sala das/os professoras/es, uma sala de vídeo, dois banheiros femininos e dois banheiros masculinos, uma quadra coberta com mais dois banheiros e um laboratório de ciências que se encontra desativado. O quadro de pessoal da instituição de ensino é composto por 92 funcionários; a equipe é formada por 59 professoras/es, 18 auxiliares de serviço de educação básica, sete auxiliares técnicos de educação básica, três vice-diretores, sendo um pra cada turno, e uma diretora.

A escola possui um corpo discente formado por um total de 1.239 estudantes. O turno da manhã, nosso campo de pesquisa, oferta o ensino médio regular, atendendo 496 estudantes; o turno da tarde possui 432 alunos, sendo 264 matriculados na segunda fase do ensino fundamental e 168 no ensino médio regular; no noturno, são 311 estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e no ensino médio regular.

Dados referentes a gênero, etnia, contexto socioeconômico, entre outras informações, não se encontram disponíveis no Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE). Em contato telefônico com o setor técnico responsável para verificar a possibilidade de obter tais informações, foi confirmado que o sistema não fornece os dados solicitados, realidade que nos leva a refletir sobre o quanto a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais conhece o perfil de seus estudantes.

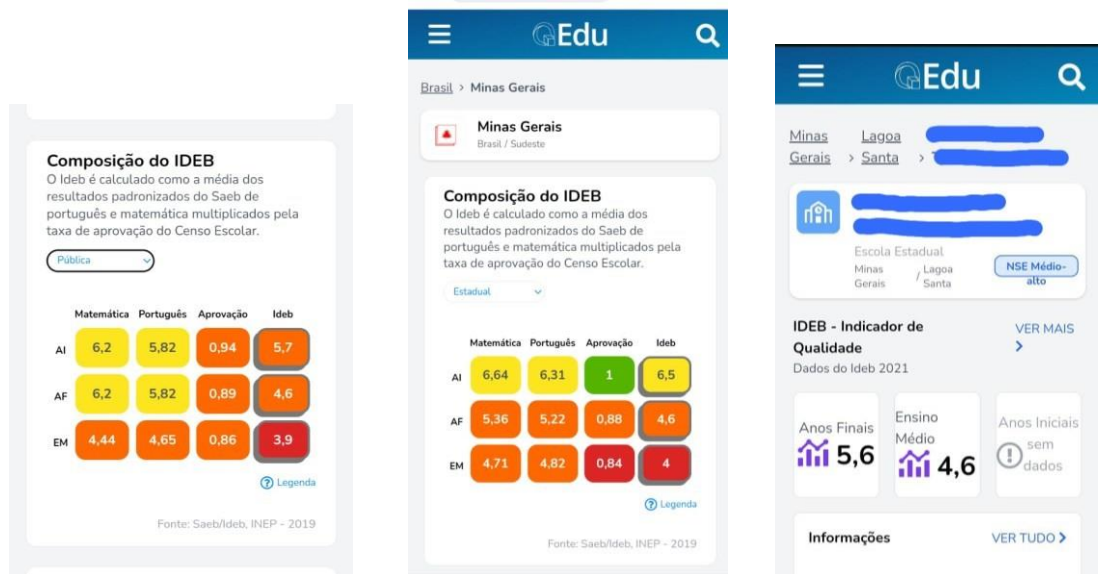
Localizada na área urbana da cidade, a escola atende estudantes dos diversos bairros do município de Lagoa Santa, território ocupado por área urbana e rural, proporcionando uma comunidade escolar com as distintas características sociais e econômicas presentes na região.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é alcançado por meio da avaliação de estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio, nos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática. A prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é calculada de acordo com o resultado dos estudantes nos conteúdos citados, dividido por dois e multiplicado pela taxa de aprovação, que resulta nos dados referentes à última avaliação. Nessa pesquisa, vamos nos ater ao desempenho do ensino médio, nosso foco na investigação.

Na última avaliação do Saeb, realizada no ano de 2021, o desempenho dos estudantes do ensino médio da escola alcançou um indicador de 4,6 pontos, encontrando-se um pouco acima da média do estado de Minas Gerais, que é de 4 pontos. No contexto nacional, para o ensino médio, a média de pontuação é de 3,9 para as/os estudantes brasileiras/os que cursaram o terceiro ano em 2021.

O bom desempenho da escola apresentado no IDEB é uma realidade reconhecida pela comunidade, cenário que leva a escola a atender alunos dos diversos bairros da cidade. É importante enfatizar que, no período em que ocorreu a avaliação do SAEB, a população mundial e brasileira estava vivenciando os efeitos da pandemia de covid-19, de modo que o ensino acontecia de forma híbrida, sendo um período em que muitos estudantes e suas famílias sentiram desafios para o estudo remoto, imposto no ano de 2020 devido às medidas de isolamento social.

Figura 5 – Resultados SAEB



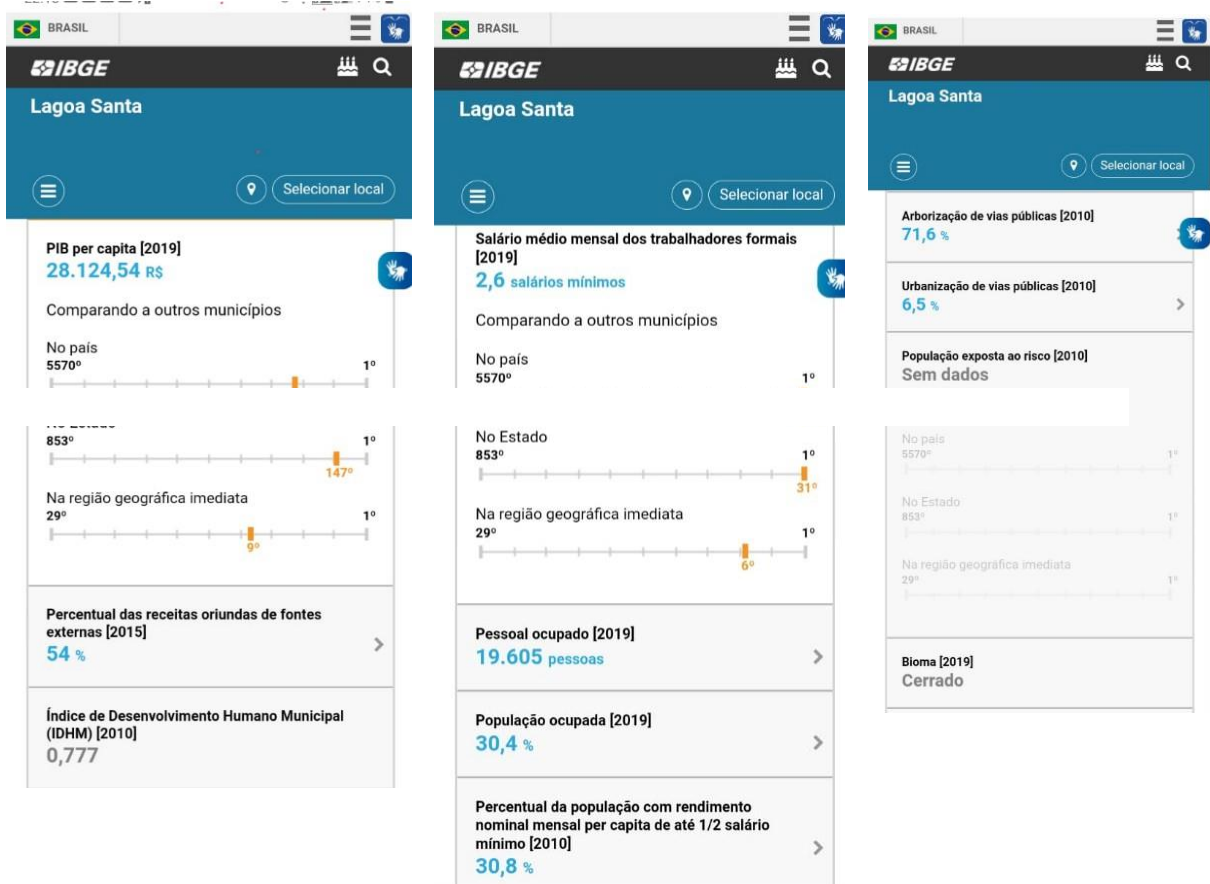
Fonte: Qedu, 2020.

Composto por 13 turmas do ensino médio, sendo quatro salas do primeiro ano compostas por 40 estudantes cada; quatro turmas de segundo ano, com 40 estudantes matriculados em cada; e cinco salas de terceiro ano, com 36 estudantes em cada. Assim, a escola acolhe todas as manhãs 496 alunos, jovens com idades que variam de 14 a 18 anos.

Para conhecer o perfil da população e os dados referentes ao contexto histórico de Lagoa Santa, recorreremos ao IBGE. Segundo esse instituto, o município foi criado no ano de 1938, desmembrado de Santa Luzia. Possui um rico acervo arqueológico e paleontológico, descobertas iniciadas pelo naturalista e botânico Peter Wilhelm Lund por volta de 1835. Seu bioma tem a riqueza do cerrado e se destaca pela beleza natural das grutas, entre elas a ilustre Gruta da Lapinha, rota turística do município.

No último censo realizado pelo Governo, em 2010, a cidade de Lagoa Santa registrava uma população de 52.520 pessoas; posteriormente, uma estimativa realizada em 2021 registrou 66.744 moradores no município. O território possui 229,409 km² de extensão e a área urbana ocupa 6,5% do espaço lagoasantense. A cidade se destaca por sua qualidade de vida, registrando um índice de desenvolvimento humano satisfatório comparado a outras cidades do país. Na Figura 6, seguem as informações sobre os dados que implicam a qualidade de vida dos moradores e a média de salários daqueles que trabalham formalmente, representando uma estimativa realizada em 2019 pelo IBGE.

Figura 6 – Lagoa Santa



Fonte: IBGE, 2010.

Outro fator que chama a atenção no site do IBGE é o item “População exposta ao risco”. Não há dados sobre isso, embora exista o item, o que expõe a invisibilização de uma parcela da população do município. Pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica não foram identificadas nos dados do último índice governamental de amplitude nacional, realidade que não contribui para o debate político qualitativo sobre as reais demandas da população, inviabilizando a necessidade de políticas públicas que atendam os diversos moradores que vivem no município.

Tais considerações apontam o nosso olhar para uma realidade vivida em uma instituição de ensino, legitimada por uma política pública de educação, sendo as/os jovens estudantes nossas/os principais interlocutoras/es. A socióloga Helena Abramo (1997), ao dizer sobre a participação juvenil, enfatiza a ausência, ou mesmo a inexistência, da participação dos jovens brasileiros nas políticas públicas, principalmente no que concerne às pautas relativas a seus interesses. Em nossa sociedade, comumente os jovens são vistos e enfatizados pelos meios de comunicação como um problema social, notados como uma ameaça que pode romper com a

herança tradicionalmente construída e estabelecida pela sociedade, um paradigma que sustenta o poder de tomada de decisões políticas nas mãos de poucos, que não estão abertos ao debate.

Nesse sentido, a investigação propõe um diálogo sobre a educação como política pública social, considerando uma realidade atravessada pela diversidade vivida pelos estudantes, com destaque para a diversidade religiosa no ambiente escolar. A investigação, com caráter quantitativo e qualitativo, apresenta como perspectiva a equidade social/educacional. Com a contribuição do ponto de vista da sociologia, há uma perspectiva que procura compreender a origem das questões sociais, bem como os motivos e causas de determinados preconceitos existentes em nossa sociedade, potencializando os processos formativos. Ao refletir sobre o que vivemos no nosso dia a dia, surgem as demandas da sociedade, entre elas o respeito às diversas religiões praticadas pelo povo brasileiro, assim como o agnosticismo ou o ateísmo (Teixeira; Pádua, 2006).

Corroborando a perspectiva dialógica e participativa, essa pesquisa se aproxima das/dos estudantes com o intuito de conhecê-los, explicitar os objetivos da pesquisa e convidar para participarem ativamente desse processo investigativo. Nesse sentido, optamos por dizer, dentre o coletivo de estudantes matriculadas/os no turno matutino, quem são as/os interlocutoras/es que contribuíram para esta pesquisa. Ressaltamos, porém, que o convite para participar da pesquisa foi feito ao conjunto de estudantes matriculadas/os no turno matutino. Na primeira fase de aplicação dos questionários, tivemos 216 participantes. Esse importante instrumento de investigação será descrito e interpretado adiante. A segunda fase foi composta pelas entrevistas, das quais participaram nove estudantes.

2.2 Quem são as/os jovens entrevistadas/os?

Para compreender, Juarez Dayrell (2007) fala sobre a importância de conhecer as práticas e os símbolos que manifestam e caracteriza esse novo jeito de ser e estar no mundo, expressões e mutações que são vividas na socialização que constroem juventudes. Ao mesmo tempo em que as juventudes constituem um grupo social historicamente situado, cada jovem é um ser singular, único, constituindo-se identitariamente e por seus pertencimentos de classe, de gênero, étnico-raciais, territoriais, religiosos, de orientação sexual, entre outros. Em concordância com Dayrell, apresento as/os jovens que contribuíram para a presente investigação.

A primeira estudante entrevistada está matriculada no segundo ano do ensino médio e escolheu o nome fictício Alice. Ela se descreve como uma menina de 15 anos, branca e

pertencente à camada popular, mora em um bairro próximo à escola. A estudante conta que, quando era criança, tinha muita dúvida religiosa, desde pequenininha seguia a religião católica com a sua mãe, e Testemunhas de Jeová com o seu pai. Aos 11 anos, ela escolheu a doutrina Testemunhas de Jeová. Alice relata que, no Salão do Reino, ela se sentiu bem; quando estava no templo, sentia que aquela coisa estava dando certo, havia sinceridade naquele lugar e ela estava feliz. Os pais de Alice são separados e ela mora com sua mãe e quatro irmãs. Sua mãe é católica e fez questão de batizar suas cinco filhas em sua religião; seu pai é testemunha de Jeová desde a juventude. Ao se descrever, Alice diz ser uma criança feliz, “tenho amigos na escola, tenho amigos no salão, tenho amigos em vários lugares e tenho esperança de um futuro”.

A segunda estudante a entregar os documentos de autorização para a pesquisa e ser entrevistada se identificou como Mateus. Inicialmente, houve um estranhamento, mas, ao perguntar sobre o uso do artigo *a* ou *o*, Mateus optou por ser *a*, reconhecendo-se como mulher. A estudante tem 16 anos, considera-se parda, vem de uma família monoparental, é lésbica e retomou a sua vida escolar após dois anos de isolamento social devido à pandemia. Na atual escola, foi matriculada no ano de 2022 no primeiro ano do ensino médio. Mateus mora com sua tia e sua prima, pertence à classe popular e é umbandista, religião que foi ensinada por seus ancestrais. Ao dizer um pouco de onde veio, Mateus conta:

[...] eu morava em um bairro que é... é bem longe, mais ou menos, e lá não tem muita oportunidade, lá só tinha uma escola que só ia até o quinto ano, a escola que o transporte escolar estava propondo levar, só ia até o nono ano, então não tinha como eu continuar lá, a Lagoinha de Fora é distante do centro, é um bairro de Lagoa Santa, mas lá é bem rocinha. Aí minha tia me chamou para morar com ela e minha mãe disse para eu aceitar, porque minha mãe sabia que minha tia cuidava muito bem de mim, sempre morou eu, minha mãe, minha tia, minha prima e a minha avó, na casa do lado, no mesmo quintal, meu tio com a esposa dele e os filhos. Então, a gente sempre foi bem próximo e minha mãe sabia que minha tia ia cuidar bem de mim, então minha mãe disse para eu ir, que ia ser bom, que eu ia ter mais oportunidade (Mateus, 16 anos, 1º ano do ensino médio).

O terceiro entrevistado demonstrou interesse de participar da pesquisa desde o primeiro convite feito aos estudantes em sala de aula. Foi um dos primeiros a preencher o questionário, e compareceu ao sorteio dos entrevistados, que aconteceu no horário do recreio, na sala de vídeo da escola. Ao ser sorteado, o referido aluno questionou o fato de não querer ser nomeado por uma identificação fictícia, sugerindo manter o seu nome real, questionamento que me levou a refletir sobre a importância da autoafirmação para aquele jovem. No momento em que houve a entrega dos termos assinados, ressaltai a importância de cumprir o anonimato combinado pelo documento, e ele disse: “Então quero um nome bem poderoso... Félix!”. Félix se considera pardo e pertencente à classe popular. Ele nos conta sobre as suas raízes familiares construídas

na religião da umbanda e sobre a sua recente e atual religião, a espírita. Além de contar como foi essa nova escolha, fala de suas experiências religiosas na atual escola e em outras em que estudou anteriormente.

O quarto interlocutor nomeou-se como Lúcifer, momento em que houve risadas descontraídas devido ao nome escolhido. Ele autodeclara-se um estudante pardo, tem 18 anos, pertence à classe popular e está matriculado nessa escola desde 2020, período em que cursou o primeiro ano do ensino médio de forma remota. Fez o segundo ano de forma remota e híbrida devido às circunstâncias da pandemia, retomando os estudos presenciais no terceiro ano do ensino médio do corrente ano letivo. Lúcifer nasceu e cresceu em Jaboticatubas, município vizinho a Lagoa Santa, local em que estudou e concluiu o ensino fundamental. Criado e crescido sob os preceitos da fé católica, hoje se denomina espiritualista. Sobre a sua história familiar e escolar enviesada pela religiosidade, Lúcifer diz:

Atualmente eu tenho 18 anos, eu vi... eu comecei a me criticar sobre a minha fé no cristianismo, no catolicismo em especial por volta dos 12 ou 13 anos e no começo quando chegou ao ouvido da minha mãe...que é bem religiosa na fé católica, para ela foi o fim do mundo, ela literalmente gerou o caos, me deu um esporro danado, fazendo todo aquele show de fé e aquela coisa toda, como era de se esperar né, porque ela é muito conservadora, ela não aceitou muito bem e ficou alguns meses bem estranha comigo. Ela não conversava da mesma forma, não olhava nos meus olhos, quando ela chegava perto de mim, ela ficava de uma forma meio abatida, como se eu fosse a decepção da vida dela (Lúcifer, 18 anos, 3º ano do ensino médio).

Na tentativa de compreender a escolha do nome Lúcifer, focalizamos o trabalho do pesquisador Robert Alden (2016), que cita que a palavra grega *heosphoros*, em latim, significa *lucifer*, ambas correspondem à “portador de luz” ou “aquele que brilha, filho da manhã”. Segundo o autor, o mal-entendido tem início quando Tertuliano comentou sobre Isaiás 14:12, onde foi relatado que a luz vista no céu era o diabo e Orígenes também identificou Lúcifer como satanás. A interpretação citada pelo autor é vista como uma perversão social, enquanto poderia ser vista com beleza, uma vez que “a estrela da manhã é algo belo de contemplar e tem uma tarefa muito notável no céu, aquela de anunciar o novo dia” (Alden, 2026, p. 5). Lúcifer, então identificado com o diabo, ocupa um espaço renegado pela sociedade, assim como o jovem estudante, que coloca as tensões que vive com a religiosidade.

Júlia foi a quinta entrevistada e também escolheu seu nome. A estudante tem 17 anos, considera-se branca, pertence à classe popular e está matriculada na escola desde o ano de 2021, quando realizou o primeiro ano do ensino médio de forma remota. Retornou ao ensino presencial no ano de 2022 e cursa o segundo ano do ensino médio. Ela nos conta sobre a fé

católica presente em sua família e como percebe as relações, do ponto de vista religioso, na escola.

Milo foi a nossa sexta interlocutora, a estudante se considera branca, pertence à classe popular e tem 17 anos. Seu primeiro ano nessa escola foi em 2021, quando cursou, de forma remota, o primeiro ano do ensino médio. Atualmente, está matriculada no segundo ano do ensino médio. A estudante diz sobre a sua tendência à depressão, diagnosticada em janeiro deste ano, fala do seu tratamento com uso de medicamentos e avalia que hoje se sente bem melhor. Durante a conversa, Milo fala da sua infância vivida na igreja católica, seus questionamentos referentes à fé e como se tornou agnóstica. Também conta episódios vividos em outras escolas em que estudou, onde situações ligadas à religiosidade se sobressaem.

A sétima entrevista foi realizada com Lili, uma estudante matriculada no primeiro ano do ensino médio no ano de 2022. Lili se considera branca, mora com sua genitora em um bairro popular próximo à escola. Inicialmente, pareceu envergonhada, mas, aos poucos, falou da sua infância como católica junto aos seus familiares, o fato de não gostar de frequentar a igreja e a sua convivência com a mãe, que é evangélica e recentemente ficou viúva de seu pai. Lili conta as suas lembranças das aulas de ensino religioso, cursado no ensino fundamental, entre outras experiências vividas na escola quando se fala em religião. Ao pedir para falar dela mesma, Lili diz: “Nossa, aí você pegou, eu não sei... eu não sei falar sobre mim, eu não sei, eu tô tentando descobrir isso ainda, eu não faço a mínima ideia de quem eu seja”.

A oitava interlocutora da pesquisa se identificou como Ylana. Ela se reconhece como negra, mora com a mãe e a irmã em um bairro popular, um pouco mais distante da escola, e utiliza o transporte público escolar. Tem 16 anos e está matriculada na instituição de ensino desde o início do ano letivo de 2022, no primeiro ano do ensino médio. Sobre a sua religião, a estudante conta: “Eu não me considero de uma religião própria, mas acredito em Deus e eu tenho minha fé”. Ylana diz um pouco sobre a sua ida à igreja evangélica para acompanhar a mãe, relata também suas experiências religiosas nas escolas em que estudou e na que frequenta atualmente.

A nona entrevistada foi Stefany, uma aluna que frequenta essa escola desde o sexto ano do ensino fundamental e atualmente está matriculada no primeiro ano do ensino médio. Identifica-se como uma pessoa branca, de classe baixa para média, mora com os pais e se denomina cristã e protestante, religião professada por seus genitores. No contexto escolar, a estudante foi eleita pelos colegas para ser representante da turma, fato que demonstra seu perfil de liderança. Stefany conta sobre a sua relação interpessoal com os colegas. Considerando as diferentes interpretações sobre o que é certo na vida, a estudante fala das estratégias que criou

para sustentar o respeito entre seus pares. Sobre o fato de Stefany ter sido eleita representante de turma, a pesquisadora Regina Novaes (2012) constatou que jovens envolvidos nas práticas religiosas apresentam um perfil de engajamento político, característica que retrata bem a estudante.

Após conhecer um pouco as características das/os estudantes que participaram da entrevista narrativa, seguimos para as estratégias metodológicas. Assim, no próximo subtópico, apresentamos os instrumentos utilizados para construir a aproximação com as/os jovens, estudantes do ensino médio.

2.3 Interpretando pistas, movimentando olhares, produzindo dados junto aos interlocutores da pesquisa

Ao se lançar um novo olhar sobre determinado tema, sob a ótica do caleidoscópio, algo novo apresenta-se: a mudança. O novo aparece a partir da mudança, das possíveis combinações dos fragmentos, como resultado do movimento. Se movimentarmos o corpo para olhar o caleidoscópio, será possível ter muitos pontos de vista e variadas imagens. Se movimentarmos o caleidoscópio, então, será possível ter infinitas imagens. Um movimento depende do outro, são complementares e interagem (Santana, 2004, p. 415-416).

Por meio dos diversos olhares percorridos como pedagoga, sempre presenciei manifestações religiosas no ambiente escolar. É comum encontrar imagens religiosas na sala da direção e em outros setores das instituições públicas de ensino. A oração do *Pai Nosso* é comumente utilizada ao iniciar uma atividade celebrativa e em canções. Tais vivências sempre me fizeram questionar: será correto uma escola pública proporcionar encontros em que a manifestação de apenas uma religião seja referenciada?

Tal questionamento sempre acompanhou o meu percurso como profissional da educação, na tentativa de compreender como as/os estudantes, atravessadas/os por sua religiosidade ou não, constroem as relações sociais na escola. Corroborando o que foi apresentado pela professora Maria Aparecida Bicudo (2005), enfatizo a importância da interrogação. Entre as diversas características de uma pesquisa qualitativa, a indagação deve ser constante, um questionamento de que se vive em torno, “a interrogação mantém-se viva, pois a compreensão do que se interroga nunca se esgota” (Bicudo, 2005, p. 8).

Em algumas tentativas de diálogo com colegas de trabalho sobre o assunto, percebo que o tema gera desconforto ao ser mencionado, sendo tratado como um tabu dentro da escola. Em razão dessa realidade, por não haver um diálogo sobre o tema, há um desconhecimento sobre a diversidade religiosa vivida na comunidade escolar.

Interpretar as vivências religiosas de estudantes matriculados no ensino médio na mesma instituição de ensino em que exerço o ofício de supervisora pedagógica é uma tarefa carregada de desafios, principalmente por ocupar o lugar de pesquisadora. Bicudo (2008), propõe uma reflexão sobre a incerteza do vivido no cotidiano, a tentativa de compreender o percebido como conflitante que movimenta a pesquisa, construir um outro olhar, retomar novos enfoques em outras dimensões, desconstruir velhos paradigmas, um obstáculo a ser decifrado por meio da utilização dos instrumentos selecionados para realizar a investigação.

Nesse viés, procurei definir a abordagem dessa pesquisa retomando os objetivos, procurando entender como alcançar as possíveis respostas. Tendo em vista a escolha de uma abordagem com características qualitativas e quantitativas, Claudio de Moura Castro (2006) diz sobre a cruzada harmoniosa entre os métodos qualitativos e quantitativos, que ocorre quando um contribui ao levantar dados, indo até onde o outro não consegue chegar. Enquanto o quantitativo pergunta o que acontece, o qualitativo pergunta o porquê.

No que concerne às características quantitativas da pesquisa, a investigação propõe quantificar a diversidade religiosa dos estudantes matriculados no ensino médio, do turno da manhã, por meio da aplicação de questionário. No tocante ao caráter qualitativo, por meio da entrevista narrativa, faremos o exercício da escuta e ouviremos os estudantes, buscando compreender como as relações são vividas na escola, proporcionando um espaço para que possam se manifestar sobre a sua religiosidade ou não religiosidade.

Essa pesquisa está imersa no contexto da crise sanitária e da pandemia da covid-19, que afetou a todos individual e coletivamente. É importante enfatizar, sobretudo hoje, que vivemos o arrefecimento de uma pandemia que, ao longo de dois anos, provocou mudanças e transformações em todas as dimensões da vida social. Acreditamos que um dia (em breve) tudo isso chegará ao fim, mas essa realidade já nos levou quase 700 mil brasileiros, afetou nosso trabalho de investigação no campo de pesquisa, impossibilitando-nos finalizar a pesquisa de acordo com o prazo estipulado.

Não obstante tal adversidade tenha sido vivida em todo o mundo, o retorno às atividades presenciais, o reencontro vivido na escola é uma realidade que está se reconstruindo no dia a dia. Após o isolamento social, cada um viveu o desafio em sua condição de estudante, pois foi necessário enfrentar uma realidade de readaptação ao ambiente escolar, local que soma ao cotidiano novas e significativas relações interpessoais entre os seus pares.

Essa nova realidade, instituída no cotidiano escolar, evidenciou que a escuta se torna necessária, pois enseja um novo olhar para perceber e compreender as colocações das/dos estudantes. Nesse sentido, vale ter atenção aos deslocamentos e ao que se encontra entre essas

movimentações. Segundo Carla da Silva Santana (2004), é preciso criar a possibilidade de ressignificar o olhar a cada inesperado deslocamento dos fragmentos, proporcionando novas interpretações do que foi observado. Nesse sentido, Passos e Kastrup (2013) sugerem a problematização da tradução:

Traduzir é entrar em contato com a dimensão afetiva, intensiva, intuitiva e não verbal do texto. A boa tradução envolve três estágios: ouvir e ler o original, em seguida desverbalizar as unidades de sentido e, por fim, expressar essas unidades num novo discurso (Passos; Kastrup, 2013, p. 275).

Ao nos aproximar dos estudantes, cada momento pode ser traduzido. Bicudo (2008) destaca a importância da linguagem do sujeito, um indivíduo pensante que possui conhecimentos próprios, que se revelam nos modos de expressar, significados que estão presentes na tradição vivida por cada um que contribui para a investigação, um exercício constante para uma pesquisadora que realiza a sua investigação no mesmo local em que exerce o seu ofício. Os desafios foram dimensionados ao recorrermos às abordagens metodológicas, conforme registrado no próximo subtópico, que apresenta estratégias metodológicas e o processo de escolha dos instrumentos, que nos permitiram dialogar com as/os jovens estudantes.

2.4 Estratégias para conhecer as/os estudantes e a diversidade religiosa presente na escola

A investigação, de caráter quantitativo e qualitativo, teve início após a análise e a aprovação do projeto de pesquisa pela Comissão de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG. Mais que um protocolo, a aprovação pela COEP é parte do compromisso para a realização da pesquisa, pois busca garantir uma abordagem atenciosa e cuidadosa das/os estudantes, sujeitos atravessados por suas subjetividades, foco deste estudo.

A primeira estratégia da pesquisa foi o levantamento da diversidade religiosa ou do não pertencimento religioso dos estudantes, perpassado por diversas singularidades daqueles que estão matriculados no ensino médio, do turno da manhã da escola investigada. A aplicação do questionário, planejada em parceria com as/os docentes do turno, foi realizada no horário das aulas. Em uma conversa com as/os estudantes, expliquei a proposta da pesquisa, convidando-as/os a responder ao questionário, um formulário desenvolvido com a ferramenta *Google Forms*. Para que todos os estudantes tivessem acesso ao questionário, cada aluna/o representante de

turma recebeu pelo Whatsapp o formulário com um recadinho⁶, possibilitando o repasse para os grupos de Whatsapp de suas turmas, com o intuito de que todas/os as/os estudantes matriculados no ensino médio do turno da manhã tivessem a oportunidade de responder ao questionário, instrumento que proporcionou os primeiros dados da investigação.

Na elaboração dos questionários, foram consideradas variáveis etárias, de gênero, raça, etnia e de pertencimento religioso, buscando abarcar sujeitos das mais diversas religiões ou da não religião. Os autores Nilton Oliveira, Udo Strassburg e Moacir Piffer (2017) reiteram que o questionário deve sempre conter perguntas objetivas, que dialogam com o tema, permitindo ao interlocutor o anonimato, uma vez que, não havendo a presença física, não há a influência psicológica na resposta.

O questionário foi pensado como um instrumento que nos proporciona interpretações para as indagações da pesquisa, permitindo respostas que nos demonstram o perfil das/os estudantes que se disponibilizaram a responder às perguntas. No contexto atual, a maioria das/os jovens utiliza o celular, tecnologia que ocupa grande parte do tempo de suas/seus usuárias/os. A expansão tecnológica digital que vivemos no século XXI transformou o nosso cotidiano e também as pesquisas científicas. Com o intuito de me aproximar dos estudantes, o questionário (Anexo 2) foi elaborado com as ferramentas do *Google Forms*, possibilitando o preenchimento por telefone, celular ou computador. Essa ferramenta também disponibiliza os resultados por meio de gráficos, material que contribui para a interpretação dos dados da primeira fase da investigação.

Pensado e elaborado para que os estudantes matriculados no primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio respondessem, as perguntas do questionário foram organizadas em três blocos: a) dados pessoais, b) contexto socioeconômico e c) contexto religioso e escolar, totalizando 23 perguntas. O instrumento de investigação foi aplicado entre os dias 13 de junho e 16 de agosto de 2022, período em que tivemos uma interrupção pelo recesso escolar entre os dias 18 e 23 de julho. As conversas nas salas de aula, para a explicação do estudo e para incentivar o preenchimento do questionário pelas/os estudantes, ocorreram diversas vezes, estabelecendo-se como uma estratégia para conseguir o máximo de respostas, dados importantes para melhor representar o perfil das/os discentes do turno da manhã. A dificuldade na coleta dos dados via questionário comprovou o que as autoras Setton e Valente (2013)

⁶ “Olá turma! Aqui quem fala é a Dani, vcs me conhecem como pedagoga da escola, e agora como pesquisadora. Então, venho pedir para vcs responderem o meu questionário de pesquisa. Como expliquei nas salas, para realizar o perfil do turno da manhã, necessito que o máximo de estudantes do turno responda, com o intuito de conhecer um pouco mais sobre vcs e suas religiosidades ou não religiosidade. Obrigada pela moralzinha! Bjos”

descrevem sobre o desafio da pesquisadora ao abordar o assunto religiosidade, um tema capcioso, de cunho pessoal, carregado de simbolismos subjetivos, que revelam hierarquias e controle sociais que o senso comum acaba por ocultar.

A aplicação do questionário foi proposta nas 13 salas de aula do ensino médio, totalizando 496 estudantes, matriculadas/os nos três anos de escolaridade. O primeiro preenchimento resultou em 75 respostas. Retomei o pedido nas salas, encaminhei novamente o formulário com um recadinho⁷, o que resultou em 120 respostas. Outra estratégia foi realizar o preenchimento do formulário no laboratório de informática. No entanto, como a ferramenta permite o preenchimento somente logado em uma conta do Gmail, foi possível a abertura de somente três formulários, inviabilizando um número maior de preenchimentos concomitantemente. Essa estratégia registrou 175 respostas. A última manobra foi o retorno às salas de aula, com o intuito de conseguir mais respostas para o encerramento do questionário e listar as/os estudantes interessadas/os em participar da entrevista narrativa. Outro bilhete⁸ foi encaminhado junto ao formulário para a/o representante de cada turma via Whatsapp. O instrumento foi enviado ao grupo da sala, estratégia final que registrou 216 respostas ao questionário e 76 estudantes interessadas/os em participar da entrevista narrativa. No capítulo quatro encontram-se descritos os dados identificados no questionário aplicado às/aos estudantes, junto da análise dos registros desse instrumento, que nos proporcionou a interpretação das informações.

A entrevista narrativa foi a ferramenta utilizada. Inês Teixeira e Karla Pádua (2006), afirmam que a possibilidade de criar uma questão geradora, de forma que a/o interlocutora ou interlocutor conseguisse narrar com detalhes o que se encontra na sua memória, transitar por eventos e imagens significativas, possibilitando à/ao entrevistada/o criar novas interpretações do foi vivido ou imaginado, sem se ater à veracidade da história ouvida, mas nos importando com o significado daquilo que está sendo dito (Teixeira; Pádua, 2006).

Nesse contexto, as autoras compreendem a entrevista narrativa como uma metodologia de pesquisa qualitativa que retoma a habilidade de ouvir e assimilar a narrativa, proporcionando descrever as sabedorias sem perder o encanto de causar espanto e reflexão, “a ponto de provocar

⁷ “Olá turma! Aqui quem fala é a Dani, vcs me conhecem como pedagoga da escola, e agora como pesquisadora. Então, venho pedir a quem ainda não respondeu ao meu questionário de pesquisa para respondê-lo. Como expliquei nas salas, para realizar o perfil do turno da manhã, necessito que o máximo de estudantes do turno responda, tenho poucas respostas referentes ao nº total de alunos. Obrigada pela moralzinha! Bjos”.

⁸ “Estudantes, bom dia! Sou eu, Dani, e venho pedir para aqueles que não responderam ao meu questionário de pesquisa que, se possível, respondam até o final do dia de hj. Suas respostas são de extrema importância para o meu estudo, uma pesquisa que busca compreender a diversidade religiosa da escola. Obrigada!”.

uma invenção de si e do outro, nos protagonismos narrados e, assim, revividos, significados e ressignificados” (Teixeira; Pádua, 2006, p. 2).

Para Vera Lúcia Paiva (2008), a narrativa, em uma relação de pesquisador/a e pesquisada/o, é entendida como algo que atravessa a biografia da/o falante, envolve o contexto emocional e social de quem narra, transformando-se em experiências e fortalecendo uma metodologia que utiliza a coleta de histórias sobre um determinado tema para a interpretação de um denominado fenômeno.

A entrevista narrativa é uma forma de escuta, um ato de ouvir o outro que a cada dia encontramos menos em nossa sociedade imediatista, é também considerada uma forma de comunicação artesanal. Ao ouvir, há uma possibilidade de mergulhar na história narrada pelo outro, oportunizando à/ao ouvinte compreender o que foi narrado. Em contrapartida, a pessoa entrevistadora deve estar atenta, pois sempre há uma experiência singular por ela vivida, direcionando a subjetividade para a escuta (Santana, 2004).

Em razão dessa realidade, é preciso cuidado e atenção em relação à confiança que o/a interlocutor/a da pesquisa deposita no/a pesquisador/a, à generosidade do sujeito que está compartilhando parte de sua vida, seus sentidos e sentimentos, que devem ser cuidadosamente interpretados. Nesse sentido, é preciso considerar os limites discursivos da entrevista (Teixeira; Pádua, 2006).

Além de enfatizar a importância dos resultados do questionário para a qualidade do estudo, as/os estudantes foram convidadas/os a participar da entrevista narrativa. Uma lista foi disponibilizada nas 13 salas de aula do matutino para que as/os interessadas/os registrassem o seu nome e a sua religiosidade. As listas permaneceram com as/os alunas/os representantes de turma dos três anos do ensino médio, no período de 16 a 22 de agosto de 2022, para que as/os estudantes que se disponibilizaram a contribuir para a próxima etapa da investigação se inscrevessem.

Decidir quem seriam as/os entrevistadas/os se tornou um desafio mediante as/os 76 estudantes disponíveis para participar dessa etapa da pesquisa. Das quatro turmas de primeiro ano, 30 estudantes se interessaram em participar da entrevista; nas quatro turmas de segundo ano, 32 se disponibilizaram e, nas cinco turmas de terceiro ano, 16 estudantes se interessaram em participar. Percebe-se que, no último ano de escolaridade, as/os jovens estão mais dedicados à conclusão dessa etapa da vida escolar, à preparação para o Enem e/ou inserção no mercado de trabalho. Um dos critérios utilizados para a seleção de participantes foi identificar as diferentes religiões entre as/os interessadas/os. Entre as declarações religiosas, 16 estudantes matriculadas/os nos três anos do ensino médio se declararam cristãos, 14 se identificaram como

evangélicas/os, dois declararam-se cristãs/ãos e evangélicas/os e um afirmou ser protestante. Em seguida, 23 estudantes se posicionaram como sem religião. Nesse grupo, encontram-se ateias/eus, espiritualistas, agnósticas/os, indefinidas/os e sem religião. 15 jovens se identificaram como católicas/os e seis estudantes afirmaram seu pertencimento a religiões de matriz africana, entre elas a umbanda e o candomblé.

Se, por um lado, fiquei extremamente satisfeita com a adesão das/os estudantes, manifestando o interesse pelo tema e a confiança no trabalho de pesquisa, por outro, tinha a necessidade de fazer escolhas. Como afirmei anteriormente, minha pesquisa foi fortemente afetada pelos acontecimentos da pandemia da covid-19. Minha saúde mental foi afetada, o funcionamento da escola e o retorno têm ocorrido num tempo ainda instável.

Pela inviabilidade de ouvir todas/os, devido ao tempo restrito para a escuta, transcrição e diálogo com tantas histórias, recorreu-se ao sorteio. Todas/os as/os estudantes das 13 salas de aulas do ensino médio foram convidadas/os para acompanhar e participar do sorteio, realizado na sala de vídeo, no dia 2 de agosto, no horário do recreio. Estudantes que estavam interessadas/os e/ou curiosos compareceram e ajudaram a recortar os papéis com os nomes das/os colegas, outros confirmavam se o seu nome estava realmente registrado para concorrer. Envolvidas/os no sorteio, se ofereceram para participar, retirando o papel dobrado com o nome do pote. Foram cinco potes, cada um representando um grupo religioso, entre eles o grupo de estudantes cristãs/ãos, evangélica/os, outro para católicas/os, um para religiões de matriz africana e um grupo para estudante sem religião. De cada grupo, quatro nomes (dois para serem entrevistados e dois suplentes) foram sorteados por cada representatividade, possibilitando conversar com dois estudantes de cada uma das diversas religiosidades ou não religiosidade. As/os alunas/os sorteadas/os se encontram matriculados nos três anos do ensino médio. Com relação à identidade de gênero, sete jovens se declararam do sexo feminino e três se identificaram com o sexo masculino, realidade que retrata uma identidade binária entre as/os participantes.

Ao finalizar o sorteio, encaminhei os termos de assentimento e consentimento para que as/os responsáveis legais e as/os estudantes assinassem, para então iniciar efetivamente a segunda etapa, a entrevista narrativa. Os termos foram distribuídos para os 10 estudantes sorteados para a entrevista. A distribuição e o recolhimento dos termos assinados não foram tarefas fáceis: houve dificuldade nas assinaturas – alguns preencheram no campo errado, havendo a necessidade de retorno para a correção–, houve um genitor que não permitiu a participação de sua filha na investigação e outros demoraram a entregar os documentos devidamente preenchidos e assinados.

Para que as entrevistas não influenciassem o desempenho do trabalho de especialista da educação básica, realizado durante o turno da manhã. De forma unânime, as/os estudantes escolheram realizar a conversa na escola, após o turno de estudos. O almoço servido na instituição de ensino contribuiu para uma conversa mais confortável e tranquila. Os termos assinados pelas/os responsáveis e estudantes dessa investigação não foram facilmente recolhidos, apresentando uma realidade que levou à estratégia de realizar as entrevistas à medida em que os termos fossem entregues. Assim, apontou-se como meta o encerramento das entrevistas até o último dia do mês de novembro. Tais ponderações são debatidas junto às pistas encontradas nas entrevistas, reflexão que se encontra no quarto capítulo.

2.5 O exercício analítico

Ao identificar os dados coletados pelo questionário e as entrevistas narrativas, tornou-se necessário pensar na maneira como seria realizada a análise das informações encontradas. Para Laurence Bardin (2016), a análise de conteúdo de comunicações implica um conjunto de técnicas utilizadas em pesquisas em ciências humanas. O olhar investigativo necessita estar “sempre desconfiado” ao interpretar os fatos, questionando a evidência dos saberes. Tal postura de vigília constante deve estar preparada para desconstruir paradigmas, evitando uma leitura simples do real diante da descoberta dos conteúdos que confirmam ou informam o que é questionado.

A descrição analítica dos conteúdos propõe descrever os significados (temáticas) e os significantes (que analisam os processos envolvidos) dos dados identificados. Para descrever a análise, a autora sugere estabelecer categorias que organizem os dados interpretados, prática que tem importantes regras a serem cumpridas. A primeira delas propõe uma descrição homogênea, que tem como critério a escolha do tema bem definido; a investigação deve ser exaustiva, debater com outras pesquisas sobre o assunto até esgotar as possibilidades; outro critério é a objetividade, ser adequada e pertinente ao conteúdo proporcionado pelos interlocutores (Bardin, 2016).

As categorias de análise foram pensadas de acordo com os dados identificados tanto no questionário quanto na entrevista narrativa. O primeiro item a ser debatido gira em torno da pergunta que permeia essa investigação. Conforme apresentado anteriormente, questionamos como os jovens do ensino médio a escola vivenciam a diversidade religiosa no cotidiano escolar e como as relações são construídas quando atravessadas por essa particularidade.

Após o assunto central ser analisado, as próximas categorias foram descritas por temas que atravessaram as entrevistas realizadas. As categorias foram estabelecidas de acordo com os temas que mais apareceram nas entrevistas, sendo que os assuntos que se sobressaíram com mais frequência foram descritos primeiro, e assim por diante. Nesse sentido, a segunda categoria a ser analisada foi a importância da religião na construção da identidade das/os estudantes e a importância da família nesse processo; a terceira etapa será examinada de acordo com as vivências religiosas no espaço escolar e, para finalizar essa etapa, dialogamos sobre o ensino religioso, aulas que são enfatizadas pela maioria das/os estudantes. Esse processo foi registrado no capítulo *Análise de dados*, em que as categorias são apresentadas.

Ao compreender as estratégias metodológicas utilizadas nesta investigação, seguimos para o próximo capítulo, que propõe um debate com autoras e autores que pesquisam as juventudes brasileiras.

3 JUVENTUDES E CONDIÇÃO JUVENIL

O presente capítulo é composto por um diálogo com autoras/es que pesquisam as juventudes brasileiras, a escola e o Ensino Médio e a religiosidade ou não na vida das/os estudantes. São temas que atravessam a presente investigação e proporcionam um diálogo teórico com pesquisadores que apresentam trabalhos significativos, fornecendo uma rica reflexão sobre os dados e as interpretações dos autores sobre os tópicos que dialogam com a proposta desta pesquisa.

Ao direcionar o olhar investigativo para as/os jovens estudantes, dialogamos com pesquisadores que debatem as diversas concepções sobre juventudes em nossa sociedade e como as políticas públicas são construídas, instituindo direito às juventudes. Esta investigação trilha um caminho baseado na sociologia, estabelecendo um olhar atento às diversas estruturas simbólicas, vividas diante da diversidade do mundo social. Nesse sentido, tornou-se fundamental esmiuçar os temas que se interseccionam no estudo: juventudes, escola e religiosidade.

No tocante à juventude, é preciso situar quem são as/os jovens brasileiras/os. Do ponto de vista legal, o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, instituído para garantir os direitos das/os jovens em todo o território brasileiro – afirma que são consideradas jovens pessoas entre 15 e 29 anos de idade. Contudo, cabe ressaltar que adolescentes entre 15 e 18 anos são também respaldados pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente. A concomitância dessas leis evidencia a complexidade dos conceitos e das definições do que é a juventude, uma vez que, na perspectiva legal e política, a compreensão sobre juventude se antecipa nos limites etários e abarca a adolescência, estendendo-se ao que comumente chamamos de idade adulta.

Em virtude das leis citadas, todas/os as/os jovens brasileiros estão respaldados por direitos, entre eles: a cidadania, a participação social, a política, as representações sociais, a educação, a profissionalização, o trabalho e renda, bem como a cultura, a comunicação, a liberdade de expressão, o lazer, o território e a mobilidade; a sustentabilidade, o meio ambiente, a segurança pública e o acesso à justiça (Brasil, 2013).

Ao interpretar o conceito e os direitos dos jovens de nosso país, tornou-se importante ressaltar que a implementação de políticas públicas para as juventudes brasileiras é ainda prematura. No contexto internacional, países europeus desenvolvidos e os Estados Unidos possuem a tradição de formular políticas para jovens ao longo do século XX, enquanto em

países da América Latina e de língua espanhola, apresentaram maior visibilidade ao tema a partir dos anos 1980 (Abramo, 1997).

Ao tratar de leis para as crianças e a juventude brasileira, não podemos deixar de enfatizar a importância das proteções instituídas. Entretanto, observa-se que, no tocante à realidade vivida pelas/os jovens brasileiras/os, as políticas públicas foram elaboradas com destinação para aqueles/as que se encontram em situação de risco social, “[...] adolescentes submetidos à exploração sexual, ou aqueles envolvidos com o consumo ou o tráfico de drogas, em atos de delinquência etc.” (Abramo, 1997, p. 75).

No conjunto das políticas públicas, destacam-se a massificação do ensino e a obrigatoriedade da matrícula da/o jovem no ensino médio. Marília Sposito (1999) ressalta a questão da desigualdade educacional e enfatiza que, a partir de 1995, ocorre, no cenário educacional brasileiro, a expansão das matrículas nas escolas, a despeito da qualidade do ensino ofertado. A escolarização, que antes atendia somente estudantes que pretendiam dar continuidade aos estudos universitários, hoje, para muitos jovens, se tornou a última etapa da escolarização básica, o que gera discussões sobre qual é a melhor formação a ser ofertada para os sujeitos dessa etapa do ensino (Dayrell, 2007).

Ignora-se ainda o contexto dos jovens que vivem em situação de exclusão social e violação de direitos, trazendo adversidades em sua rotina. Há casos em que a/o educanda/o apresenta dificuldade de concentração, impossibilitando um bom processo de aprendizagem. Outro desafio é a sustentação da frequência escolar: as taxas de abandono escolar são explicadas por diversos motivos, entre eles os mecanismos presentes na estrutura educacional, com uma legislação que sistematicamente exclui essas/es jovens.

Do ponto de vista da sociologia, Maria da Graça Setton (2011) cita a família e a escola como instituições socializadoras de base para as/os jovens, pois promovem relações de formação que hoje se encontram atravessadas pelas sociabilidades presentes no consumo das mídias sociais. A autora fomenta uma reflexão que coloca a/o jovem no centro do seu processo educativo, articulando múltiplas referências para a construção da sua própria trajetória.

Angelina Peralva (1997) ressalta que as idades da vida não são puramente naturais, mas fruto de uma construção histórica e social permeada por costumes e comportamentos que são intrinsecamente educativos, bem como mecanismos que estruturam as relações. Considerando tais colocações, Lili contribui para esse debate ao dizer de seu pertencimento religioso:

Quando eu era pequena... a gente sempre tem um incentivo de religião né, a gente não começa sozinha, na minha família a maioria é toda católica, então eu segui em frente em ser católica, não tive muitas experiências... porque eu não sou uma pessoa

que gosta muito de ir na igreja, por experiências desagradáveis (Lili, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Em vista do que foi colocado pela interlocutora, as relações vividas no núcleo familiar de Lili relativas à religião foram citadas por ela não como uma imposição durante a infância, mas como uma situação que permeava seu processo de socialização. Ela acompanhava a família naquilo que era costumeiramente vivenciado pelo grupo. Já a experiência desagradável que a jovem vivenciou na igreja será contada no tópico *Juventudes e pertencimento religioso*.

Do ponto de vista histórico, ao longo do século XX, a era industrial constituiu-se no período áureo para a formação da criança e da/o jovem, momento em que a escola se torna uma instituição obrigatória e universal, em que a criança e a/o jovem estão no centro das atenções, principalmente nas famílias, num contexto que supõe uma progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. Com a necessidade de formar mão de obra para as indústrias, a escola, organizada em períodos, passa a institucionalizar as diferentes fases vividas pelos sujeitos e torna-se uma entidade imposta pelo Estado, que, ao assumir legalmente a responsabilidade pela vida e o desenvolvimento da criança, coloca a juventude como responsável pela continuidade do mundo e pela preservação de hábitos e costumes (Peralva, 1997).

Para Sposito (1999), a institucionalização das diferentes fases da vida é realizada por efeito de ação do Estado, que assume a responsabilidade pela vida e pelo desenvolvimento da criança. A escola assume a função socializadora e conservadora, sustentando uma concepção de juventude como “período de preparação para o mundo adulto”, enfoque por excelência da área de educação, que nos anos 1950 se consolida como uma perspectiva universalista de política pública. A autora enfatiza que há outra maneira de ver as/os jovens no cenário político e social: há uma concepção da juventude como desvio, que corrobora a tese da juventude como uma “etapa problemática”, seja porque é ameaçadora da ordem social ou porque apresenta déficits no seu desenvolvimento.

Nessa concepção, o Estado passa a adotar medidas de controle social para os enormes contingentes juvenis excluídos das políticas educacionais. No contexto da juventude brasileira, há que se ter cuidado ao caracterizar a juventude, pois, no território nacional, há múltiplas juventudes condicionadas por fatores econômicos, sociais e culturais em diferentes regiões. Portanto, são diversas as juventudes:

Tendo em vista o conjunto das mudanças profundas na vida social no planeta nos últimos anos, essa transição (da criança para o adulto) tendeu a se alongar e a assumir alguns traços comuns, mas fortemente marcada pela diversidade, depende das

condições sociais (classes sociais) culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero (homens e mulheres) e das regiões (Sposito, 1999, p. 8).

A juventude muitas vezes é compreendida como um ciclo da vida, compreendendo o momento em que o sujeito sai da infância até o ingresso no mundo adulto. Contrapondo-se a essa visão estática e homogênea de juventude, Sposito (1999) salienta a importância de pensar as/os jovens não como devir, ou como vir a ser, mas como alguém que aqui está, jovens do presente. Essa concepção aponta para uma juventude cidadã, detentora de direitos, uma visão que busca superar os enfoques anteriores, a visão negativa sobre as/os jovens. O paradigma da cidadania dá centralidade à participação juvenil, reconhecendo essa etapa da vida como uma fase importante do desenvolvimento social.

No contexto nacional, cabe ressaltar as diversidades regionais. Como afirma a professora Licinia Correa (2008), “Os jovens, sujeitos e autores de sua própria condição, não são os mesmos em todos os lugares. Aquilo que os assemelha é no reverso, o que os particulariza quando tomado em condições materiais, culturais e geográficas tão díspares quanto as apresentadas no Brasil” (Correa, 2008, p. 43).

Tendo em vista o extenso território brasileiro, é importante refletir sobre como as/os jovens interpretam e dão sentido ao mundo a partir dos seus interesses e necessidades, apropriam-se do social e, conseqüentemente, reelaboram valores, práticas e normas a partir de suas representações (Dayrell; Carrano; Maia, 2014).

O contexto social contribui intensamente para a construção do desenvolvimento identitário, a questão temporal é vivida de forma indeterminada em cada realidade. “É no tempo de vida juvenil que as perguntas sobre quem se é e quem se quer ser dão sentido à ideia de passado-presente-futuro e demarcam o limite entre infância, juventude e idade adulta. Mas é, sem dúvida, no seio da sociedade que isso se conforma” (Correa, 2008, p. 57).

Junto à construção desse novo olhar sobre as representações sociais, a mudança física no corpo das/os jovens, para além de representar um ciclo da vida que proporciona intensas transformações físicas e psicológicas, é um momento de efervescência, assevera Correa (2008). Essa fase da vida, em nossa sociedade, também estereotipa os jovens como alguém que está em transição, que ainda será alguém, anulando o seu presente, de modo que ele não é chamado para emitir opiniões sobre as demandas da sociedade e também das juventudes (Dayrell; Carrano; Maia, 2014).

Diante da situação de silenciamento da juventude brasileira, a professora Abramo (1997) nos chama a atenção para o desinteresse das/os jovens pela política e pelas questões sociais de nosso país, realidade acentuada pelo individualismo e pragmatismo que vivemos com o

capitalismo. Consequentemente, com a voz da juventude silenciada, não haverá a possibilidade do debate qualitativo e da melhoria das políticas públicas direcionadas para esse público.

3.1 Jovens e a escola

No tocante às políticas educacionais, observa-se uma ampliação da presença das juventudes na escola, impulsionada por um processo de massificação do ensino, sem, contudo, considerar as demandas, necessidades e interesses dessas pessoas. A pesquisadora Mônica Peregrino (2010), compartilha o resultado de sua pesquisa de doutorado sobre a expansão e a universalização da escolarização no Brasil, a partir de meados da década de 1990, quando a educação básica aumenta de forma impactante o número de matrículas. A autora identifica que a expansão da escola acontece no período de 1994 a 2002, iniciada durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, quando há a expansão do ensino para aqueles que não possuíam acesso ao ensino escolar: a classe pobre da sociedade. Consequentemente, o público mudou. “O processo, que não recebeu o necessário investimento financeiro para atender à nova demanda, é colocado pela autora como a ‘expansão milagrosa’ que faz ‘mais com menos’” (Peregrino, 2010, p. 83).

Durante a convivência diária no cotidiano escolar, estudantes e educadoras/es expressam de forma relevante seus pertencimentos, construídos nos mais diversos contextos sociais e culturais. Em razão dessas situações, cabe refletir como as/os jovens vivenciam o seu pertencimento religioso no território escolar, como se sentem vistas/os, ouvidas/os e compreendidas/os quando manifestam as suas crenças e não crença.

Essa subjetividade dos sujeitos está impressa nos processos educativos, na relação pedagógica. Nesse sentido, o estudo em questão argumenta que a vivência da religiosidade está impressa na vida juvenil. As/Os estudantes do ensino médio manifestam explícita ou implicitamente suas formas de adesão às velhas e novas configurações religiosas, visto que muitas atitudes são moldadas pela dimensão religiosa que os constitui como sujeitos. Ao nos ater à questão do *lugar* que a/o sujeita/o ocupa, cabe ressaltar a importância que as/os jovens dão ao lugar onde vivem a suas relações simbólicas e afetivas, ao movimento de ir e vir, que também caracteriza as juventudes de diferentes formas, seja ela na dimensão de grupos de amigos, de estilo musical ou religiosidade (Dayrell, 2007).

É preciso enfatizar a importância de buscar compreender a visão dos discentes em relação à instituição de ensino e também fora dela, dialogar sobre como as culturas juvenis são construídas nas trajetórias de vidas, quais as expressões simbólicas dessas/es estudantes, quais

as referências musicais, no esporte, na dança, na cultura midiática, nas interações digitais, entre outras formas de comunicação que mediam e articulam a agregação de jovens em grupos que se reúnem para compartilhar aquilo que gostam, “[...] ‘trocam ideias’ buscam formas de se afirmar diante do mundo do adulto, criando um ‘eu’ e um ‘nós’ distintivos” (Dayrell, 2007, p. 1111).

Esse “nós” tem como um de seus focos a cultura midiática. No contexto brasileiro, Abramo (1997) afirma que os meios de comunicação em massa a todo o momento ofertam produtos – por meio de programas de TV, séries, rádio, revistas e redes sociais – direcionados para o público adolescente e juvenil. É importante ressaltar que, apesar da visibilidade alcançada pelos meios de comunicação, muitas/os jovens se encontram semi-invisíveis, muitas vezes não são vistos, ouvidos e entendidos na sociedade. Para apreender a dinâmica socializadora nas diversas instituições que o jovem ocupa e produzir bens simbólicos, deve ser considerada a experiência temporal, social e culturalmente diferenciada por cada sujeito, focando nas dimensões de origem social, posição ideológica, religiosa e gosto estético presente na vida de todos (Setton, 2010).

Em virtude das diversas relações que constroem as juventudes, no próximo tópico, vamos dialogar com pesquisadores que estudam historicamente, como o ensino religioso chega às escolas.

3.2 A diversidade religiosa e o ensino religioso nas escolas

O ambiente escolar é constituído pelos hábitos e costumes vividos pela comunidade na qual se insere. As escolas públicas brasileiras que, em grande parte, atendem as classes populares, hoje são compostas pela diversidade presente em nossa sociedade. Em razão dessa realidade, é preciso garantir a implementação de leis educacionais que acolham e valorizem todos os contextos socioculturais e assegurem os direitos das/os estudantes presentes na escola, entre eles o direito de manifestar a sua religião. Atualmente, as escolas públicas brasileiras são compostas por pessoas de diversas religiões, de modo que se justifica estabelecer um diálogo sobre o quanto a religiosidade e a fé podem ser importantes na vida de muitos sujeitos presentes na escola.

Figura 7 - Mural escolar⁹

Fonte: acervo pessoal.

Para o sociólogo Jessé Souza (2018), é preciso compreender o processo histórico da construção dos valores na sociedade ocidental para percorrer o longo processo educativo brasileiro. No mundo ocidental da Antiguidade e da Idade Média, a religião moldava o comportamento social por meio da “consciência moral” imposta pelo sagrado, situação que gerava o temor do julgamento de Deus após a morte. O judaísmo antigo trouxe o dilema da moralidade para a sociedade ocidental, para quem a consciência individual proporciona “escolhas” de acordo com a consciência da pessoa, de modo que seguir ou não as regras impostas pela divindade torna-se um dilema que até então não existia. O cristianismo recebe e aprofunda o legado judaico, colocando que todos são iguais perante Deus, assim todos são dignos de salvação.

Ao considerar o contexto histórico, refletimos sobre a construção da educação brasileira e a presença da igreja na formação das cidadãs e dos cidadãos no país. O pesquisador Marcos Antônio Silva (2021) informa que a oferta da educação no contexto nacional foi promovida na época do Império, visando a um domínio territorial e dos corpos. Dessa forma, a promoção das “boas maneiras” foi construída junto aos valores e à moral do cristianismo. Até o final do século XVIII, assim como todas as instituições públicas da época, as escolas eram geridas pela Igreja Católica, que formava valores, princípios morais, jurídicos e políticos, num modelo de ensino conhecido como “método escolástico”, criado na Europa a partir do século XIV (Silva, 2021).

No Brasil, a primeira tentativa de retirada da Igreja Católica da instituição pública de ensino foi na República. Com a influência do positivismo, que crescia na Europa, surgia a perspectiva de uma escola laica, com caráter racional e fundamentada em princípios científicos,

⁹ Mural construído por duas professoras da escola pesquisada, imagem que permaneceu na escola ao longo da pandemia.

propunha-se, assim, uma nova organização social de ruptura total com o ensinamento cristão (Silva, 2021).

Iniciada no século XIX, na Europa, a laicização social e econômica proporcionou um momento histórico também conhecido como secularização, uma perspectiva que promoveu uma educação voltada para a formação do homem moderno, utilizando argumentos científicos, priorizando o uso da razão e a base empírica. Esse novo pensamento contrariava a educação religiosa, que até então ofertava: instruções voltadas para a formação do sujeito padronizado, que devia seguir os valores de civilidade, honestidade, decência, trabalho, individualismo, conformidade, entre outras características que moldam um grupo para atender os interesses da época (Cecchetti, 2012).

O indivíduo secular mudou radicalmente o modo de interpretar o significado da vida no ocidente, se antes, além da sobrevivência, a religião propunha a salvação no além-mundo. Com as mudanças do advento histórico, o sentido pela existência apresenta outra interpretação, os valores morais destacam o homem e a sua vida, o motivo de existir acontece no presente, no aqui e agora, durante a vida, não mais após a morte. Nesse processo, mesmo a religião ocupando um importante lugar na vida de muitos, “todas as ideias associadas à valorização da igualdade, à autonomia e à felicidade individual foram herdadas e transfiguradas a partir do repertório religioso” (Souza, 2018, p. 32).

Ao longo do contexto histórico, o sistema educacional brasileiro, por volta de 1920, foi destacado por personalidades como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, conhecidos como “os pioneiros da educação”. Os intelectuais foram defensores da educação fundamentada nos valores liberais-laicistas, realidade que gerou embate com a igreja romana, que lutava para continuar influenciando e garantindo os seus valores nas escolas do Brasil (Silva, 2021). O Brasil é um país cuja religião oficial foi o catolicismo até a promulgação da Constituição Republicana, em 1891 (Valente, 2018).

O conceito de laicidade construído no Brasil é de referência francesa, inspiração apropriada por diversos países do mundo. Na tentativa de compreender o que é um estado laico do ponto de vista do conceito padrão, o pesquisador francês Jean Paul Willaime (2011) afirma que a evolução histórica do conceito de laicidade, realizada por intelectuais franceses, varia com o passar do tempo. Mesmo apresentando divergências conceituais, o autor pontua que atualmente a sociedade vive o resultado de um processo histórico. A cultura religiosa cristã, majoritária no Ocidente ao longo do tempo, marcou a sociedade europeia sistematicamente ao impor normas que hoje definem e caracterizam o Estado brasileiro. Com o desdobramento da democracia, houve a necessidade legal de aceitar a diversidade religiosa vivenciada por cada

sujeito, pois, como o autor destaca, “O Estado é laico, não a sociedade” (Willaime, 2011, p. 317).

Para nos apropriar do conceito de laicidade, é preciso considerar o contexto histórico em que essa nova forma de interpretar o mundo chegou ao país, estabelecendo-se como uma prescrição governamental a qual população não atribuiu legitimidade, embora tenha sido dirigida a todas as instituições públicas (Valente; Setton, 2016). Nesse sentido, os órgãos governamentais, ao realizarem as suas funções com a sociedade, necessitam considerar a pluralidade da população e acolher as diversas religiões que hoje habitam o extenso solo brasileiro.

No Brasil, os processos civilizatórios propostos pela modernidade carregam novos paradigmas, a transposição de contextos sociais e as diferentes formas de pensar o conhecimento perante a diversidade que forma o Brasil foram compreendidas como características próprias de cada cultura, tornando-se inevitável a implementação da laicidade na sociedade (Valente, 2018).

Para Emerson Giumbelli (2008), é preciso entender a presença legitimada da educação no espaço público por meio das definições históricas vividas no Brasil desde a República, período em que o Estado institucionalizou a laicidade e, concomitantemente, trouxe o conceito de religião¹⁰, legitimada pela sociedade moderna ocidental. Vale ressaltar ainda que a laicidade proporciona a incorporação do princípio da “liberdade religiosa” e da igualdade entre as diversas religiões, legitimando o pluralismo religioso brasileiro.

Para Berger (2000), a teoria da secularização está equivocada, mesmo que algumas obras se sustentem sobre ela. A modernização, junto ao discurso da secularização, trouxe o declínio da Igreja sobre o Estado em alguns lugares, mas as crenças, mesmo que antigas, estão presentes na vida das pessoas, o que “no mínimo demonstra que a contra-secularização é um fenômeno ao menos tão importante no mundo contemporâneo quanto a secularização” (Berger, 2000, p. 13). Dessa maneira, “[...] atualmente o fato da população brasileira ser profundamente religiosa não é um impedimento para que o Estado seja laico. Pelo contrário, o Estado laico seria uma maneira de garantir a liberdade de culto, de consciência e de crença e de não crença da população” (Valente, 2018, p. 113).

No Brasil, ao refletir sobre como os intelectuais que se apropriaram do conceito francês de laicidade, diante de todo o contexto histórico vivido no país, cabe-nos questionar: como a

¹⁰ Religião: conjunto de experiências e processos de socialização entendido como um sistema de crenças e ritos de uma comunidade (Bortone; Groppo, 2022).

laicidade no contexto escolar é vivenciada por jovens religiosos ou não religiosos em uma escola pública de ensino médio?

Para construir uma reflexão sobre o assunto, compreendemos a laicidade nas instituições públicas, sobretudo nas escolas brasileiras, como um conceito que proporciona aos espaços o bem-estar de todos os presentes, independentemente da escolha religiosa ou não religiosa de cada sujeito.

A educação básica, ofertada na rede pública de ensino brasileira, é formada por diversos componentes curriculares. A disciplina de Ensino Religioso (ER), presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é lecionada no ensino fundamental. Vale ressaltar que há um debate nacional sobre o conteúdo curricular, questionamentos são realizados entre especialistas da área da educação, junto aos poderes públicos e autarquias que instituem as políticas públicas educacionais. Devido ao atual contexto, torna-se importante compreender como a legislação educacional mineira apresenta o componente Ensino Religioso, presente no Currículo de Referência de Minas Gerais (CRMG).

No âmbito estadual, fundamentado na BNCC, o currículo dispõe o ER não confessional como um conteúdo significativo para o desenvolvimento integral da/o estudante, apresenta a religiosidade como uma dimensão humana, com uma perspectiva de que todos os seres humanos buscam uma compreensão para a vida, de modo que a religião é vista como base da totalidade da vida humana. No tocante às competências específicas presentes no CRMG, o conteúdo possibilita às/aos estudantes a compreensão, a valorização e o respeito por diferentes tradições, religiões e filosofias de vida, proporcionando o convívio saudável com a diversidade de crenças, pensamento e convicções, bem como possibilitando um cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza. O conteúdo enseja ainda promover a problematização, o debate e o posicionamento frente a discursos ou práticas de discriminação ou violência, especialmente de cunho religioso, levando a/o aprendiz ao exercício da cidadania, dos direitos humanos e à construção de uma cultura de paz (Minas Gerais, 2018).

Para entender parte do debate sobre a presença do ER nas escolas públicas brasileiras, recorreremos ao professor Luiz Antônio Cunha (2016), que realiza uma análise desse componente curricular sobrepondo-o à concepção da escola laica, anunciada pelo Observatório da Laicidade na Educação¹¹. O estudo apresenta como base da investigação a concepção política presente na

¹¹ O Observatório da Laicidade na Educação é um grupo de pesquisa da Universidade Federal Fluminense (UFF), que tem como objetivo a reflexão sobre o conceito de laicidade e sua aplicação à educação pública, em todos os níveis e modalidades. Disponível em: <http://ole.uff.br/>. Acesso em: 04 mai. 2021.

BNCC, com foco no ER, e faz uma análise sobre o processo da manutenção do ER no currículo nacional, até o seu produto final, a BNCC, documento normatizador das diretrizes educacionais instituídas no Brasil.

Parte do debate feito por Cunha cita uma “manobra” realizada por defensores católicos para a manutenção do ER nas escolas públicas de ensino fundamental, definida pelo autor como uma “entronização” na BNCC. Ganhando status no conjunto dos componentes curriculares, o ER foi integrado à área de ciências humanas, sustentando uma área de conhecimento só para si, como língua portuguesa, enquanto conteúdos como história e geografia foram astuciosamente agrupados (Cunha, 2016).

Outro questionamento apresentado pelo autor é referente ao desenvolvimento integral das/os estudantes. Contrapondo-se às afirmações presentes na BNCC, o autor ressalta que, para o desenvolvimento integral do sujeito ocorrer, são necessários investimentos nas diversas áreas, como a reorganização do tempo de permanência das/os estudantes nas escolas, o acesso a apresentações culturais, esporte e lazer, ou seja, há um conjunto de habilidades que o conteúdo curricular de ER não alcança por suas próprias limitações como uma disciplina curricular. Considerando essa realidade, o debate sobre a disciplina ER é de grande importância para a educação básica, no entanto, o objetivo da presente investigação não é aprofundar o tema, uma vez que o conteúdo não se encontra no currículo do Ensino Médio, apenas do ensino fundamental.

Ainda dialogando sobre religiosidade e educação, outro ponto de tensão é a tentativa de entrada do ensino da bíblia em todas as disciplinas e modalidades de ensino da educação no país. Para compreender o “criacionismo científico” presente no Brasil, as pesquisadoras Tatiana Lionço e Amanda Mattos (2021) analisam as propostas legislativas realizadas por deputados federais. Os Projetos de Lei (PL) solicitam a alteração de marco legal, uma tentativa de regulamentação da oferta de ensino sobre a bíblia e a inserção de conteúdos com princípios baseados na fé cristã na BNCC.

Os PL propostos levantam o debate sobre o proselitismo religioso na educação básica brasileira, ao proporcionar às/aos estudantes somente o estudo da fé cristã, uma situação que fragiliza o princípio norteador da laicidade nas instituições públicas.

Com os olhares direcionados à movimentação e às disputas políticas vividas com intensidade no período de 2014 a 2018, as autoras identificaram 15 propostas de alteração da legislação educacional brasileira, mas se debruçaram sobre quatro propostas que, em 2020, se encontravam desarquivadas e sob apreciação por meio de requerimento da atual legislatura. As propostas passavam a incidir sobre a proposição de preceitos de fé cristã em outras disciplinas

do currículo escolar, não se restringindo ao ER. Os PL investigados foram apresentados na Câmara dos Deputados em um momento de acirramento político, entre eles o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016, e a prisão do presidente Lula em julho de 2017. O Quadro 1 mostra os PL pesquisados por Lionço e Mattos (2021) para alterar a política educacional brasileira.

Quadro 1 – Resumo dos Projetos de Lei levantados

PL	Ementa	Autoria	Situação na 56a legislatura
8099/2014	Ficam inseridos na grade curricular das Redes Pública e Privada de Ensino, conteúdos sobre Criacionismo.	Pastor Marco Feliciano (PSC/SP)	Apensados ao PL 8099/2014; Desarquivado nos termos do Artigo 105 do RICD, em conformidade com o despacho exarado no REQ-262/2019.
943/2015	Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de Diretrizes e Bases da educação nacional, para dispor sobre a inclusão do ensino da Bíblia no Ensino Fundamental e Médio da educação básica.	Alfredo Kaefler (PSDB/PR)	Desarquivado nos termos do Artigo 105 do RICD, em conformidade com o despacho exarado no REQ-262/2019. Apensado ao PL 309/2011.
5336/2016	Acrescenta um parágrafo 10 ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional e dá outras providências, para incluir a "Teoria da Criação" na base curricular do Ensino Fundamental e Médio da educação básica.	Jefferson Campos (PSD/SP)	Apensado ao PL 8099/2014; Desarquivado nos termos do Artigo 105 do RICD, em conformidade com o despacho exarado no REQ-262/2019.
9164/2017	Altera e acrescenta dispositivos à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para incluir "Estudo da Bíblia Sagrada" como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Fundamental e Médio do Brasil.	Cabo Daciolo (AVANTE/RJ)	Apensado ao PL 943/2015

Fonte: Lionço e Matos (2021).

Os PL descritos são propostas que precisam ser dialogadas com os diversos representantes do âmbito educacional, sobretudo com as/os professoras/es e demais

profissionais da educação. Afinal, a utilização da bíblia como material didático obrigatório não contempla todas as religiões presentes em nossa sociedade.

Nesse contexto, torna-se importante refletir sobre como as juventudes vivenciam as suas crenças na sociedade e como as políticas educacionais se organizam para garantir o bem-estar das/os estudantes. No próximo capítulo, vamos conhecer melhor as/os interlocutoras/es da investigação, compartilhando informações fornecidas pelo questionário e pelos dados identificados nas entrevistas narrativas com as/os jovens.

4 INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA

As informações identificadas ao longo da investigação estão descritas no presente capítulo. As respostas do questionário e as narrativas produzidas pelas/os estudantes são informações importantes para a construção desta pesquisa. O primeiro tópico está direcionado a uma análise descritiva dos dados quantitativos, revelando o perfil das/os estudantes a partir das variáveis gênero, raça/etnia, condição social e econômica, território de origem, composição e escolaridade da família.

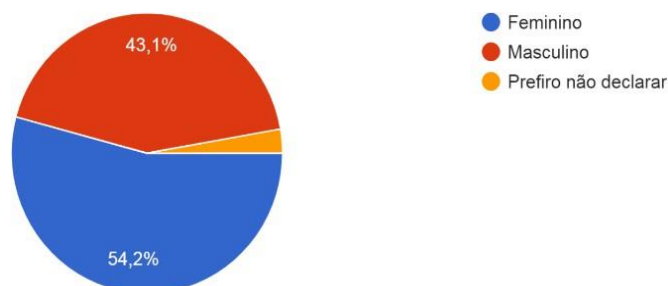
O segundo tópico refere-se à diversidade religiosa, buscando identificar as múltiplas formas de pertencimento religioso das/os estudantes e de suas famílias. O terceiro tópico, constituído essencialmente das narrativas juvenis, enfatiza as manifestações religiosas e não religiosas vivenciadas na escola, envolvendo as relações cotidianas estabelecidas entre estudantes, docentes, familiares, entre outras pessoas que compõem a comunidade escolar. Finalizo este capítulo destacando a dinâmica familiar, um componente fundamental no processo de socialização dessas/es jovens e que revela como são construídos os diversos modos de pertencimento religioso, bem como a escolha por não professar uma doutrina religiosa.

4.1 Identificando a diversidade presente na escola

A análise dos dados quantitativos teve como suporte as respostas ao questionário, instrumento que nos informa o perfil das/os estudantes a partir das variáveis gênero, cor/etnia, contexto socioeconômico, contexto familiar, escolaridade e diversidade religiosa.

Para conhecer o perfil dos estudantes do ensino médio, a primeira questão, conforme ilustra o Gráfico 2, foi sobre a identidade de gênero das/os jovens.

Gráfico 2 - Sexo



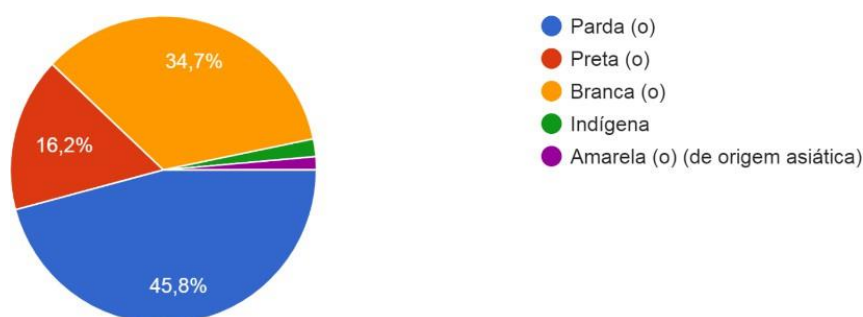
Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas demonstram que 54,2 % pertencem ao sexo feminino; 43,1%, ao sexo masculino; e 2,8% dos estudantes optaram por não declarar a sua identidade de gênero. Após a aplicação do questionário, percebemos que essa questão tomou como pressuposto o binarismo de gênero. Reconhecemos que a questão poderia ter uma formulação mais adequada, considerando a diversidade de gênero e de orientação sexual.

Na pergunta relativa à idade dos estudantes, os resultados apresentam uma faixa etária que varia de 15 a 18 anos, é importante lembrar que os jovens se encontram matriculados nos três anos do ensino médio.

A terceira pergunta foi direcionada para a autodeclaração de cor/etnia, classificadas de acordo com as categorias do IBGE, de modo que as opções de respostas foram: parda, preta, branca, indígena e amarela. Os dados do Gráfico 3 apontam que 45,8% das/os estudantes se consideram pardos; 34,7%, brancos; 16,2% se identificam como pretos; 1,9% afirmam ser indígenas; e 1,4% se consideram amarelos, de origem asiática. É preciso considerar que, entre os estudantes, há uma importante diversidade étnico-racial, com uma maioria negra, considerando a soma de pretos e pardos.

Gráfico 3 – Cor/raça

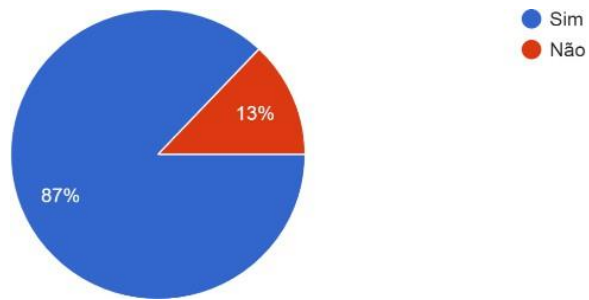


Fonte: dados da pesquisa.

A quarta questão perguntou aos estudantes com quem eles moram. Entre as respostas, 61,6% relataram residir com os pais; 31%, com a mãe; e 7,4% moram com outros familiares.

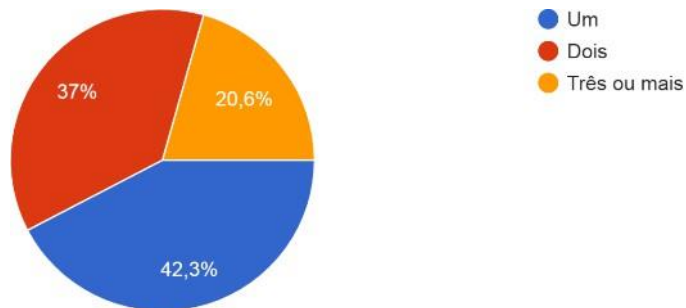
No que diz respeito à composição familiar, ao serem perguntados se possuíam irmãos, a quinta questão registrou que 87% dos jovens têm irmãos; e uma minoria de 13% relatou que não possui irmãos. A sexta questão pergunta o quantitativo de irmãos das/os estudantes, as respostas mostraram que 42,3% das/os jovens têm um irmão; 37% possuem dois irmãos; e 20% têm três ou mais irmãos.

Gráfico 4 – Tem irmãos



Fonte: dados da pesquisa.

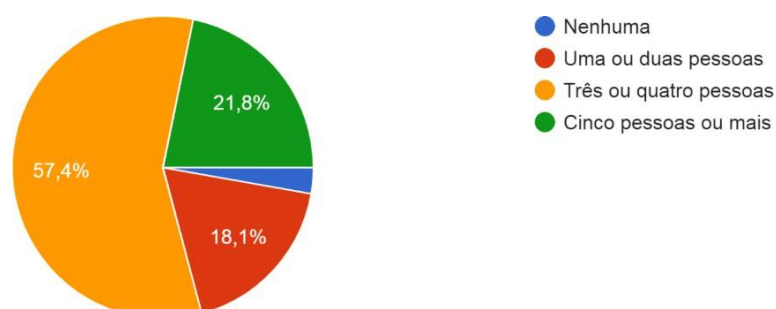
Gráfico 5 – Quantidade de irmãos



Fonte: dados da pesquisa.

A sétima pergunta teve o intuito de conhecer mais sobre a composição familiar das/os estudantes. Ao serem questionados sobre quantas pessoas moravam com as/os estudantes, 57,4% responderam morar com três ou quatro pessoas; 21,8% moram com cinco ou mais pessoas; 18,1% moram com uma ou duas pessoas; e 2,8% relataram não morar com ninguém. O Gráfico 6 registra que grande parte das/os jovens mora em casa com três ou quatro pessoas, fazendo parte de famílias diversas, das quais será possível conhecer um pouco mais nas entrevistas narrativas realizadas com as/os estudantes.

Gráfico 6 – Residentes no domicílio



Fonte: dados da pesquisa.

A oitava questão versa sobre a cidade em que a/o estudante nasceu. Vale enfatizar que o município não possui hospitais com maternidade, inviabilizando a população em ter a sua naturalidade em Lagoa Santa. Desse modo, grande parte dos estudantes, 92,42%, relatou ter nascido na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH); 2,7% dos estudantes nasceram em cidades localizadas no norte do estado de Minas Gerais; 0,9% relatou ter nascido em cidades que ficam no leste do estado; 0,9% nasceu em cidades do oeste do estado; 0,4% nasceu em cidades no sul de Minas; 1,38% nasceram na região nordeste do Brasil; 0,9% nasceu na região norte do país; e 0,4% nasceram no estado de São Paulo, região sudeste do país.

A nona questão trata sobre o bairro/território em que as/os estudantes moram, as respostas variadas demonstram que há estudantes que moram em todas as regiões do município. A décima pergunta é referente à cidade em que a/o estudante mora. A pergunta, que inicialmente parece ser redundante, justifica-se pelo fato de Lagoa Santa estar localizada na RMBH, em fronteira urbana com outros municípios. 1,38% das/os estudantes que responderam moram em bairros localizados no município de Jaboticatubas; e 0,9% registrou morar em Vespasiano, cidade que também está bem próxima à divisa dos municípios.

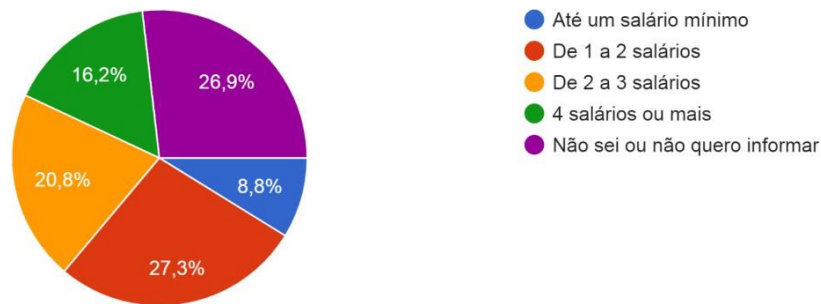
A décima primeira pergunta registra há quanto tempo a/o estudante mora na região de Lagoa Santa. 64,8% declararam que sempre viveram na região, realidade que demonstra um quantitativo importante de jovens que convivem com as tradições da comunidade. 28,72% das/os estudantes relataram viver na cidade entre 6 e 12 anos de suas vidas, quantitativo que demonstra que essas/es jovens se encontram adaptadas/os e compõem a rotina da cidade. 6,48% das/os estudantes moram no município há menos de 5 anos, o que indica que estão construindo vivências no cotidiano da cidade.

A décima segunda pergunta busca compreender a situação de moradia das/os estudantes que responderam ao questionário. A maior parte, 62%, relatou residir em casa própria e quitada; 15,5% moram em casa própria em pagamento; 15% moram de aluguel; 2,8% moram em residência cedida; 1,9% registraram outros; 1,4% moram em ocupações e 1,4% moram de favor.

A décima terceira pergunta indaga sobre a renda mensal da família das/os estudantes, considerando o valor do salário mínimo, que atualmente é de R\$1.212,00. 8,8% citaram que a renda do grupo familiar é de até um salário mínimo. 27,3% das/os respondentes disseram que a renda mensal da família é de aproximadamente um a dois salários mínimos. 20,8% afirmaram que a renda mensal da família varia de dois a três salários. 16,2% registraram que a renda familiar varia de quatro ou mais salários; e 26,9% das/os respondentes afirmaram que não sabiam ou não quiseram informar esse dado. Essas informações sobre a condição econômica, associadas à composição da família, indicam que grande parte das/os estudantes têm famílias

com renda *per capita* entre R\$300,00 a meio salário mínimo, um expressivo grupo sobre o qual incidiu mais diretamente o agravamento da crise econômica nos últimos anos. Esse grupo foi, provavelmente, o mais afetado pelas condições de escolarização impostas no contexto da pandemia da covid-19, quando os sistemas públicos de ensino adotaram o ensino remoto e, posteriormente, o ensino híbrido, sem se atentar para o aprofundamento das desigualdades educacionais e digitais.

Gráfico 7 – Renda familiar



Fonte: dados da pesquisa.

A décima quarta pergunta se refere ao principal responsável pelo sustento da família. Cabe ressaltar que a/o estudante poderia marcar mais de uma opção. Do total de 216 respondentes, 127 registraram ser o pai o responsável; 111 registraram ser a mãe incumbida pelo sustento da família; 18 jovens citaram o padrasto; 17 alunas/os responderam ser os avós os provedores da família; e 14 responderam ser outros parentes os responsáveis pelo sustento do grupo. Esses dados, interpelados pelas desigualdades de gênero, evidenciam que as mulheres ocupam uma posição importante como arrimo de família, sendo, contudo, as que sofrem as discriminações impostas no mercado de trabalho numa estrutura patriarcal: têm dupla ou tripla jornada de trabalho; recebem os menores salários, ainda que desempenhem as mesmas funções; ocupam postos de trabalho mal remunerados e atuam na informalidade.

A décima quinta pergunta questiona qual é o ofício da/o responsável financeiro de sua casa. As respostas variam muito, mas ressaltamos algumas como: mãe desempregada, de modo que a estudante cuida de crianças para ajudar em casa; militar; enfermeira; diarista; vigia; uber; jardineiro; adestrador; funcionário público; manicure; dono de bar; advogado; técnico de avião; corretor de imóveis; dona de casa; pensionista; motoboy; professora; assistente social; vendedor; metalúrgico; cabeleireira; entre outras profissões. Ainda que de forma pouco aprofundada, destacamos que esse conjunto de profissões está social e economicamente associado a determinados grupos, com pertencimentos de classe, raça e gênero.

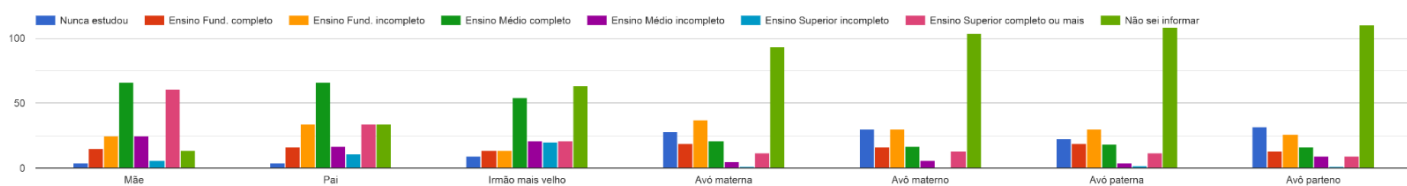
A décima sexta questão faz um levantamento da formação escolar dos familiares dos estudantes. Ao tratar da escolaridade da mãe, observa-se que 66 mulheres possuem o ensino médio completo; 61 concluíram a graduação ou pós-graduação; 25 têm o ensino médio incompleto; 25 têm o ensino fundamental incompleto; 15 têm o ensino fundamental completo, 6 têm o ensino médio incompleto; 14 estudantes não souberam informar a escolaridade da mãe; e 4 pessoas afirmaram que a sua genitora nunca estudou.

Sobre a escolaridade do pai, as/os estudantes afirmaram que 66 possuem o ensino médio completo; 34 têm ensino superior ou mais; 34 possuem ensino fundamental incompleto; 17 têm o ensino médio incompleto; 16 têm o ensino fundamental completo; 11 têm o ensino superior incompleto; 4 estudantes afirmaram que os seus genitores nunca estudaram; e 34 alunas/os não souberam informar a escolaridade do pai.

Referente ao irmão mais velho: 54 têm o ensino médio completo; 21 possuem graduação completa; 21 possuem o ensino médio incompleto; 20 possuem o ensino médio incompleto; 14 possuem o ensino fundamental completo; 14 possuem ensino fundamental incompleto. 9 estudantes responderam que seus irmãos nunca estudaram e 63 estudantes não souberam informar, lembrando que 28 estudantes não possuem irmãos ou irmãs. No que diz respeito à formação escolar dos avós maternos e paternos, as respostas que se destacam afirmam que não sabem informar esse dado.

Gráfico 8 - Escolaridade

16. Quanto à escolaridade da família



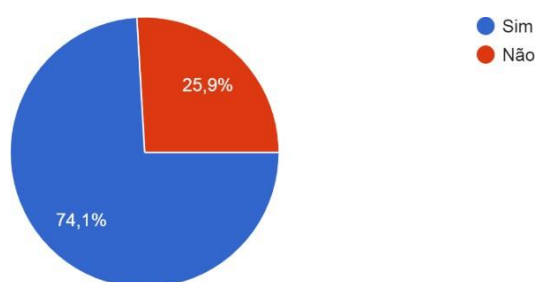
Fonte: dados da pesquisa.

As questões buscam compreender o perfil das/os estudantes, como se identificam referente a gênero e cor/raça, com quem moram, situação social, de escolaridade e econômica de seus familiares, indicando a heterogeneidade que constitui o corpo discente da escola pesquisada. O próximo tópico apresenta informações relativas ao pertencimento religioso das/os jovens e de seus familiares. De forma quantitativa, vamos conhecer as religiões ou a não religião das/os estudantes e de seus familiares.

4.2 A diversidade religiosa na escola de Lagoa Santa e os múltiplos pertencimentos das/os estudantes do ensino médio

No terceiro bloco do questionário, as perguntas foram direcionadas para a religiosidade vivida pelas/os jovens. A décima sétima questão pergunta se há uma tradição religiosa na família das/os estudantes. 160 (74,1%) jovens disseram que sim, enquanto 56 (25,9%) afirmaram não haver uma tradição religiosa em sua família.

Gráfico 9 – Possuem tradição religiosa familiar



Fonte: dados da pesquisa.

Ao perguntar para Alice desde quando segue a religião testemunhas de Jeová, a aluna nos conta:

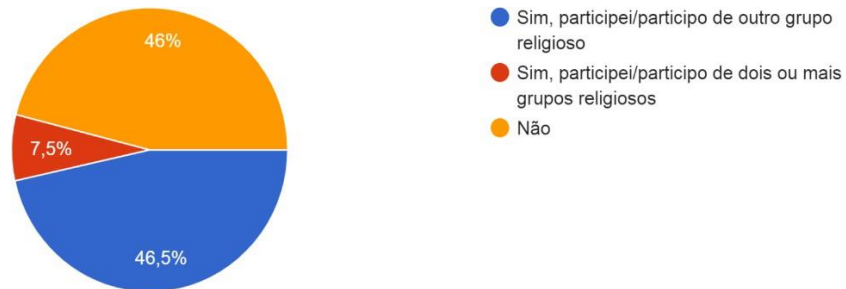
Olha, eu comecei a frequentar ela de pequenininha, mas eu também frequentava a religião católica e me batizei quando era adolescente, eu tinha 10 anos e me batizei na religião católica, só que eu não frequentava muito, eu fiz isso por conta da minha mãe, porque ela é católica. Depois, com o meu pai, que é testemunha de Jeová, eu comecei a frequentar essa que eu comecei a gostar mais, daí dos meus 12 anos pra cá, e hoje estou com 17, eu frequento a testemunhas de Jeová (Alice, 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

As questões 18, 19 e 20 foram direcionadas à existência ou não de tradições religiosas na família. Entre os que responderam afirmativamente, 54,2% disseram que as famílias são de tradição evangélica; 43,8% responderam ser pertencentes à religião católica; 5,2% responderam que possuem outras crenças como tradição; 4,7% afirmaram ser espíritas; 3,1% registraram ter o candomblé ou a umbanda como tradição em suas casas; e 0,5% declarou ser islâmico. Ao responderem sobre outras religiões, foram registrados: testemunha de Jeová, budismo, ateu e agnóstico.

A décima nona questão, indagou o/a estudante se ele/a já frequentou outros templos religiosos ou se continua frequentando a mesma tradição religiosa de sua família. 92 (46,5%)

declararam que frequentam ou frequentaram outra religião; 92 (46%) afirmaram frequentar o mesmo grupo religioso da sua tradição familiar; e 15 (7,5%) dos/as jovens afirmaram já ter frequentado dois ou mais grupos religiosos.

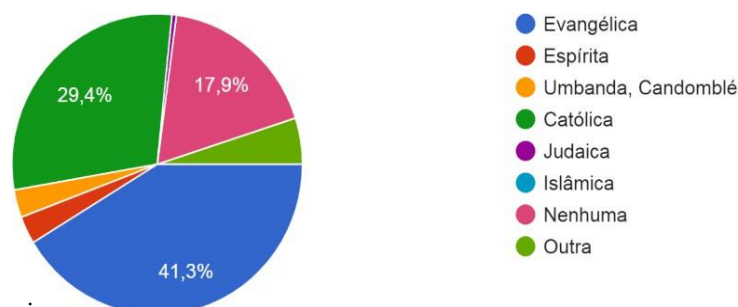
Gráfico 10 – Frequência a templo religioso



Fonte: dados da pesquisa.

A vigésima questão pergunta ao/à estudante se atualmente frequenta alguma religião. 83 dos/as alunos/as (41%) responderam que são evangélicos/as; 59 (29,4%), são católicos/as; 38 (17,9%) estudantes afirmaram não ter religião; 10 (5%) alunos/as citaram outra religião; 6 (3%) alunos/as afirmaram ser da umbanda ou do candomblé; 6 (3%) estudantes responderam que são espíritas e 1 (0,5%) estudante relatou ser judeu. Entre os/as estudantes que responderam professar outra religião, encontra-se a crença budista, a espiritualista e o paganismo. As informações coletadas nesta pergunta nos remetem aos dados da pesquisa realizada pelo Grupo Trabalho e Juventude no ano de 2021, com um olhar focado para a região sudeste. É importante destacar que as informações de nossa investigação se assemelham aos dados coletados na pesquisa realizada pelo grupo: 44,6% dos/as jovens são evangélicos/ss, 32,2% são católicos/as, 17,6% afirmaram não ter religião; 1% relatou ser espírita; 5,2% protestantes; 1,3% declarou ser ateu; e 3,9% responderam ter outra crença religiosa.

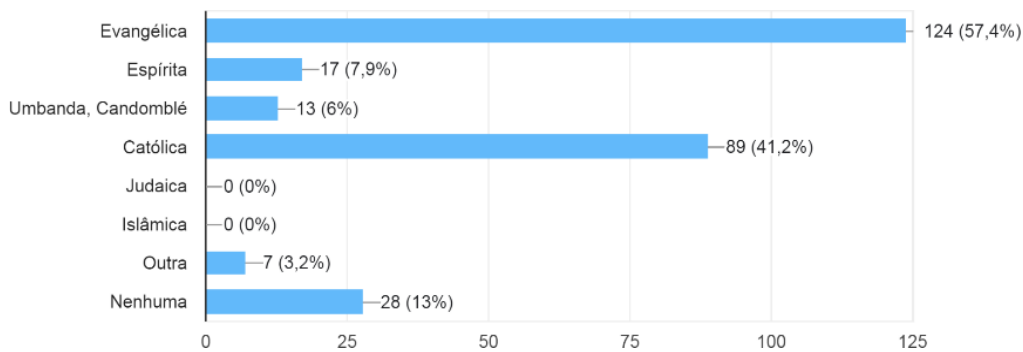
Gráfico 11 – A qual religião pertence



Fonte: dados da pesquisa.

A próxima questão, perguntou aos(às) jovens estudantes se eles/as frequentam ou já frequentaram um grupo religioso em algum momento da vida, resposta que possibilitava marcar mais de uma alternativa. Destacou-se a religião evangélica, com 124 marcações; 89 estudantes marcaram a católica; 28 afirmaram que não frequentam ou nunca frequentaram uma doutrina; 17 responderam o espiritismo; 13 responderam a umbanda ou o candomblé; e 7 estudantes responderam que já frequentaram grupo de outra religião. As informações do Gráfico 12 confirmam a expansão das manifestações religiosas evangélicas entre os/as jovens e suas famílias, fenômeno que tem sido objeto de discussão, especialmente pela relação direta com as questões políticas e sociais associadas ao crescimento dessas igrejas.

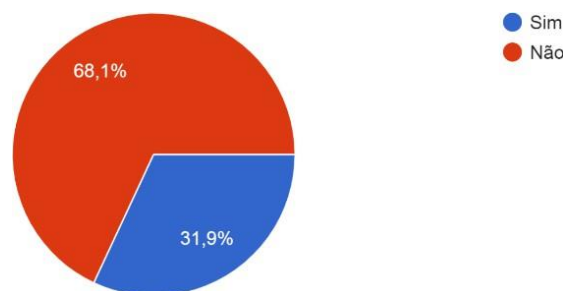
Gráfico 12 – Qual grupo religioso frequenta



Fonte: dados da pesquisa.

O Gráfico 13 mostra as respostas dos/as estudantes sobre já ter presenciado alguma manifestação religiosa no ambiente escolar, 147 (68,1%) jovens informaram que nunca vivenciaram manifestações religiosas na escola; mas 69 (31,9%) estudantes afirmaram já ter presenciado manifestações religiosas na instituição de ensino.

Gráfico 13 – Presenciou manifestação religiosa na escola



Fonte: dados da pesquisa.

Outro dado relevante, proporcionado pela questão subsequente, diz respeito à qual manifestação religiosa foi presenciada na escola, considerando aqueles que responderam positivamente à questão anterior. Nesse sentido, 44 estudantes responderam vivenciar preceitos da religião evangélica, e 28 responderam terem presenciado declarações católicas, lembrando que essa pergunta possibilitou marcar mais de uma resposta.

Ao considerar as informações fornecidas pelo questionário, traçamos parte do perfil do grupo de discentes do matutino, que revelou uma realidade formada pela diversidade religiosa, econômica, familiar, de etnia e gênero, que atravessa o contexto vivido por cada estudante.

No próximo item, vamos analisar as entrevistas narrativas, momento da investigação em que nossos/as interlocutores/as contam como vivem a sua religiosidade ou não religiosidade na escola e em outros espaços que frequentam, sobretudo com os seus familiares. Essa é a etapa da investigação em que os/as jovens são ouvidos/as.

4.3 Como os/as estudantes experimentam as manifestações religiosas vivenciadas na escola

Na escola, a realidade vai além do currículo implementado, dividido por conteúdos e disciplinas que propõem o desempenho de habilidades e competências de forma padronizada. Muitos temas não estão pautados no currículo oficial, porém o cotidiano escolar é atravessado constantemente pelas condições estruturais, pelas singularidades e pelos pertencimentos dos sujeitos que estão ali. Uma realidade multifacetada, seja pelos processos de socialização experimentados por cada sujeito que adentra o espaço escolar, seja pela permeabilidade da instituição escolar em relação aos problemas, desafios e transformações que ocorrem no mundo social.

Nas entrevistas narrativas, os/as jovens estudantes nos contam como suas histórias de vida estão atravessadas pelas experiências religiosas, por acontecimentos que transbordam o campo religioso. Especialmente quando situam a presença da escola na relação com as práticas ou acontecimentos ligados às religiosidades, os/as estudantes evidenciam que, nas escolas brasileiras, encontramos resquícios da influência do catolicismo sobre as práticas educativas escolares. Ao longo da entrevista com Ylana, ao dizer sobre as vivências religiosas na escola, a estudante retoma uma aula em que o tema se sobressaiu:

No início eu lembro que tinha um professor de artes, eu não me lembro do nome dele, eu sei que a gente tava na sala e na época estava repondo greve ou uma coisa assim, tinha cinco alunos na sala e aí a menina falou sobre o terreiro, eu fiquei olhando assim... que eu não entendia né, eu tava no 6º ano na época, aí ele olhou assim e falou: “É... existe terreiro e existe igreja!” e ele foi começou a conversar, falou que era

normal ouvir falar de macumba, mas macumba não era uma coisa ruim, que você tem que estudar, assim... eu não estudei, mas eu comecei a entender que não era uma coisa ruim como todo mundo falava e aí eu percebi que o respeito é importante independente da religião da pessoa, que todo mundo é gente, independente da crença dela. As aulas não eram assim à risca, mas aí rolou o assunto, ele foi e comentou, ele percebeu a minha cara de tipo, “O que você tá falando? O que que essa menina tá falando?” Então, ele foi e me explicou (Ylana, 15 anos, 1º ano do Ensino Médio – trecho de entrevista).

É importante enfatizar a relevância dessa aula para a estudante, um momento de aprendizagem em que o acolhimento do professor proporcionou à aluna uma outra forma de interpretar a religião de matriz africana. Ao perceber o seu olhar de espanto, o docente explica que assim como há a igreja como templo divino, também há o terreiro, ambos territórios sagrados para as distintas religiões. O professor também explica à aluna que o estereótipo da macumba se baseia em desconhecimento e preconceito, perpetuando um projeto implementado pela Colônia para desencantar saberes. Rufino (2019), num exercício de desconstruir a lógica do conhecimento eurocêntrico, compreende “a macumba como um complexo de saberes codificados nas travessias, experiência inventiva de organização de repertórios culturais que dimensionam as práticas de saber e cura das populações em trânsito na diáspora africana” (p. 62).

O conhecimento compartilhado pelo professor há quatro anos está guardado na memória de Ylana. Em uma valiosa aula de artes, lecionada no período de reposição de carga horária, momento que, de modo geral, é visto como desinteressante, os/as poucos/as estudantes presentes vivenciaram saberes que atravessam o currículo no cotidiano escolar. Röhr (2013) destaca que não é possível pensar em educação sem considerar três importantes elementos: o educador, o educando e o trabalho que envolve ambos, chamado de tarefa pedagógica. A educação considerada pelo autor também esteve presente na aula de artes, pois se promoveu uma aprendizagem que tem a intenção de contribuir para a humanização dos/as estudantes.

Os atravessamentos diários acontecem nas diversas disciplinas ofertadas pela instituição. Durante a conversa com Alice, quando dizia sobre as interações na escola, permeadas pela religiosidade, a aluna conta sobre os debates que acontecem nas aulas de língua portuguesa, que são enriquecidas com as falas dos/as estudantes:

Na minha sala costuma ter muito debate, quando a professora de português tá lá, costuma ter muito debate sobre alguns assuntos, e as pessoas religiosas sempre querem se impor, né. Mas estou de acordo com a bíblia e não acredito nisso, então as pessoas se impõem, mas eu nunca vi tipo, as pessoas criticarem ou algo assim (Alice, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Nesse contexto, valores e competências geridas no ambiente religioso são reproduzidas no cotidiano escolar, definindo subjetividades, parâmetros para a interpretação da realidade social e comportamental. Rörh (2013) acredita que a tarefa educacional não se encerra na aquisição intelectual do conhecimento, “abrange também as ações, o lado afetivo, as posturas, as convicções e tudo que as sustentam” (p. 157).

A tarefa pedagógica está presente no que é vivível e no sensível das relações diárias. “Parte-se do pressuposto de que a presença da cultura escolar e as várias formas de expressão da religiosidade na escola podem caracterizar a transmissão de um conhecimento subjetivo de forma não intencional” (Setton; Valente, 2014, p. 180). Ao descrever como vive a sua religiosidade na escola, a estudante Stefany, matriculada na instituição desde o 6º ano do ensino fundamental, conta sobre as relações construídas no cotidiano:

Na escola, ao meu ver, a vivência da religião cristã protestante é muito complicada, porque nós temos princípios que vai muito de confronto e conflito com coisas atuais, por exemplo LGBTQIA+, tem princípios na minha religião que isso é errado e acaba que a gente não tem tanta liberdade e, às vezes, por medo também de expressar alguma opinião nossa sendo baseada na nossa religião, então, em relação aos meus colegas e situações religiosas vividas em sala em geral, nunca tem a oportunidade de conversar sobre isso, porque é uma coisa que tem muito respeito, principalmente na minha sala e a gente literalmente não conversa sobre (Stefany, 16 anos, 1º ano ensino médio – trecho de entrevista).

No depoimento de Stefany, nota-se que o seu comportamento é fundamentado de acordo com as orientações da sua doutrina. Presente na totalidade da estudante, parte dos elementos simbólicos interiorizados carregam a religiosidade vivida por muitos jovens. Como afirmam Valente e Setton, “a religião não é uma roupa que se põe e tira quando necessário, é comum que a crença faça parte das experiências mais profundas do indivíduo, de modo que este nem sempre percebe como ela se opera em seu comportamento” (Valente; Setton, 2014, p. 192). Stefany narra as suas estratégias para não debater sobre religião com colegas, o assunto que sempre aparece entre os estudantes e é evitado pela aluna. Ela justifica sua atitude pela importância de preservar o respeito na sala de aula, entretanto se nota o silenciamento vivido pela estudante, quando se trata de assuntos ligados às diversas formas de existir no mundo.

Ainda sobre as vivências na escola, Milo nos conta como se sente, relatando um episódio em que a crença atravessa a prática pedagógica do currículo escolar, situação em que os questionamentos e conflitos aparecem:

Aqui na escola é de boa, o povo é gente boa, até agora eu não levei nenhum xingo por não acreditar em Deus, só arrumei confusão mesmo com uma certa professora aqui da escola. No início do ano, eu estava muito acuada e estava muito nesse negócio de

internet sabe, estava numa coisa meio dura, que tem que ser isso e tal. Eu não estava muito bem, escola nova, colegas novos, tudo novo... eu demorei um tempão para me adaptar, eu ainda estou me adaptando, aí eu lembro que eu tive essa confusão, por causa que a professora parece ser criacionista e a gente tava falando sobre a origem da vida, aí deu confusão (Milo, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Milo se negou a contar detalhes sobre a referida confusão, afirmou que passou e, aparentemente, não quis expor a professora. Ao perguntar em qual disciplina houve o ocorrido, a estudante afirmou que não contaria, e sua fala foi atendida. A situação acima demonstra que a professora citada utiliza conhecimentos que têm como base os princípios religiosos (Valente; Setton, 2014).

O atual contexto político e educacional brasileiro carrega o debate do ensino da bíblia no contexto escolar nacional. Dessa forma, permite que alguns/algumas professores/as se sintam à vontade para utilizar o conhecimento “criacionista científico” em suas aulas, realidade que não acolhe a diversidade presente na escola, proporcionando confrontos, tendo em vista os diversos conhecimentos culturalmente construídos. Assim, conforme narrado por Milo, foi uma confusão.

A disputa pela manutenção de símbolos e signos religiosos nos diversos espaços públicos, por sua vez, provoca conflitos. Em contrapartida, quando a religiosidade se encontra no centro do debate, cria-se a necessidade de refletir sobre estratégias para acolher todos/as que se encontram na escola. Alice enfatiza que estuda na instituição de ensino desde o 6º ano do ensino fundamental, hoje frequenta o segundo ano do ensino médio e relata que até agora está tranquila, não foi desrespeitada na escola por ser testemunha de Jeová, mas enfatiza a curiosidade de colegas referente a alguns comportamentos dos/as adeptos/as de sua religião:

Acho que uma pergunta que as pessoas fazem é porque a gente costuma pregar na casa de pessoa em pessoa sabe, quando a gente vai na casa, a gente começou a fazer isso agora que acabou a quarentena né, a gente voltou a fazer... é que a gente faz isso por conta do que Jesus pregava, então a gente continua pregando e a forma de fazer isso é indo de casa em casa, a gente acha que é um jeito eficaz. Então, as pessoas sempre perguntam “por que vocês bate na porta?” Dizem ser diferente, eu acho que é uma pergunta que recebo bastante (Alice, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

No atual contexto histórico das juventudes brasileiras, as relações inter-religiosas têm sido fruto da pluralidade de crenças e das constantes transformações no campo religioso brasileiro, movimento que possibilita uma articulação entre o público e o privado e que, ao serem debatidas com os/as jovens, proporciona o despertar para a atuação política e a autonomia,

um encontro importante para o fortalecimento da democracia brasileira (Bortone; Groppo, 2022).

O episódio citado acima nos leva a pensar o quanto a religião molda uma cultura, firmando entendimentos, orientando boa parte de nossas ações e nosso modo de vida por meio de preceitos religiosos, articulando e influenciando, assim, a cultura de uma comunidade (Valente; Setton, 2014). Os conhecimentos que se cruzam no interior da escola também são compartilhados por Lúçifer:

[...] dentro da escola eu me sinto muito à vontade, aqui na escola que eu estudo atualmente é um ambiente muito tranquilo para você falar sobre a sua fé, pra você se expressar, até porque, até o momento, nunca aconteceu nenhum caso de intolerância religiosa comigo, eu sempre me sinto muito à vontade, tenho vários amigos de religiões não cristãs, religiões como umbanda, candomblé, tenho amigos agnósticos, ateus, tem uma fé muito ampla, tem uma diversidade religiosa muito grande aqui, então a gente fica bem mais à vontade, muito mais tranquilo de conviver, aqui na escola não tem esse ódio dilatado que a gente está acostumado a ver (Lúçifer, 18 anos, 3º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

No depoimento, o estudante narra como convive com os/as colegas na instituição de ensino. Verifica-se, na fala de Lúçifer, que ele se sente bem na escola, tanto que comenta sobre a troca de conhecimentos presente nas conversas sobre as diversas religiões. É preciso enfatizar que o ambiente escolar é um espaço onde competências das esferas socializadoras ganham maior evidência. A escola proporciona momentos em que a troca de experiências de vida, do ponto de vista religioso, atribui aos jovens estudantes novos olhares, que proporcionam outras leituras da realidade (Porelli; Bortone; Groppo; Zan, 2021). Cabe enfatizar que, quando Lúçifer afirma, até aquele momento, não havia passado por constrangimentos quando se trata de religião, percebe-se que há uma ressalva em sua fala, demonstrando a possibilidade de o desrespeito acontecer, permanentemente tensionado e conflituoso, uma realidade latente em nossa sociedade.

Com o relato de Lúçifer, verificamos que o espaço escolar proporciona o encontro de vários contextos religiosos, possibilitando novos conhecimentos por meio do diálogo sobre as diversas formas de manifestar a experiência religiosa. Para Bortone, “[...] do ponto de vista da educação, podemos dizer que a aprendizagem nas relações interreligiosas se configura em alteridade, respeito, valorização, diversidade e problematização de estruturas e fatos religiosos que geram racismos e intolerância” (Bortone, 2022, p. 60).

Nesse sentido, Júlia diz como se sente na escola quando se trata de religiosidade, “Olha... é normal, todo mundo respeita, né, a religião de cada um, bom, no meu grupo das meninas elas respeitam a religião de cada uma, a maioria são evangélicas, então a gente não

conversa muito sobre igreja, religião, esses trens”. Na fala da estudante, percebemos que, apesar de se sentir bem no grupo de amigas, quando o tema é religião, a expressão “bom” se refere a uma situação de atenção e cuidado quando se trata de crença. Há um silenciamento sobre o assunto que, aparentemente, não é abordado para se “manter o respeito”.

Sobre as relações vividas no cotidiano escolar, ao longo da entrevista com Lili, quando a aluna diz como vê a escola do ponto de vista religioso, ela relata: “Na escola, eu não vejo muito sobre a religião, essas coisas, até porque agora que eu estou no primeiro ano, e eu não tenho ensino religioso, mas eu acho que não deve muito especificar em uma religião, porque tem muitas religiões aí”. Constata-se que a estudante identifica diversas religiões no ambiente escolar, apesar de ser o seu primeiro ano na escola. Ou seja, mesmo que o assunto não seja trabalhado numa disciplina ou ocupe um lugar central, a temática permeia a convivência no ambiente escolar.

Considerando a importância da religiosidade nas subjetividades das juventudes, é preciso estar atento ao contexto, “[...] existem outros recortes – de classe, renda, gênero, orientação sexual, raça, etnia, local de moradia – que também devem ser levados em conta quando se busca compreender os significados do pertencimento religioso entre os jovens” (Novaes, 2018, p. 355).

Ao longo da conversa, Lili destaca a importância de acolher todas as crenças, postura que identificamos como princípio fundamental para um bom acolhimento em uma instituição pública laica. Ao dizer sobre a sua percepção sobre a existência de diferentes religiões entre os seus colegas, a estudante conta: “tem muita religião, tem gente ateu, espírita, da umbanda, evangélico, eu acho que tem muita diversidade. Em conversa com os colegas, a gente conversa muito sobre várias coisas, e aí a gente acaba falando sobre religião, tem uns que não acreditam em Deus, uns acreditam em cristais”. A fala de Lili demonstra que a religiosidade atravessa as relações diárias no interior da escola, revelando múltiplas formas de crenças sobre os mistérios da vida humana.

Durante as entrevistas, muitos/as estudantes lembraram situações vividas em outras escolas quando se trata de religiosidade. Félix conta sobre os cultos semanais que aconteciam na escola em que estudou quando menor:

[...] na minha antiga escola, tinha o culto toda quarta-feira né, assim essa coisa de culto é legal sabe, para algumas pessoas é legal, tem um momento assim e tals, só que, às vezes, esse tipo de coisa acaba excluindo outras pessoas, por conta da religiosidade e acaba também que lá na minha escola, como é mais predominante evangélico, acaba que exclui as pessoas sabe. Eu, na época, tava meio perdido, mas sempre segui a raiz da umbanda e os outros que também seguiam acabava que se sentiam excluídos,

porque parecia uma exclusividade só para aqueles que seguiam os evangélicos, apenas isso e, às vezes, eu ficava tipo assim... “Nossa, ao invés de incluir todas as religiões para se debater uma coisa, não, eles preferiam incluir só uma religião para fazer um evento”, assim, para fazer um tipo de evento que acabava que algumas pessoas ali, principalmente as que sofriam o preconceito com a umbanda, ficavam excluídas (Félix, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

O relato de Félix apresenta situações comuns nas escolas públicas, uma realidade de relações delicadas que refletem as dimensões da vida social. Os valores e símbolos religiosos frequentam o espaço público, uma vez que, em diversos territórios, atores religiosos se unem a atores da esfera pública, disputando recursos materiais e simbólicos na sociedade (Novaes, 2012).

A presença de crença em instituições de ensino brasileiras se caracteriza como proselitismo religioso, as escolas públicas são predominantemente cristãs. Considerando tais colocações, Lúçifer apresenta um relato de quando realizou o ensino fundamental, no município vizinho:

Uma escola que eu estudei antes, na cidade de São José de Almeida, era formada literalmente de católicos e evangélicos, todos cristãos, não tinha um... não tinha um ateu, não tinha um agnóstico, não tinha um umbandista ou candomblecista, não tinha, não tinha... nenhuma crença religiosa a não ser o cristianismo, então quando eu falei assim: “sou espiritualista acredito em tal e tal coisa”... as pessoas olhavam pra mim e falavam: “nossa, sai fora de mim, repreenda em nome de Jesus, fica fora”. Então, eu sofria bastante, eu ia para a escola e não podia falar nada, as pessoas olhavam para mim com medo, como se eu fosse uma aberração, como se eu mexesse como artes e astral, igual ao Harry Potter (Lúçifer, 18 anos, 3º ano do Ensino Médio – trecho de entrevista).

A fala de Lúçifer nos remete a um questionamento que é importante enfatizar: como a instituição pública de ensino reproduz, ainda hoje, as dimensões do colonialismo, formas concretas ou simbólicas de violência inferidas aos grupos historicamente subalternizados? Nesse sentido, a crítica às instituições públicas de ensino deve se manter no debate (Rufino, 2019). Rever qual é a base de comportamento social que a escola reproduz no cotidiano deve ser objeto de discussão nos processos de formação docente e de toda a comunidade escolar. Ylana conta outra situação de proselitismo vivido em uma escola pública durante o ensino fundamental:

Como eu tô aqui desde o 6º ano, então a maioria das coisas que eu vi foram aqui, mas eu acho que tem outras, como eu era muito nova, eu não percebi muita coisa, mas tinha isso também, porque, no Ensino Fundamental I, a gente chegava, cantava o hino nacional, rezava o Pai Nosso e aí nem todo mundo... né, tem católico e tudo, mas a criança tinha que estar lá e tinha que orar o Pai Nosso. Então, parece que é uma coisa que é imposto em cima da criança sem ela saber, então eu nunca ouvi assim... alguém falar que era de outra religião, mas provavelmente tinha, né, uma criança. Eu achava

normal, como eu não seguia nenhuma religião à vista (Ylana, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

O relato de Ylana reforça a necessidade de promover o debate sobre a diversidade religiosa no ambiente escolar, enfrentando situações que foram normalizadas pela lógica do preconceito racial e social na sociedade brasileira. A narrativa coloca uma situação vivida por uma criança de aproximadamente sete anos, ao dizer que era pequena e não percebia a imposição de somente uma religião. Diante do ocorrido, concordamos com Souza, que afirma que “não dá para criticar o que não se vê e o que não se percebe” (2018, p. 28), realidade que deve ser observada e evitada pela equipe pedagógica. Reconhecer que a presença e a promoção de preceitos de uma religião nas instituições de ensino não respeitam a religião de todos ali presentes.

Gomes (2017) contribui com o debate, ao sugerir que, para um relacionamento mais justo e igualitário entre as diversas culturas, é preciso reconhecer que o tema da religiosidade abriga, por si só, um leque de conflitos, fazendo com que o que é reconhecido como tradição, nesse caso o catolicismo, se torne vulnerável e desestabilizado epistemologicamente. Saberes promovidos pelo espanto e pelo inconformismo de alguns padrões proporciona uma pedagogia emancipatória. Milo conta como foi a sua experiência no ensino fundamental e na educação infantil, compartilhando situações que destacam a importância de uma nova ginga para a educação:

Eu lembro da escola que concluí o ensino fundamental, tinha o hino nacional e sempre tinha que rezar a Ave Maria depois, isso até dava confusão porque alguns eram evangélicos, aí tipo que tinha que ser a escola inteira, sem exceção, isso aí dava bagunça de vez em quando, tinha três, quatro ou cinco alunos que eram evangélicos. Eu também me lembro da creche, eu frequentei a creche, lotado de freira e a gente também tinha que cantar o Pai Nosso, na fila lá tinha essas coisas. Tinha um monopólio de uma só religião (Milo, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Milo nos apresenta mais um depoimento que explicita a importância da memória afetiva da vida escolar. Ele relata acontecimentos que marcaram sua infância e adolescência, embora só agora consiga descrever e analisar tais acontecimentos. Milo rememora o que viveu com outras lentes, criticando e ponderando sobre as contradições, os conflitos e as tensões que marcam o cotidiano escolar quando o assunto é a diversidade religiosa.

Durante as entrevistas, muitos/as estudantes relembrou das aulas de ER, até mesmo porque a maioria esteve no ensino fundamental pouco antes de retornar à escola presencialmente. Coursaram aproximadamente dois anos de forma remota, devido ao isolamento

social, e retomaram a rotina escolar no ano de 2022, matriculados no ensino médio, etapa que apresenta uma nova organização curricular, agora sem o ER.

As aulas de ER, conforme colocado anteriormente, hoje estão presentes no currículo do ensino fundamental, ofertado pelas instituições de ensino brasileiras. Ao dizer sobre tais aulas, Lili afirma: “Eu acho que não foi muito bom, porque eu só ouvia falar muito sobre a espírita, só sobre a espírita que eu ouvi falar, eu achava muito estranho por ser ensino religioso, eu não achava muito certo não, se for pra focar só em uma, é melhor não ter (Lili, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A fala de Lili ilustra um debate interessante a respeito do caráter facultativo da disciplina ER, uma vez que o direito de optar acaba sendo ignorado pelas escolas e pelas famílias. A matrícula na disciplina é automática, cabendo aos familiares se posicionarem sobre a frequência dos/as estudantes na disciplina. Essa situação pode ser constrangedora para pais e estudantes, pois as instituições de ensino não têm estrutura pedagógica para acolher o/a aluno/a, ocasionado, assim, a permanência ociosa (e, por vezes, constrangedora) na escola (Valente, 2018).

Alice também nos conta sobre as aulas de ER:

Da aula de Ensino Religioso eu lembro bastante, porque... como é um estudo de religiões que é um assunto muito polêmico, eu sempre escutava sim, muito dos alunos, era uma aula muito polêmica, tipo, os alunos sempre tinham uma opinião, e eu escutava sim eles zombando de algumas religiões. Nessas aulas, o professor de Ensino Religioso sempre mostrava ser neutro, mostrou respeitar as religiões, mas os alunos sempre tinham no debate, “vou zombar de uma religião” ou algo do tipo, e o professor sempre neutro (Alice, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Corroborando a fala de Alice, Cunha (2016) nos alerta que uma boa pedagogia não deve constranger as concepções transcendentais que os estudantes recebem de suas famílias. Questionando a presença do ER na BNCC, o autor enfatiza que o campo religioso não é uma unidade na diversidade, mas um espaço de disputa por reconhecimento e, conseqüentemente, conflituoso. Ao criticar a inclusão da disciplina no currículo, o autor aponta que a reforma curricular proposta em 2015 não foi feita a partir de uma análise da Educação Básica, desconsiderando a realidade das escolas. “No que diz respeito ao ER, o diagnóstico, se pode dizer assim, dissimula mais que revela” (Cunha, 2016, p. 274). Outro dado importante é a fala da estudante, que revela a postura “neutra” do professor, que consentiu que manifestações religiosas fossem tratadas com deboche e desrespeito durante as aulas de ER.

Ylana também compartilha como foi a sua experiência nas aulas de ER:

[...] como eu era muito nova, eu não entendia, mas quando eu vim para cá, todo mundo falava que a professora de Ensino Religioso falava muito sobre a vida dela, que ela era católica, depois ela se tornou evangélica e ela passava pesquisa também, então a aula era dividida como: “eu sigo uma religião, você pode seguir outras”, ela perguntava... aí teve a primeira vez que eu vi falar do espiritismo, foi numa aula de Ensino Religioso, porque aí ela perguntou para todo mundo se tinha alguém que tinha outra religião além da católica e evangélica, só um aluno de praticamente quarenta (na turma), levantou e falou: “Eu sou espírita!”. Eu: “mas que religião é essa?!” E aí ela explicou que tinha várias religiões que muita gente não conhecia, e eu fiquei nossa... era um amigo próximo que eu nunca tinha comentado com ele sobre isso, e aí tipo, todo mundo pensava que se ele é dessa religião, ele deve conviver com pessoas na família que sejam (Ylana, 15 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A aula de ER citada por Ylana demonstra que, ao serem indagados pela professora sobre algum pertencimento religioso não católico e não evangélico, a quase unanimidade da sala afirmou ser católica ou evangélica. Um único estudante afirmou ser espírita e essa autoafirmação oportunizou para toda a turma uma aula enfatizando a religião espírita. O debate trouxe à tona uma religião que não havia sido tratada durante essa disciplina e, quando abordada, provocou descobertas, proporcionou novos conhecimentos para a estudante e os/as demais colegas de sala.

Conforme constatado nas narrativas, o ambiente escolar nem sempre foi pacífico quando se trata das religiosidades. As tensões entre educação e religiosidade estão em discussão desde a criação das instituições de ensino no país. Nesse contexto, durante a entrevista com Félix, o estudante relatou um episódio ocorrido na escola anterior, quando estava no 7º ano e o grupo do culto da escola passou em sua sala, questionando se havia estudantes que não eram católicos ou evangélicos. Félix, como umbandista, levantou a mão:

[...] era um adolescente que estava mais para o 9º, ele estava no final da escola... ele era um dos principais organizadores do culto, assim e ele fez a pergunta, eu levantei a mão e acabou meio que zoando assim né, só que com um tom... como é que fala, num tom preconceituoso sabe, e eu acabei me sentindo mal depois, porque poxa, eu só levantei a mão para falar que eu pertencia a uma religião, não precisava vir com todo o preconceito que ele tinha para cima de mim, aí eles falaram que ia montar o culto de jovens, que isso, que aquilo, só que eles pregavam principalmente para gente seguir aquela doutrina, não para a gente expressar a nossa liberdade sabe, nossa liberdade religiosa, acaba que a gente tem que seguir a doutrina deles né, para a gente ser no mesmo “nível” que eles (Félix, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

O depoimento de Félix retoma uma discussão que devemos fomentar nos processos formativos e nos debates junto à comunidade escolar: a necessidade de a educação brasileira se apropriar de novas pedagogias, que acolham as diferenças. A escola não deve ser um espaço que fomente o preconceito, conforme apresentado na narrativa de Félix. É preciso questionar as relações de preconceito. Cabe ressaltar que o ambiente escolar reflete as vivências sociais,

de modo que não podemos responsabilizar somente a escola pelas relações vividas na instituição. Nesse sentido, concordamos com Cunha, ao questionar:

A escola pública laica considera e respeita as opções religiosas dos alunos e suas famílias, sem se prender a critérios estatísticos das crenças dominantes – qual é a religião da maioria? A escola não pode menosprezar crianças por causa da religião que praticam em suas casas ou comunidades de culto (Cunha, 2016, p. 278).

Assim, como nos demais espaços de socialização, a escola vivencia o preconceito religioso. As religiões de matriz africana, durante muitos anos, foram demonizadas e perseguidas pelo cristianismo, que foi imposto à sociedade brasileira. Hoje, o preconceito é identificado como “piadinha” entre os/as estudantes. Considerando tais colocações, ressaltamos a fala de Mateus, que relata como a sua religiosidade é vista por alguns colegas de sala:

Na escola, sempre teve muita piadinha, todo dia sempre tem uma piadinha ou outra, mas eu nunca ligo, é uma piadinha dali às vezes nem é para ofender, é pelo que as pessoas ficam vendo pela internet. Às vezes, as pessoas não conhecem bem a religião e acham que é aquilo, acham que é o mal que é feito, o trabalho de amarração que é trabalho para fazer o mal para pessoa, para ganhar dinheiro, só que, na verdade, não é isso. E aí então sempre tem uma piadinha. Com uma piadinha, já me perguntaram se eu já fiz macumba para alguém, se eu fiz amarração para alguém, quanto que eu cobraria para fazer amarração, mas tem gente que realmente pergunta como é, para saber. Tem colega da minha sala que me pergunta, tipo sem deboche, que realmente quer saber, mas tem outros que perguntam de deboche e, quando perguntam com deboche, eu nem respondo (Mateus, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A escola, agenciada pelos fundamentos da Colônia, hoje necessita dar uma resposta responsável à educação. É preciso pensar em uma pedagogia diversa e ampla, assim como nos contextos sociais e econômicos produzidos ao longo do tempo, implementando uma proposta que rompe com o conhecimento absoluto centralizado, que subalterniza os saberes. Na contramão de uma epistemologia centralizada, a pedagogia da encruzilhada proporciona conhecimentos para combater as injustiças sociais e cognitivas (Rufino, 2019).

Ao falar sobre as relações de respeito entre os estudantes, Alice conta o que presenciou entre colegas de outras turmas: “Pessoas que, por serem espíritas, algumas pessoas católicas ou evangélicas ou com a religião delas falaram que tinham medo que por ser uma religião com espírito, que podia fazer coisa ruim”. Nesse sentido, Rufino afirma: “As ciências humanas centradas na racionalidade eurocêntrica são humanas para os brancos e desumanas para a/o não branca/o, exigindo um saber para a descolonização do ser/saber/poder” (Rufino, 2019, p. 30).

[...] aí aconteceu um fato no escolar um dia que uma colega da sala estava cantando, no dia anterior, uma música que as pessoas costumam cantar no terreiro, mas eu não conhecia, não lembro direito a música e aí, no outro dia de manhã, eu ouvi no escolar a menina comentando: “A fulana tava cantando uma música e depois eu descobri que aquela música é da macumba, eu fiquei nossa... está invocando o Diabo”, eu pensei: “O que essa menina tá falando?” Ela nem sabe da religião da outra né, e aí eu fiquei: “gente...” aí eu fui contar para minha mãe, ela falou que “acho isso errado porque você não conhece a religião do outro”, a minha mãe nunca pisou no terreiro, essa menina talvez nunca deve ter pisado, nunca deve ter lido, nunca deve ter entendido (Ylana, 15 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A fala de Ylana demonstra que os estereótipos construídos pela Colônia são reproduzidos pela sociedade ainda hoje. Ylana destaca o desconhecimento reproduzido pela colega de transporte escolar ao falar sobre a macumba. Nesse sentido, cabe destacar a importância de um trabalho educativo cotidiano, de práticas pedagógicas que rompam com a homogeneidade religiosa cristã, pois “reconhecer a diversidade de culturas, identidades e religiosidades exige sensibilidade diante de qualquer discriminação de trato cotidiano, evitando atitudes e preconceitos a determinados grupos sociais, culturais, étnicos ou religiosos” (Cecchetti, 2012, p. 11).

A “sabedoria de fresta”, termo que já foi utilizado anteriormente, de acordo com Rufino (2019), é compreendida como aquilo que atravessa uma porta entreaberta, de modo que naquele pequeno espaço entra uma fresta de luz e junto vem o conhecimento. Nesse sentido, “por serem noções que se referem a saberes não apreendidos pela lógica homogeneizadora do colonialismo ocidental, são integrantes do que traço como pedagogia das encruzilhadas.

O questionamento levantado na fala de Ylana, uma estudante que hoje se identifica como sem religião, demonstra que a aluna está atenta aos preconceitos reproduzidos nos espaços que frequenta e, junto com sua genitora, vem elaborando uma visão de mundo emancipatória.

Ao longo da entrevista com Stefany, a estudante contou sobre os encontros na igreja com outros jovens e como se mobilizam para professarem suas crenças:

[...] a gente vai na igreja por Jesus mesmo, pelo amor que a gente tem a ele, então assim... a gente tem esse receio, tipo vim em escolas, a gente até estava organizando em vir, uma antiga aluna aqui da escola fez isso... mas a gente tem muito receio, ela fez tipo um movimento com palestras, não inserindo muito religião, tipo bem disfarçadamente, mas falando sobre. Essa ex-aluna está se formando em Direito no final deste ano e ela fez, junto com a igreja mesmo, um movimento aqui na escola, não só aqui, mas também em outra escola estadual da cidade. Lá tinha até célula, aqui na escola tinha célula também, em 2019, na parte da manhã, então assim... está inserida, bem disfarçadamente, mas sim, o que eu acho isso muito bom, mas sempre... não “com o pé atrás” sabe... sempre ter esse receio porque o mundo está muito cruel e muitas pessoas não respeitam, principalmente nós que somos cristãos e por a gente discordar das coisas atuais, a gente sofre muito ataque (Stefany, 16 anos, 1º ano do ensino médio – Trecho de entrevista).

A fala de Stefany ressalta a questão do cuidado que existe sempre que os grupos da célula tentam se organizar em outros espaços, fora do território da igreja. A estudante reforça que é preciso ter cautela devido às tensões. Ao falar de cuidado, Stefany retoma o caso da mesma célula que descrevi na introdução, ressaltando o conflito que me despertou questionamentos para realizar esta investigação. A estudante não identifica a presença da célula do ano de 2019 na escola como um conflito, mas enfatiza a cautela sobre esse evento, cuidado com a presença das células em outros territórios, fora da igreja, destacando a iminente violência presente na sociedade quando se fala de religião.

Contudo, se aprofundarmos no depoimento da estudante, há muitos elementos que precisam ser considerados. O que ela está chamando de ataque aos cristãos que discordam de coisas atuais, provavelmente, diz respeito às tensões criadas por lideranças evangélicas em torno do criacionismo, da ideologia de gênero, do ataque às religiões de matriz africana promovida pelos próprios cristãos, evangélicos e católicos. A defesa de uma escola culturalmente diversa entrou em rota de colisão com discursos e práticas que não reconhecem o direito à diferença e querem normalizar as relações sociais.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que as únicas manifestações religiosas até hoje praticadas livremente no interior das escolas, a despeito da laicidade do ensino, foram as cristãs. Nesse sentido, as células, as orações evangélicas, as orações do Pai Nosso e da Ave Maria, os cantos e hinos cristãos devem ser colocados no mesmo diapasão em que são colocadas outras manifestações religiosas, como a umbanda, o candomblé, o budismo, o espiritismo, entre outras.

Para Novaes (2012), um dos pontos de tensão no Brasil existe porque a religiosidade resiste em permanecer na vida privada, e está na vida pública. Atualmente, em diversos territórios, atores religiosos se unem a atores políticos e, juntos, disputam recursos materiais e simbólicos. Nesse sentido, nem sempre a religião é uma força a favor da paz, “é muito provável que no mundo moderno a religião com mais frequência fomenta a guerra, seja entre nações ou no interior das nações” (Berger, 2000, p. 21). Os conflitos religiosos trazem a necessidade de uma campanha pela paz entre as nações.

A investigação também aponta para as tensões e potencialidades quando o assunto focaliza as manifestações religiosas vividas no interior das famílias, principalmente quando há diversidade religiosa. Essas relações estão presentes nas entrevistas com os/as jovens, as famílias aparecem em destaque quando se trata de religião, tema abordado no próximo tópico.

4.4 Juventudes, dinâmicas familiares e pertencimento religioso

O pertencimento religioso é um dos elementos que constitui a vida juvenil. Impresso nos processos educativos desde a mais tenra infância, os/as jovens compartilham com seus familiares e com a comunidade mais próxima, os modos de reverenciar o sagrado e o profano, de expressar a fé, as crenças, o ateísmo, de viver sua religiosidade ou de contestar a existência de Deus.

Para os psicólogos Jahn e Dell'Aglio (2017), é preciso enfatizar que a vivência da religiosidade também está presente na vida juvenil. Sua experiência pode ser íntima, considerando a transcendência a nível pessoal e/ou como um espaço de socialização, fonte de segurança, *status*, consolo ou uma motivação utilitária da religião. Essas vivências são relatadas por Alice, ao dizer sobre as motivações que a levam ao Salão do Reino:

Eu acho que essa religião, ela é muito unida, tem em todos os lugares, como várias outras, mas a gente sempre está se ajudando, os grupos, sabe, a arrumar um emprego, se ela tem uma necessidade, ela é testemunha de Jeová, ela não vai ficar na rua, ela não vai passar fome, sempre vai ter um irmão ajudando a pessoa lá (Alice, 17 anos, 2º ano do ensino médio – Trecho de entrevista).

A fala de Alice reforça a reflexão que Souza nos proporciona sobre o valor social:

Como a interpretação humana do mundo é sempre moral, ou seja, sempre decorrente de uma noção implícita ou explícita de virtude, do bem e da boa vida, do domínio do dinheiro e do poder puro e simples pressupõe uma colonização de esfera moral - num processo similar ao da colonização, pelo capitalismo financeiro, da semântica e da língua da ética da autenticidade e do expressivismo (Souza, 2018, p. 58).

A comunidade religiosa frequentada pela estudante enfatiza os valores sociais a serem almejados e, concomitantemente, proporciona aos devotos a garantia de se sustentarem obtendo virtude e dignidade, prestígios sociais constantemente valorizados em nossa sociedade capitalista.

Do ponto de vista da psicologia, Jahn e Dell'Aglio (2017), com um olhar voltado para as subjetividades das juventudes, falam sobre a importância do envolvimento dos/as jovens com a religião. Estudos apontam que o comprometimento e a frequência de adolescentes a uma forma de manifestação da religiosidade e/ou espiritualidade promove, de forma peculiar, recursos importantes para um desenvolvimento saudável desses sujeitos. Nesse sentido, Júlia narra que aprendeu a fé católica com seus pais e sua avó materna. Ao responder se gostava de ir à igreja quando a frequentava, a jovem diz:

Sim, olha quando eu estava lá eu me sentia melhor, às vezes, quando eu tava passando mal e que eu ia na igreja e ouvia o padre, rezava, né, fazia a oração dele, eu me sentia melhor, parecia... como se tivesse saindo uma coisa de dentro de mim, sabe, as coisas, eu não sei como te explicar... como se tivesse saindo as coisas ruins sabe, o corpo ficava mais leve (Júlia, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Júlia se esforça para expressar algo que, para ela, é difícil de dizer, o indescritível, aquilo que transcende o que é pessoal e indizível, sentimento importante de leveza para a jovem. Para Porelli, Bortone, Groppo e Zan (2020), ao favorecer que se relacionem com seus pais, o ambiente religioso para os/as jovens, possibilita o desenvolvimento da sua competência socioeducativa e de demais áreas. Por meio da religião, firma-se um entendimento e um relacionamento com o que é transcendente, imaterial, sobrenatural, abstrato e infinito. Durante a entrevista com Mateus, a estudante conta como a religiosidade faz parte da sua vida:

Eu frequento o terreiro de umbanda... quando eu era menor, eu já tomava meus banhos de ervas, porque minha tia sempre foi da religião. Na verdade, a família toda sempre foi, só que teve um tempo em que todo mundo começou a se afastar e aí a minha tia também se afastou, quando ela voltou a ir, eu passei a morar com ela. Teve um dia que eu pedi para ela me levar e ela me levou, aí tem três anos que eu entrei para a religião, tem três anos que eu tô lá. Eu acho que foi uma das melhores escolhas que eu já fiz até hoje, porque é uma coisa que eu sei que me completa de verdade. Eu gosto bastante! (Mateus, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A fala de Mateus revela que o seu desenvolvimento religioso se inicia com os hábitos familiares de cura e proteção, sabedoria ancestral que faz parte da vida da jovem. Nesse sentido, a tradição familiar também vem atravessada pela “articulação entre cultura e religião, que ocorre, sobretudo, a partir do momento em que uma sociedade passa a orientar boa parte de suas ações, e seu modo de vida, com base no entendimento estabelecido pelos preceitos religiosos” (Valente; Setton, 2014, p. 180).

Ao longo da entrevista com Stefany, percebemos que a religiosidade também faz parte de sua tradição familiar.

Eu nasci em um berço cristão, meus pais trabalham nesse ramo também, meu pai fez seminário e quase formou em Teologia também, tava faltando um ano para formar, mas eu não sei o que aconteceu, mas ele desistiu, minha mãe também fez seminário e eu nasci nesse ramo mesmo, nesse berço cristão (Stefany, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

O comportamento é construído com os valores sociais, “[...] todo indivíduo já nasce dentro de um contexto moral, o qual ele incorpora de modo insensível e irrefletido pela

socialização familiar, e depois escolar, como algo afetivo e sagrado, uma vez que transmitido por pessoas próximas e amadas” (Souza, 2018, p. 31).

Nesse sentido, a vida familiar de Stefany também é organizada de acordo com os encontros realizados na igreja. A estudante descreve como a família se estrutura ao longo da semana para cumprir as suas funções na igreja:

[...] a gente tem cultos quarta, sábado e domingo, sábado é o culto de jovens que normalmente eu me esforço pra ir, mas às vezes por conta da escola, eu não consigo ir, porque sempre tem alguma coisa para fazer e domingo de noite né, a gente vai na igreja às sete horas. Eu sou assistente dos líderes de jovens de lá, trabalho com ministério infantil, sou professora, dou aula e também trabalho no ministério de missões (Stefany, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Na fala da estudante, percebe-se que os preceitos da fé cristã mediam a rotina da família, sendo uma base das suas atitudes. A estudante prefere ser identificada como cristã, pois reconhece o termo “evangélico” como pejorativo.

Em relação ao contexto familiar, Lúçifer também conta sobre a tradição da cidade em que morava, ao dizer sobre o Jantar Divino. Segundo o estudante, trata-se de um evento comum nas casas das cidades do interior de Minas Gerais e também faz parte da sua história.

Então, normalmente tem uma vez por ano e é sempre na casa de alguém que fez a promessa. Então, a pessoa faz um monte de comida e tals, chama aquela povaiada toda. Minha avó inclusive já fez mais meu avô, quando eles estavam vivos, eles fizeram dois ou três jantares divinos, é uma tradição assim bem gostosinha. Tem uma bandazinha que canta e toca instrumentos de percussão, violão, coisas do tipo, e é bem gostosinho. Daí tem uma mesa que deixam doze crianças de até sete anos do gênero masculino, vestem eles de vermelho e colocam todos em uma mesinha, seis de um lado, seis de outro. Nisso eles servem um cardápio que é sempre a mesma coisa, é tradição ter arroz, tutu, macarronada, salada de alface com tomate e frango, daí isso coloca eles bonitinho lá sentado e eles comem. Quando eles acabam de comer tudo, o resto do povo pode comer, enquanto o último... eles chamam de discípulos, porque eles representam os doze apóstolos de Cristo no caso. Enquanto os doze não acabam de comer, o resto do povo não come, mas, quando o último menininho acaba de comer, todo mundo come. É uma tradição, eu já fui em vários jantares divinos, é uma coisinha bem gostosinha e todo ano tem, inclusive esse ano teve... a minha mãe e eu recebemos uns dois convites, mas infelizmente não pude ir e eu gosto de ir porque é uma coisa que remete muito à minha infância, até porque eu participava muito, eu já sentei muito naquelas mesinhas representando os apóstolos (Lúçifer, 18 anos, 3º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A narrativa de Lúçifer relata uma realidade em que as dimensões de origem social, gosto estético de todos, posições ideológicas e religiosas precisam ser consideradas. Os deslocamentos das juventudes entre as religiões é um fenômeno social, e é preciso enfatizar as ressignificações que o contexto brasileiro vem apresentando nos últimos anos, com

movimentações que proporcionam uma religiosidade privada e autônoma, abrindo espaço para novas expressões religiosas ou não religiosas (Bortone; Groppo, 2022).

Do ponto de vista da sociologia, até os anos 1960, a instituição família era vista como espaço privado e de afeto, responsável pelo patrimônio herdado por seus antecessores. Na sociedade moderna, ela se encontra atravessada pela cultura de massa e pelas mídias sociais, que se fazem presentes na vida de nossas juventudes. Assim, é fundamental apreender a dinâmica socializadora nas diversas instituições que os/as jovens ocupam e produzem bens simbólicos, considerando a experiência temporal, social e culturalmente diferenciada (Setton, 2011). Considerando tais colocações, Milo nos conta como a religião fez parte de sua infância:

[...] eu sempre ia à missa na igreja, a gente rezava muito, tem um negócio que eu não lembro o nome, eu acho que é... não sei se é Aparecida, mas não é, é tipo uma mini Aparecida do Norte, que lá, na cidade do interior, eles fazem um negócio que é bem interessante, tem um certo dia lá que tem uma missa que é importante, eu acho que é da Nossa Senhora, lá em Barra Longa, só que tem gente vai a pé, eu fico: “Meu Deus, como que esse povo aguenta”. Tem gente que vai de carro, a maioria vai de carro, anda um monte, muuuita estrada de terra até a cidade onde tem a igreja, tipo o caminho todo de estrada de terra ou umas pedras, aí tem esse negócio de todo ano ir, sabe... (Milo, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A experiência narrada pela estudante demonstra uma tradição religiosa vivida na cidade de seus avós maternos, Milo destaca o esforço que as pessoas daquela comunidade fazem pela fé.

Jahn e Dell’Aglio (2017) apontam a possibilidade de instituições religiosas não acolherem as temáticas das juventudes, uma vez que há jovens que relatam que se consideram religiosos sem, necessariamente, se envolverem com as práticas religiosas nos templos. Ao longo da conversa com Lili, a estudante relata sua dificuldade com a igreja:

Eu também não me sentia assim... muito agradável na igreja, eu não me sinto agradável na igreja em si, não acho que seja certo as coisas que falam, porque é muito rigoroso seguir os deveres da igreja e eu não acho que eu quero seguir esses deveres que tem que seguir dentro da igreja (Lili, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A fala da estudante demonstra que ela não tem afeição pela igreja. Mesmo se identificando como católica, Lili não está envolvida com a prática em uma instituição religiosa.

Para Elcio Cecchetti (2012), a diversidade cultural e religiosa se manifesta pelas formas peculiares de uma sociedade ser. Como as pessoas se relacionam, a forma de pensar, agir, crer e viver caracterizam uma comunidade. É importante enfatizar que, mesmo sendo singular, o sujeito também é diverso, se constitui na interação com o outro, seguindo práticas de seus

ancestrais. Nesse sentido, cada grupo produz seus símbolos e compartilham conhecimentos que organizam a vida cotidiana, configurando, assim, identidades pessoais e coletivas.

Decorrente dessa realidade, os grupos elaboram mitos, símbolos, festas, ritos e doutrinas religiosas que, juntos, constroem histórias que dão significados à vida e ao mundo, criando um caráter sagrado nas diversas culturas. Ao se declarar espiritualista, Lúciifer nos conta como vem construindo a sua fé:

[...] eu me encantei tanto com a crença que eu tava adquirindo conhecimento que eu passei a formular uma fé e comecei a me identificar como espiritualista. Eu tenho uma fé ampla, que abrange todas as crenças e religiões, dentro disso eu só não me identifico com o cristianismo, judaísmo e islamismo, mas isso é uma particularidade minha (Lúciifer, 18 anos, 3º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

O estudante revela como está elaborando sua a sua crença, a partir de pesquisas sobre as diversas religiões presentes em nossa sociedade. Alia-se a esse fato, o aspecto da diversidade religiosa dos/as jovens brasileiros, que vem atravessada por diversos fatores no contexto histórico. Ao longo da ocupação do território nacional, desde a chegada dos colonos, movimento escravocrata, dominação do catolicismo, entre outras situações, que influenciaram fortemente nas diversas culturas brasileiras. Hoje, o aspecto da urbanização proporciona uma significativa compreensão das diferenças envolvidas na formação cultural brasileira, atravessada por diversos costumes (Jahn; Dell’aglio, 2017). A entrevista realizada com Félix demonstra um pouco o trânsito religioso. O jovem nos conta sobre esse momento na sua vida:

Então, em 2014, quando eu saí da umbanda, eu tinha ido para católica, aí, na católica, com o tempo, eu fui vendo e falando: “eu não me sinto conectado aqui, por mais que eu ore, por mais que eu reze, eu ainda não me sinto conectado como eu era conectado antes”. Aí eu conheci o espiritismo, a questão espírita tem muito a ver... está ligada à umbanda, na questão da espiritualidade e entidade, assim... (Félix, 16 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Este processo de movimentação entre religiões, vivido por Félix e por muitos/as jovens, demonstra como a comunidade de Lagoa Santa está inserida num contexto de diversas religiões, proporcionando que o jovem experimente uma convivência nos diversos templos presentes na cidade.

Nesse sentido, Alice fala sobre a mudança religiosa de sua irmã e, posteriormente, a sua. Conta sobre o estranhamento da mãe ao presenciar suas duas filhas mais novas deixarem a igreja católica e se tornarem Testemunhas de Jeová. Nesse momento, a irmã vai morar com o pai para aprender sobre a religião e se apropriar de costumes importantes para os devotos. Entre

os novos hábitos, Alice destaca o fato de não comemorar aniversários, momentos festivos que eram recorrentes em sua família, o que foi visto como um desafio para a sua mãe:

[...] para a minha mãe foi meio difícil para aceitar no começo, ela tinha um pouco de preconceito com a religião, ela é católica e não achava uma boa religião, mas ela também não conhecia e também não queria conhecer. Mas depois de ela ver o nosso comportamento, o nosso jeito, a gente explicar pra ela o que a gente acredita, ela passou a gostar, as nossas irmãs mais velhas nunca criticaram eu e a outra irmã (Alice, 17 anos, 2º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

Refletindo sobre as relações inter-religiosas vividas no contexto nacional, Bortone e Groppo (2022) citam a pluralidade religiosa, que se encontra em constante movimento no Brasil. As relações sociais vividas informalmente, presentes de forma não intencional tanto na vida social quanto coletiva dos sujeitos, proporcionam a convivência dos diversos valores e hábitos religiosos, que também se cruzam nas rotinas familiares. Ylana diz como está elaborando a sua fé, e conta a sua experiência na igreja evangélica, ao acompanhar a sua mãe:

No início, eu fui por causa da minha mãe, ela ficava: “Vão comigo?!” e meu irmão também já não ia, mesmo a namorada dele sendo religiosa. Então, era eu, ela e meu padrasto em casa, ele também não ia. Então, ela quis que eu fosse com ela, aí eu fui... No início, eu não gostei porque eu sou difícil de entrar num espaço assim, mas depois eu fui gostando, fui conhecendo as pessoas, mas tinha vez que eu chegava lá eu só queria voltar, eu só queria ir embora, aí depois que eu comecei a entender e tudo mais, que eu comecei a gostar de ir, mas também tinha uma coisa que me incomodava, que era a pessoa querer que a gente tivesse na igreja e já batizasse, já ficar certinho... sendo que eu não tenho o conhecimento, nem a minha mãe até hoje não tem o conhecimento sobre tudo ou pelo menos a base, então isso me incomodava e aí eu custei a entender, hoje ela fala: *se um dia eu passar por uma igreja ou alguém me convidar e eu gostar, eu vou ficar*, e do mesmo jeito eu. Eu já tive amiga, amizade que me chamou tanto para ir para igreja, tanto pra ir no terreiro e eu falo no dia que eu tiver vontade, vou ir (Ylana, 15 anos, 1º ano do ensino médio – trecho de entrevista).

A narrativa de Ylana demonstra o trânsito religioso vivido por ela. No atual contexto histórico das juventudes brasileiras, as relações inter-religiosas têm sido fruto da pluralidade de crenças e das constantes transformações no campo religioso. Esse movimento possibilita uma articulação entre o público e o privado que, ao ser debatida com os jovens, proporciona o despertar para a atuação política e autônoma, encontro importante para o fortalecimento da democracia brasileira (Bortone; Groppo, 2022).

No que tange ao momento histórico que vivemos, Novaes (2018) nos chama a atenção para a vivência religiosa dos/as jovens brasileiros/as, pois a atual possibilidade de movimentação entre as religiões e os sem religião destaca-se nas pesquisas. Convém salientar que, a realidade vivida pelos estudantes está entrelaçada entre o presencial e o virtual,

convivendo em famílias multirreligiosas, proporcionando aos jovens um repertório diversificado, sobre as múltiplas religiões presentes em sua comunidade.

O trânsito religioso também fez parte da vida de Mateus. A estudante conta as suas experiências religiosas: “Eu já fui evangélica, sempre tava na igreja, eu já fui católica e fiz a primeira comunhão, eu abria a porta da igreja porque eu era sempre a primeira a chegar, mas não era aquela coisa que me prendia”. As experimentações das múltiplas religiões que compõem a sociedade brasileira estão presentes na vida das/os jovens.

Ao ouvir os/as estudantes, interlocutores/as da investigação, e dialogar com alguns/algumas autores/as que debatem os temas que atravessam a pesquisa, percebe-se que o material identificado incita o diálogo sobre outros temas, tais como currículo escolar, ensino religioso, laicidade no contexto escolar, criacionismo, uso da bíblia como material didático e racismo religioso. Temas importantes ao debate, mas que não cabem no tempo de pesquisa e escrita deste texto.

5 CONCLUSÕES

Partilhando as abordagens teóricas e relacionando-as aos dados proporcionados pela investigação, nota-se que as questões ligadas à religiosidade estão presentes em todas as esferas sociais, sobretudo na escola, nosso local de investigação. O debate sobre como os/as estudantes vivenciam suas crenças não é um tema de pesquisa tão atraente. Conforme dito anteriormente, a religiosidade vivida nas instituições públicas de ensino não apresenta grande quantidade de pesquisas, conforme outros temas.

Portanto, destacamos a importância de dialogar sobre a religiosidade na vida dos/as jovens, em especial no ambiente escolar. Para ilustrar como as relações religiosas são vivenciadas nas escolas, trouxemos matérias noticiadas com episódios vividos na sociedade brasileira. Nesse contexto, ressaltamos a importância de refletir sobre a postura pedagógica quando se trata de religião.

É importante enfatizar que o período pandêmico vivido em todo o mundo apresentou dificuldades que se iniciaram em 2020, mesmo ano em que iniciei o mestrado. Assim, utilizei a prorrogação máxima dos prazos para possibilitar a investigação presencial, que finalmente foi realizada, no ano de 2022.

Constatamos que o ensino médio da escola investigada é permeado por diversas crenças ou não crença entre os/as estudantes. Apesar da dificuldade de conseguir um número satisfatório de respostas ao questionário, ao longo da investigação, o instrumento registrou um perfil da diversidade, sobretudo considerando as múltiplas religiões presentes entre os/as estudantes do turno da manhã. Para a entrevista narrativa, houve um número elevado de estudantes dispostos/as a contribuir para a investigação, o que levou ao sorteio. Nesse contexto, percebe-se uma vontade dos/as jovens de conversar sobre o assunto proposto.

No que diz respeito à pergunta central que direciona esta investigação, constatamos que há uma realidade composta por diversas formas de crer, de modo que a troca de saberes e as curiosidades permeiam as vivências escolares. As relações interpessoais vividas são narradas pelos/as interlocutores/as com um discurso voltado para o respeito, o que dá indícios de que eles reconhecem e estão atentos à diversidade de crenças vivida na escola, mas sempre pontuam com uma ressalva quando se trata de fé.

Destacamos também a narrativa de uma estudante, que relatou um evento em que uma professora, criacionista segundo a aluna, lecionou a sua aula baseada nos saberes da bíblia, situação que causou desconforto entre a aluna e a docente em sala de aula. Essa situação se

relaciona a uma discussão importante e presente na Câmara dos Deputados, onde os PLs em debate têm o objetivo de implementar a bíblia sagrada como material didático obrigatório. Em um debate importante, que coloca a laicidade em xeque, torna-se necessário destacar o proselitismo religioso proposto no ambiente escolar, pois a bíblia é um livro sagrado somente para os/as cristãos/ãs e, como sabemos, a população brasileira é composta por diversas crenças religiosas ou não religiosas.

As narrativas dos/as estudantes dizem sobre as diversas formas de crer entre os/as colegas. Assim, as vivências escolares permitem ocasiões em que é possível aprender sobre a religião da outra pessoa, considerando aquilo que o/a jovem aprendeu com seus familiares sobre uma crença.

Com o fim do isolamento social, que durou, aproximadamente, dois anos, os/as estudantes retomaram a rotina escolar após as aulas remotas, impostas pela pandemia de covid-19 em março de 2020, apenas com o retorno presencial no início do ano letivo de 2022.

Cabe lembrar que a transição do ensino fundamental para o ensino médio foi atípica, tendo cada sujeito vividos os seus desafios nesse momento histórico. Por mais que tenhamos focado no ensino médio, as falas trouxeram muitas vivências escolares em outras instituições de ensino, desde a creche e o ensino fundamental até o ensino médio. Após o isolamento social, o momento de retorno à escola foi considerado uma readaptação ao ambiente escolar.

Experiências que se encontram na memória desses/as jovens foram registradas como algo significativo em seu processo de aprendizagem escolar. Nesse sentido, repensar o modelo de organização de atividades pedagógicas e momentos celebrativos, ouvir os/as estudantes e refletir sobre como as aulas de ER estão sendo assimiladas por eles é algo significativo para o debate. Trata-se de temática importante, mas, pelos limites desta investigação, não pudemos aprofundar.

Notamos ainda a presença marcante dos grupos familiares em todo o processo do aprendizado do pertencimento religioso vivenciado pelos/as estudantes, tradições religiosas familiares definem hábitos e comportamentos de muitos/as. Em contrapartida, as múltiplas religiões também são vividas nos grupos familiares. As situações de tensão pelas diferentes crenças estão presentes ali, assim como acontecem na nossa sociedade. São momentos que proporcionam uma reflexão importante para a cultura de paz e, no final das histórias narradas, se estabilizam com o respeito nas relações de convivência.

Constatamos que o trânsito religioso também faz parte da vida dos/as jovens, que adotam movimentos de experimentação de crenças também apontados por outras pesquisas com

as quais dialogamos. A experiência da multiplicidade religiosa proporciona novas formulações de crenças ou a apropriação das múltiplas formas de crer.

Diante dos diversos apontamentos realizados, percebemos que o debate sobre as religiosidades precisa romper os muros escolares: um assunto que é tratado como tabu deve ser debatido do ponto de vista pedagógico, pois o conhecimento sobre aquilo que não é socialmente enaltecido deve ser construído para não reproduzirmos preconceitos e proporcionarmos uma escola mais acolhedora para todos.

Nesse contexto, o papel docente precisa ser repensado quando se trata de diversidade religiosa no ambiente escolar, as narrativas constataam que os/as jovens chegam à instituição de ensino com as suas experiências, atravessados por seus pertencimentos religiosos ou não religiosos. Essa realidade deve ser considerada e repensada, pois o que foi possível notar é que a escola não reproduz somente a humanização, mas também é um lugar de desumanização.

Em razão dessa situação, houve o desejo de compartilhar algumas narrativas dos/as estudantes com professores da instituição de ensino pesquisada. Assim, foi organizada uma roda de conversa com os/as professores/as, iniciando o debate a partir das falas dos/as estudantes que estão ali todos os dias.

Para cumprir a última etapa da pesquisa, um recurso pedagógico foi pensado e desenvolvido como uma proposta de intervenção quando tratamos de relações interreligiosas. O material proposto é uma formação continuada para os docentes, também compreendida como um retorno para a comunidade escolar que acolheu a pesquisa.

5.1 Recurso Educacional

O material proposto como intervenção pedagógica tem o objetivo de favorecer a formação continuada a partir da temática da diversidade religiosa, destinando-se a professores que atuam na Educação Básica. Com a expectativa de retribuir a acolhida da comunidade escolar no desenvolvimento da pesquisa: *Narrativas juvenis e vivências da diversidade religiosa no cotidiano escolar*, o recurso pedagógico tomou o formato de grupo focal. Com a proposta de roda de conversa, o encontro com os/as docentes é organizado em duas etapas, sendo cada parte desenvolvida em aproximadamente duas horas.

Para Clarice Pommer e Wagner Pommer (2015), ao realizar o grupo focal, é importante considerar o ato de pensar, sentir e o agir docente. O processo de ensino e aprendizagem não se

define por questões de caráter cognitivo, mas também se constrói nas significações presentes e nas emoções que permeiam todo esse processo vivido na escola.

A dinâmica do grupo focal deve acontecer em um espaço acolhedor, com música instrumental ao som ambiente, num local onde as/os docentes se sintam confortáveis e tranquilas/os. Para iniciar a reflexão, o tema gerador nos auxilia: “Como eu professor/a percebo as questões religiosas colocadas pelos estudantes?”.

Como moderadora é importante proporcionar um tempo para que todos façam a leitura do tema gerador e pensem sobre a frase projetada. Soma-se a isso a oportunidade de todos se expressarem em relação à questão colocada, mantendo o foco no debate. O momento oportuniza uma reflexão coletiva, com a emergência de opiniões diversas sobre o tema proposto. Após todos expressarem as suas percepções e pensamentos sobre o tema gerador, é proposto um intervalo de quinze minutos para descontrair e realizar um lanche.

A segunda etapa da formação propõe a escuta das narrativas das/os jovens colaboradores/as da pesquisa. Com a projeção de parte das narrativas das/os estudantes, sendo, o ponto forte da pesquisa os relatos. O material analisado pelo grupo de professores oportuniza uma escuta focada para as vivências da religiosidade na vida das/os estudantes, dentro e fora do ambiente escolar.

O exercício de ouvir o que as/os estudantes vivenciam, compartilham, sentem e elaboram sobre as crenças que habitam o interior da escola, na perspectiva das/os jovens entrevistadas/os. Criar novas interpretações sobre as práticas pedagógicas cotidianas, as discussões, tensões, conflitos que perpassam as vivências, os pertencimentos, a afirmação da religiosidade e da não religiosidade daqueles presentes na escola.

As falas projetadas se encontram no capítulo quatro desta dissertação, ilustram algumas experiências vivas na memória das/os estudantes. Diante desse contexto, novos debates são instigados por relatos que abordam temas como: diversidade religiosa, as/os sem religião, relações interpessoais no contexto social, escolar e familiar.

Entre as narrativas, surgem memórias da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, os eventos estão em calendários semanais compostos por orações e música cristãs, um fato que legitima o proselitismo religioso no ambiente escolar, realidade que não contempla as religiões de todos. As aulas de Ensino Religioso também são frequentemente lembradas, proporcionando diversas reflexões pedagógicas enquanto ao conteúdo lecionado nas escolas públicas brasileiras. Outro ponto importante para o debate é o relato de uma aula lecionadas no Ensino Médio utilizando o ensino da bíblia, realidade demonstra que o criacionismo está presente em aulas

ministradas em instituições públicas de ensino. Outro diálogo pode ser gerado são os silenciamentos colocados por preceitos religiosos diante às diversas formas de se expressar no mundo, entre os diversos temas que atravessam a pesquisa.

Essa etapa da formação propõe a quebra de paradigmas, outras reflexões sobre a questão da diversidade de crenças na escola, e como a comunidade escolar lida com essas vivências. Despertando uma autoavaliação qualitativa da/os docentes, proporcionando novas abordagens pedagógicas a partir da escuta das falas das juventudes.

Para concluir o encontro, ao som de música ambiente, sugere-se a construção de grupos de até cinco pessoas, onde juntos, as/os professores/as construirão forma de expressar o conhecimento elaborado, seja por meio de cartazes, desenho, poesia coletiva, música, etc. Para finalizar, cada grupo pode apresentar a construção dessa nova reflexão sobre as relações interreligiosas em nossa sociedade e, sobretudo, na escola.

CECCHETTI, Elcio. Diversidade religiosa e currículo escolar: presenças, ausências e desafios. *In: IX ANPED SUL*. Caxias do Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. **Anais...** UFSC, 2012, p. 1-15. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2968/946>. Acesso em: 12 jul.2021

CORREA, Lycinia Maria. **Entre apropriação e recusa**: os significados da experiência escolar para os jovens da periferia urbana de São Bernardo do Campo, 2008. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia, uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CUNHA, Luiz Antônio Cunha. A entronização do Ensino Religioso na Base Nacional Curricular Comum. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 134, p. 266-284, 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2., 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/lagoa-santa.html>. Acesso em: 20 mai. 2022.

JAHN, Guilherme Machado; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A Religiosidade em Adolescentes Brasileiros. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 38-54, 2017. Disponível em: doi:<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1541>. Acesso em: 03 jun. 2022.

LIONÇO, Tatiana; MATTOS, Amanda Rocha. Ensino do Criacionismo e da Bíblia nas Escolas Brasileiras: Análise de Proposições Legislativas Atuais. Revista: **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1352-1373, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/63944/40265> . Acesso em: 23 dez. 2022.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf. Acesso em: 29 set., 2021.

NOVAES, Regina, Juventude, Religião e Espaço Público: Exemplos “Bons Para Pensar” Tempos e Sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, p.184- 208, 2012.

NOVAES, Regina. **Juventude e religião**, sinais do tempo experimentado. Rio de Janeiro: Interseções v. 20 n. 2, p.351-368, 2018.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. A santa dos pretos: apropriações do culto de Santa Efigênia no Brasil Colonial. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 35, p. 237-262, 2007.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; STRASSBURG, Udo; PIFFER, Moacir. Técnicas de pesquisa qualitativa: uma abordagem conceitual. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 32, p. 87-110, 2017.

OLIVEIRA, Graciela; BIZZO, Nélio. Evolução Humana e Religião: Opiniões de Jovens Brasileiros e Italianos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 135–156, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4401>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev. bras. linguist. Apl**, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUPE, Virgínia. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 29 ago. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 de out.2021.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 15-24, set/out/nov/dez. 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141324781997000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 ago. 2021.

PEREGRINO, Mônica. Trajetórias Desiguais: Um Estudo Sobre o Processo de Escolarização Pública de Jovens Pobres. **Rio de Janeiro: Garamond**, 2010.

POMMER, Wagner. M.; POMMER, Clarice. P. C. R. A Metodologia do Grupo Focal e a Formação Continuada do Professor: Um olhar interativo envolvendo a articulação cognição e emoção. Goiânia: **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/30250>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PORELLI, Ana Beatriz; BORTONE, Douglas; GROppo, Luís Antônio; ZAN, Dirce Djanira. Pertencimento Religioso e Atuações Juvenis na Escola de Ensino Médio. In: OLIVEIRA, V. H. N.; CASTILHO, R. **Juventudes brasileiras**: questões contemporâneas. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021. p. 63-86.

QEDU. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. 2020. Disponível em: <https://qedu.org.br/brasil/ideb>. Acesso em: 02 fev. 2021.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**. Campinas: Mercado das letras, 2013.

ROCHA, Anderson. **Mãe perde guarda de filha após leva-la à umbanda na grande BH.** 2022. Disponível em: [Mãe perde guarda de filha após levá-la à Umbanda na Grande BH | O TEMPO](#). Acesso em: 15 mai. 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da encruzilhada.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTANA, Carla da Silva. Girando o caleidoscópio: A formação de novas imagens no trabalho de olhar para os dados da pesquisa qualitativa. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 36, p. 407- 423, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. p.1-15.

SETTON, Maria da Graça; J. VALENTE, Gabriela. Religião e Educação no Brasil: uma leitura em periódicos (2003 -2013) **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 160, p.410-440, abr./jun. 2016.

SETTON, Maria da Graça; J. VALENTE, Gabriela. Notas Etnográficas Sobre a Religiosidade na Escola. **Cadernos Cerus**, v. 25, n. 1, p. 09 G, 2014.

SILVA, Marcos Antônio. O impacto do discurso ultraconservador na relação entre família e escola. In: XX CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: SOCIEDADE, ESTADO E NATUREZA. **Anais...** Belém - PA. 12 a 17 jul. 2021.

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no Espelho: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SPÓSITO. Marília Pontes. Educação e Juventude. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 29, p. 7-13, jun. 1999.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA. **Anais...** Salvador, 2006.

UFMG. Faculdade de Educação. **Afirmção na pós 2021.** 2021. Disponível em: https://ufmg.br/storage/7/4/7/c/747ccd0205bc92df485de484ceb96889_16228265852417_1993652038.pdf. Acesso em: 14 mai. 2022.

VALENTE, Gabriela Abuhab. Democracia e Liberdade Religiosa: Laicidade, Ensino Religioso e Educação. **Pro-posições**, v. 29, n.1, 2018.

WILLAIME, Jean-Paul. A favor de uma sociologia transnacional da laicidade na ultramodernidade contemporânea. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 303-322, maio-ago. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/9650/6622>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ANEXO 1 – Questionário

JOVENS DO ENSINO MÉDIO E DIVERSIDADE RELIGIOSA: como as relações são construídas no cotidiano escolar?

Data de aplicação: ____/____/2022.

Escola Estadual Nilo Mauricio Trindade Figueiredo – Lagoa Santa - MG

Observação: _____

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. Data de nascimento: ____/____/_____

3. De acordo com as categorias de cor/raça do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), você se declara:

() Branco () Pardo

() Preto () Indígena

() Amarelo (de origem asiática)

4. Com quem você mora? (Se necessário marque mais de uma alternativa) () Com meus pais.

() Com minha mãe.

() Com meu pai.

() Com meu padrasto.

() Com minha madrasta.

() Com outros familiares.

() Com amigos.

() Sozinho (a).

5. Você tem irmãos? Se não, pule para a questão nº8.

() Sim () Não

6. Quantos?

() Um.

() Dois.

() Três ou mais

7. Quantas pessoas moram na mesma casa que você?

() Nenhuma. () Uma ou duas pessoas.

() Três ou quatro pessoas. () Cinco pessoas ou mais.

8. Em qual cidade você nasceu?

10. Em qual cidade você mora?

9. Em qual bairro você mora?

Outra. Qual? _____

22. Você já presenciou manifestações religiosas na escola?

Sim. Não.

23. Qual a manifestação religiosa que você já presenciou na escola? (Se necessário, marque mais de uma alternativa).

Evangélica.

Católica.

Espírita.

Umbanda, Candomblé.

Judaica.

Islâmica.

Nenhuma

Outra. Qual? _____

ANEXO 2 – Carta de anuência

CARTA DE ANUÊNCIA

À Escola Estadual Nilo Maurício Trindade Figueiredo

Prezada Diretora,

Eu, Daniela Helena Cristina da Silva, aluna do Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE) da Faculdade de Educação (FAE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), venho solicitar autorização para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: *Jovens do Ensino Médio e Diversidade Escolar: Como as relações são construídas no cotidiano escolar?*, cujo objetivo de estudo é investigar como as relações sociais se constituem no ambiente escolar, quando permeadas pelas manifestações religiosas dos jovens, estudantes do ensino médio de uma escola pública.

Solicitamos autorização para que a pesquisa seja realizada através de coleta de dados com questionário, entrevistas e escrita de cartas. As coletas de dados serão realizadas durante o horário de aula, em parceria com os professores; sendo que a condição para a realização deste estudo é o comprometimento da pesquisadora com o sigilo e anonimato, conforme consentimento livre e esclarecido que será assinado pelo (a) estudante, caso seja menor de dezoito anos, assinado pelo responsável legal.

Todas as observações e informações que obtivermos serão voltadas para fins acadêmicos, registradas no material em texto desenvolvido como Dissertação de Mestrado e/ou ainda destinado à inclusão em outros trabalhos científicos e de estudos (livros, artigos, slides, transparências e recursos audiovisuais), sem limitação de tempo ou de número de publicações e exposições. Todos os dados obtidos serão arquivados em um armário na sala da orientadora desta pesquisa, Professora Dra. Licínia Maria Correa, no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE), da Universidade Federal de Minas Gerais, situado na Avenida Antônio Carlos, 6627 – Pampulha – Belo Horizonte/MG, por um período de cinco anos, sob responsabilidade da pesquisadora e da professora orientadora da pesquisa, acima citada.

Os riscos referentes a possíveis desconfortos ou constrangimentos que os estudantes possam vir a ter ao responder ao questionário ou entrevista, pelo tempo dedicado a essa atividade, bem como os possíveis riscos concernentes à gravação de áudio a ser realizada pela pesquisadora ou pela perda de privacidade, serão minimizados pelo anonimato garantido, pois será utilizado um pseudônimo no lugar do nome e, assim, as informações fornecidas não serão associadas aos mesmos, em nenhum documento. Assim, garantimos sigilo.

Os estudantes terão participação voluntária, com a liberdade de recusa e desistência em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer penalização ou prejuízo ao tratamento a que está sendo submetido nesta instituição. Os estudantes envolvidos na pesquisa não receberão remuneração por sua participação e não se responsabilizarão por qualquer natureza de gastos, pois eu como pesquisadora providenciarei todos os materiais necessários e, portanto, não haverá ressarcimento de despesas.

Durante todo o período da pesquisa a senhora tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora,

com a orientadora da pesquisa e/ou com o Conselho de Ética em Pesquisa da UFMG. Os contatos estão no final desse documento.

Consentindo que os estudantes possam participar voluntariamente desta pesquisa, peço-lhe a gentileza de assinar e devolver a carta de anuência, em duas vias, com rubrica em todas as páginas, sendo que uma das vias ficará com a senhora e a outra será arquivada pelos pesquisadores por cinco anos.

Atentado para o respeito pela dignidade humana, pela ética e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas, corroboramos com a Resolução 466/2012, esclarecemos que a pesquisa terá início após a aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa/UFMG e caso haja nova pesquisa os participantes ou responsáveis serão procurados para assinatura de outro termo.

Rubrica Pesquisador: _____

Rubrica Diretora: _____

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Atenciosamente,

() Concordo e autorizo a realização da pesquisa.

() Discordo e desautorizo a realização da pesquisa

Assinatura e carimbo da Diretora da Escola Estadual Nilo Maurício Trindade Figueiredo

Carimbo da Instituição

Lagoa Santa, _____ de _____ de 2022.

Daniela Helena Cristina da Silva (Pesquisadora mestranda)

Profa. Dra. Lycinia Maria Correa (Pesquisadora responsável)

Contatos: DANIELA HELENA CRISTINA DA SILVA, PROFA. DRA. LICINIA MARIA CORREA Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Sala 1632, DECAE/FAE. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. Telefone (31)995447296. E-mails:dani.helenasilva@gmail.com (31)95051516-liciniacorrea@gmail.com . **COEP-UFMG – Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG.** Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: 34094592. E-mail: coep@prpq.ufmg.br.